

Os Animais: suas percepções e manifestações espirituais



BALTARAK
2015

Paulo Neto

Copyright 2019 by

Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)

Belo Horizonte, MG.

Capa (adaptação de Ana Luísa Barroso da Silva Neto):

https://imagens.mensagemespirita.com.br/images/uploads/posts_file_foto/ar-784x400-animais1.jpg

Revisão:

Hugo Alvarenga Novaes

Rosana Netto Nunes Barroso

Diagramação:

Paulo Neto

site: www.paulosnetos.net

e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, dezembro/2019.

os Animais: suas percepções e manifestações espirituais

(versão 17)

“A teoria e os fatos são duas coisas distintas; os erros da primeira nunca poderão destruir a força desses últimos.” (ALEXANDRE AKSAKOF)

“Os fatos são argumentos sem réplicas, dos quais é preciso cedo ou tarde aceitar as consequências quando são constatados.” (ALLAN KARDEC)

Paulo Neto

Índice

I - PREFÁCIO, INTRODUÇÃO E CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Apresentação.....	5
Prefácio.....	8
Introdução.....	14
Considerações Iniciais.....	17

II - ANIMAIS ENCARNADOS

O que lhes acontece após a morte?.....	25
Os animais também teriam a faculdade mediúnica?.....	37
Percepções sensitivas dos animais.....	41
Casos de manifestações de animais vivos.....	66
Prováveis casos com “transmissões telepáticas”	78

III - ANIMAIS DESENCARNADOS

As manifestações de animais não seriam tão só criações mentais?.....	91
Manifestações de espíritos de animais.....	113
Renomados pesquisadores e/ou escritores do Espiritismo..	130
Produção mediúnica e experiência de médiuns.....	171
Na TCI também são registradas transimagens de ‘pets’	183

IV - CONCLUSÃO E BIBLIOGRAFIA

Conclusão.....	188
Bibliografia.....	203

I - PREFÁCIO, INTRODUÇÃO E CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Apresentação

Há muito se debate, no meio espírita, a questão do destino da alma dos animais. Diversos autores já se debruçaram sobre o tema, sendo que muitos de nós, preocupados que estamos em decodificar os complexos mecanismos relativos à alma humana, acabamos por relegar a questão a segundo plano. Os animais, em suas mais variadas gradações evolutivas, guardam mistérios que nos cabe estudar e desvelar, uma vez que, além de conviverem conosco no orbe terrestre, representam um importante estágio pelo qual passa o princípio inteligente em sua jornada até atingir a condição de espírito.

O prezado confrade Paulo Neto, em um grande e respeitável esforço de trazer luz ao tema, conseguiu reunir, em um só lugar, tudo o que de mais importante precisamos saber para um aprofundamento sobre o tema, ressaltando que Allan Kardec não teve tempo suficiente para sobre ele debruçar-se, frente às inúmeras frentes de trabalho que pairavam à sua frente em sua hercúlea tarefa de

nos trazer as Verdades do Espírito imortal.

Nós mesmos, até lermos esta extensa e elucidativa obra, nos perguntávamos se realmente haveria animais no mundo espiritual, ou se eles logo, quase que automaticamente, ocupariam um outro corpo, não se pondo em contato com outras criaturas.

Claro que há, não podemos olvidar, a evolução anímica, pois notamos haver no mundo animal uma infinita gama de particularidades que tornam certas espécies muito superiores às outras em inteligência, mesmo que disfarçadas de mero instinto. Cães, golfinhos e símios, todos mamíferos, por exemplo, parecem cada vez mais se aproximar da natureza humana, demonstrando habilidades intelectivas e emoções que espantam até aos mais incrédulos e desinteressados.

Com o desencarne de Allan Kardec, importantes estudiosos envidaram esforços e pesquisas sobre a alma dos animais, tal como Ernesto Bozzano, demonstrando, por meio de provas cabais, que eles não só sobrevivem à morte do corpo físico, mas que podem até mesmo conosco se

comunicar.

Convido, portanto, o leitor, a desapegar-se de ideias preconcebidas e analisar com atenção o conteúdo desta obra que, a nosso ver, é a mais completa sobre o tema até hoje publicada. Paulo Neto reuniu estudos e relatos dos mais variados autores que, além de demonstrarem total concordância, estão calcados em fatos, dirimindo as dúvidas que geralmente surgem em função do desconhecimento sobre a existência de uma série de fenômenos.

Parabenizamos o autor e amigo Paulo Neto por esse seu trabalho, assim como sugerimos ao prezado leitor que conheça seus outros trabalhos, sempre realizados com esmero, competência e grande honestidade intelectual em prol da divulgação dos princípios e verdades que o Espiritismo tem a missão de nos revelar.

Artur Felipe Ferreira
Professor, tradutor, revisor e escritor
Niterói (RJ), 19/02/2021

Prefácio

Dentre as muitas obras já escritas pelo nosso amigo e confrade espírita Paulo Neto, algumas delas, tive a oportunidade de apreciar, em agradável leitura, um conteúdo bem fundamentado nas premissas de impecável e inquestionável valor evangélico-doutrinário.

Essa que agora chega ao público, vem com riqueza de detalhes. Realmente, é um trabalho, curioso, interessante, esclarecedor e sobretudo causa encantamento ao leitor.

Este novo trabalho de nosso amigo, e escritor espírita, intitulado – **Os ANIMAIS: suas percepções e manifestações espirituais**, faz uma abordagem interessante, sobre a sensibilidade e percepções desses nossos “irmãozinhos menores”, que ainda na condição de irracionais, debatem-se nos labirintos escuros da animalidade, galgando os primeiros degraus da longa escada da evolução do espírito, que ora, como ALMA ANIMAL, busca a ativação dos seus conteúdos naturais ínsitos em sua

intimidade, o que é atributo de todos os seres da criação.

Todos sabemos que fomos criados simples e ignorantes, ou seja, sem o conhecimento, e na intimidade de cada criatura, encontram-se latentes, potenciais inimagináveis à espera do seu despertar, o que nos recorda o doce conto dos irmãos Grimm que nos embalou, no berço do encantamento, os sonhos de criança, naquele conhecido conto, “**A Bela Adormecida**” despertada pelo “Beijo do príncipe”.

Voltando à obra em questão, e revisando nossos conhecimentos no que toca à Evolução do Princípio Espiritual, vamos encontrá-lo estagiando no Reino Vegetal, no Reino Animal e despertando no Reino Humano, trazendo na sua intimidade um potencial gigantesco, o que nos faz lembrar a parábola de Jesus, **O Grão de Mostarda**, contida nos evangelhos de Mateus 13: 31 a 32; Marcos 4: 30 a 32 e também em Lucas 13:18 a 19, onde se lê:

“O Reino dos Céus é semelhante a um grão de mostarda, que um homem tomou e lançou no seu campo; o qual grão é, na verdade, a menor

de todas as sementes, mas depois de crescida é a maior das hortalças e faz-se árvore de tal modo que as aves do céu vêm pousar nos seus ramos.”

Desde que lançada à gleba, ali, no aconchego da terra generosa e escura, imediatamente a pequena semente, coloca toda a sua força interior à busca de expansão, sob a tutela dos quatro elementos indispensáveis ao seu desenvolvimento – TERRA, ÁGUA, LUZ E CALOR. E o princípio espiritual ali em desenvolvimento, sob o impacto das leis naturais, desperta a sensibilidade que irá projetá-lo mais adiante, nas experiências que o instinto animal agrega às conquistas do espírito em evolução.

Voltando a falar da obra em cujo prólogo deixamos aqui as nossas melhores impressões, e que nos encantou à leitura, não só pela qualidade das informações ali contidas e retiradas de um acervo literário indiscutivelmente impecável e confiável, como também pelas interessantes abordagens e a vivacidade literária que caracteriza o estilo do nosso amigo escritor.

É uma obra muito esclarecedora, de leitura

fácil e inteligível, onde o leitor encontrará muitas informações sobre o mundo animal, suas percepções, sua sensibilidade, ainda para muitos de nós desconhecida.

Mas o progresso inestancável, ao longo dos séculos tem aproximado o homem do animal, para que este, em contato com aquele, pudesse, pouco a pouco ir assimilando os componentes vibratórios da “astralidade humana”, o que vai auxiliando-o na precipitação da sua “psiquê” nos rumos da evolução natural, dentro do contexto pertinente a seu espécime, na qual, sua alma ainda estagiará por incontáveis milênios.

Aí, vem aquela dúvida... Os animais têm alma? Não seria apanágio somente dos homens?

Em se tratando dos animais, como é o caso da obra em questão – **Os ANIMAIS: suas percepções e manifestações espirituais**, diríamos, conforme nos ensina *O Livro dos Espíritos*, no seu capítulo XI, da segunda parte da obra, onde trata dos Três Reinos, questão 597, que esclarece e afirma: **OS ANIMAIS TÊM ALMA, SIM!** Vejamos como escrito:

597. Pois que os animais possuem uma inteligência que lhes faculta certa liberdade de ação, haverá neles algum princípio independente da matéria?

“Há e que sobrevive ao corpo.”

a) - Será esse princípio uma alma semelhante à do homem?

“É também uma alma, se quiserdes, dependendo isto do sentido que se der a esta palavra. É, porém, inferior à do homem. Há entre a alma dos animais e a do homem distância equivalente à que medeia entre a alma do homem e Deus.”

Partindo da premissa de que os animais têm alma, certamente terão suas percepções e manifestações tanto em vida como depois da morte do corpo, o que está muito bem elucidado na obra do nosso amigo Paulo Neto.

Recomendamos, portanto, a leitura desta obra que apresenta interessantes e seguros apontamentos sobre os animais, os quais vem abrir novos horizontes ao conhecimento humano,

desvendando os mistérios que envolvem a vida desses nossos **“irmãozinhos menores”**.

O encantamento que nos envolve durante a leitura, certamente, não só nos esclarecerá sobre o tema, como também dar-nos-á prazerosos momentos literários, pois quem lê, também viaja pelo imensurável universo do conhecimento. Portanto, leitores a bordo! Viajemos, enfim, pelo encantado mundo animal!

Eliane Alves Batista

Expositora Espírita e Escritora

Belo Horizonte (MG), 08/01/2020

Introdução

Acreditamos que seja fácil para qualquer um perceber a intensa curiosidade das pessoas, até mesmo entre aquelas não espíritas, sobre o que acontecerá com os animais após a morte. O motivo disso é óbvio: grande parte da população tem animais de estimação, os chamados “pets”.

O laço de amor que se estabelece entre os donos e seus animais é algo muito evidente, a ponto de se ver que, quando eles morrem, copiosas lágrimas correm pelo rosto de seus donos. Algumas vezes, até mesmo dos amigos desses, que lhes compartilham a dor da perda.

Os “de fora” jamais entenderão essa dor e nem a saudade que se tem do animal de estimação, certamente, só quem possui ou teve um terá condição de avaliar.

As colocações que serão feitas, de forma especial, se aplicariam aos animais superiores ou mais inteligentes; os Espíritos elevados citam, por exemplo, o cão, o elefante e o cavalo ⁽¹⁾. Além

desses, citam-se o macaco, o gato e o muar, que, como os outros, também são “mais amplamente dotados de riqueza mental, como a introdução ao pensamento contínuo” (2).

Para demonstrar que nem todos eles são irracionais como muitas vezes se pensa, recorreremos à obra **O Livro dos Espíritos**, do qual combinaremos as respostas às questões 593 e 595:

É bem verdade que o instinto domina a maioria dos animais. Mas não vês que muitos agem com vontade determinada? **É que têm inteligência, embora limitada.** Os animais **não são simples máquinas**, como supondes. Contudo, **a liberdade de ação de que desfrutam é limitada às suas necessidades**, não podendo ser comparada à do homem. (3)

E, em **O Livro dos Médiuns**, cap. XXII, item 236, vemos o Espírito Erasto dizer:

“[...] reconheço perfeitamente a existência de aptidões diversas nos animais; que certos sentimentos, certas paixões, idênticas às paixões e aos sentimentos humanos, se desenvolvem neles; que são sensíveis e reconhecidos, vingativos e odientos, conforme se

procede bem ou mal com eles. É que Deus, que nada fez incompleto, deu aos animais – companheiros ou servidores do homem – qualidades de sociabilidade, que faltam inteiramente aos animais selvagens, habitantes das solidões. [...]” (4)

O certo é que, na sua escalada evolutiva, no escoar dos milênios, o princípio inteligente, de que são dotados os animais, passa por uma transformação e se torna Espírito humano, embora o como e quando isso acontece seja fato ainda ignorado. Nós tratamos desse tema em ***Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?*** (5), que indicamos aos interessados.



Nas duas transcrições, logo acima, o grifo em negrito é nosso, procedimento que, a partir daqui, faremos padrão para todas elas. Quando ocorrer de não ser, nós avisaremos.

Considerações Iniciais

Iniciaremos com a seguinte pergunta: “Espiritismo com um ponto final?” Pode até parecer estranha essa questão, mas o que falaremos é de suma importância, uma vez que muitos de nós espíritas temos, irrefletidamente, agido como um crente fanático que somente admite como revelação divina o que consta da Bíblia.

É oportuno lembrarmos do filósofo e teólogo Huberto Rohden (1893-1981) que, na obra ***Lampejos Evangélicos***, argumentando a respeito desse tipo de crença, objetivamente, disse:

Ora, **poderíamos admitir que, no longuíssimo período anterior ao tempo de Abraão, Isaac e Jacó, Deus nada tenha tido a dizer à humanidade?** E, que **pelo ano 110 da era cristã, tenha “fechado o expediente”**, à guisa de um funcionário público ou burocrata do século XX?...
(⁶)

Mas, é o que, infelizmente, nós estamos fazendo com o Espiritismo. Claro que não temos que

aceitar tudo, uma vez que devemos pesquisar os temas para ver se eles “sobrevivem” ao Controle Universal e não simplesmente os rechaçar porque não constam da Codificação.

Em nosso artigo **O Espiritismo Ainda Não Tem Ponto Final** ⁽⁷⁾,

apresentamos algumas colocações de Allan Kardec (1804-1869) de forma a ficar bem clara a posição que devemos adotar diante de todo e qualquer tema. Recomendamos aos interessados que o leia, aqui, para não nos alongarmos muito, somente lembraremos estas duas falas do Codificador:



1) **Revista Espírita 1866**, mês de julho:

O Livro dos Espíritos não é um tratado completo do Espiritismo; não faz senão colocar-lhe as bases e os pontos fundamentais, que devem se desenvolver sucessivamente pelo estudo e pela observação. ⁽⁸⁾

2) **Revista Espírita 1867**, mês de abril:

[...] estamos longe de conhecer todas as leis que regem o mundo invisível, todas as forças que este mundo encerra, todas as aplicações das leis que

conhecemos. **O Espiritismo não disse ainda a sua última palavra, muito longe disto**, não mais sobre as coisas físicas do que sobre as coisas espirituais. Muitas das descobertas serão o fruto de observações ulteriores. **O Espiritismo não fez, de alguma sorte, até o presente, senão colocar os primeiros degraus** de uma ciência cuja importância é desconhecida. **Com a ajuda do que já descobriu, ele abre àqueles que virão depois de nós o caminho das investigações numa ordem especial de ideias.** Não procede senão por observações e deduções. Se um fato é constatado, se diz que ele deve ter uma causa, e que esta causa não pode ser senão natural, e então ele a procura. Na falta de uma demonstração categórica, pode dar uma hipótese, mas até a confirmação, não a dá senão como hipótese, e não como verdade absoluta. [...]. ⁽⁹⁾

Léon Denis (1846-1927), considerado o principal divulgador do Espiritismo após o desencarne do Codificador, também é, por nós, citado nesse artigo. Vejamos o que ele disse na obra ***Depois da Morte*** (1889):

A doutrina de Allan Kardec, nascida – não seria demais repeti-lo, da observação metódica, a experiência rigorosa, não pode tornar-se um sistema definitivo, imutável, fora e acima das futuras conquistas da Ciência. [...] a Doutrina dos espíritos transforma-se, incessantemente, pelo trabalho e o progresso e, embora superior a todos os sistemas, a todas as filosofias do passado, permanece aberta às retificações, aos esclarecimentos do futuro. ⁽¹⁰⁾

Com Léon Denis fica, irrefutavelmente, demonstrado que desde o ano de 1889, quando da publicação dessa obra, já se alertava que o Espiritismo, de fato, não tem um ponto final.

Ademais, agir como se absolutamente nada pudesse mudar, crendo que, após 31 de março de 1869, tudo no Espiritismo estaria hermeticamente fechado, é desconhecer que alguns pontos foram alterados, como por exemplo, estes três:

1º) Sobre qual o momento da ligação do Espírito ao corpo;

2º) Na sua evolução, o princípio inteligente passou por algum reino anterior ao humano?; e

3º) Se a posse física (posseção) do encarnado ocorre ou não.

Em relação aos dois primeiros, recomendamos que se faça uma comparação com o que foi dito na 1ª edição de *O Livro dos Espíritos*, de 18 de abril de 1857, e o que consta na 2ª edição, de 18 de março de 1860. Acreditamos que será uma “bela” surpresa para muitos.

Quanto ao último item, deve-se constatar a evolução do pensamento de Allan Kardec, apoiado no ensino dos Espíritos. Para isso, o interessado deve iniciar a leitura do que consta em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos Médiuns*, seguir para o artigo “Um caso de possessão – Senhorita Julie”, publicado na *Revista Espírita* 1863 e finalizá-la na obra *A Gênese*.

Muito interessante é o fato de que sempre estamos descobrindo “novas coisas” nas obras da Codificação Espírita. Embora ***Obra Póstumas*** não tenha sido publicada por Allan Kardec, a sua fonte, segundo informações, foram vários documentos particulares encontrados em sua casa, após o seu desencarne. Vejamos o seguinte trecho do artigo “Fotografia e telegrafia do pensamento”:

Quando um artista de talento executa um quadro, obra magistral a que consagrou todo o gênio que progressivamente adquiriu, **dá primeiramente os traços gerais**, de sorte que se compreenda, desde o esboço, todo o partido que espera tirar dali. **Só depois de haver elaborado minuciosamente o seu plano geral é que entra nas minúcias**; e, embora a este último trabalho deva, talvez, dispensar maiores cuidados do que

àquele outro, tal não lhe seria possível, se não houvera esboçado antes o seu quadro. **O mesmo sucede em Espiritismo. As leis fundamentais, os princípios gerais, cujas raízes existem no espírito de todo ser criado, foram elaborados desde a origem.** Todas as outras questões, quaisquer que sejam, dependem das primeiras. [...]. ⁽¹¹⁾

Então, não é impróprio entender que o Codificador, por analogia, elaborou um plano geral do Espiritismo, cujas minúcias, por absoluta exiguidade de tempo, ele não pôde pessoalmente completar.

Elas, as minúcias, segundo seu pensamento, seriam desenvolvidas pelos estudos e experiências dos seus continuadores, com os quais, naturalmente, acontecerá um natural aprofundamento de todas as questões colocadas na fase anterior.

Infelizmente, uma boa parcela de nós espíritas estamos colocando um grande obstáculo ao desenvolvimento de várias questões, ao vermos o Espiritismo com um ponto final.

Encerramos esse capítulo com esta frase de Hermínio C. Miranda (1920-2013), constante da obra

O Que é o Fenômeno Anímico?,

Na verdade, nada é definitivo na busca do conhecimento. Hipóteses, teorias e suposições podem ser descartadas sumariamente algum dia, simplesmente porque se tornaram inválidas perante fatos resultantes de novas descobertas. (12)

O nobre escritor foi bem objetivo, não temos nada a acrescentar ao que ele disse.

II - ANIMAIS ENCARNADOS

O que lhes acontece após a morte?

Uma pergunta recorrente, que demonstra a preocupação de quase todas as pessoas que possuem animais é quanto ao destino deles após a morte: iriam eles para o “céu”?

Os Espíritos superiores informaram que os animais têm uma alma e, como os humanos, reencarnam e também estão sujeitos à lei do progresso. ⁽¹³⁾ Segundo eles, a alma dos animais não pode escolher a espécie animal em que vai encarnar, por não ter livre-arbítrio. ⁽¹⁴⁾

Dizem eles ainda que, após a morte, o espírito de um animal “fica numa espécie de erraticidade” e “é classificado pelos Espíritos que se encarregam dessa tarefa e utilizado quase imediatamente” ⁽¹⁵⁾. Explicam que isso se deve ao fato de que “não dispõe de tempo para se relacionar com outras criaturas”. ⁽¹⁶⁾

Na **Revista Espírita 1861**, mês de julho, Allan Kardec, entre outros argumentos a respeito das visões do Sr. O., de Glocestetrshire, diz: “[...] Sabe-se

que **não há Espíritos de animais errantes** no mundo invisível, e que, conseqüentemente, **não pode haver aparições de animais [...].**" (17)

Como veremos, os fatos apontam em direção contrária, portanto, são estes que se deve levar em conta como fator decisivo, caso consideremos isto que o próprio Allan Kardec disse: "Os fatos são argumentos sem réplicas, dos quais é preciso cedo ou tarde aceitar as conseqüências quando são constatados." (18) No capítulo "Manifestação de espírito de animais" nós transcreveremos a narrativa completa desse caso sobre as visões do Sr. O.

A existência de animais na erraticidade é noticiada por tantas fontes que já deveria tê-la considerado realidade, ainda que negada na Codificação.

O veterinário Marcel Benedeti (1962-2010), na obra ***Qual a sua Dúvida para o Tema: A Espiritualidade dos Animais***, argumentado sobre a questão 600 de *O Livro dos Espíritos* e a afirmação em *O Livro*



dos Médiuns de que “No mundo dos espíritos não há espíritos errantes de animais, mas somente espíritos humanos.”, disse o seguinte:

Algumas pessoas se apegam a essas questões para dizer que não há animais no Mundo espiritual e que os autores espirituais como André Luiz e Emmanuel se equivocaram ao descrever a presença de animais nas colônias. (19)

Primeiramente é preciso entender o que é “erraticidade” e o que significa a palavra “errante”.

Erraticidade: Período que compreende o intervalo entre uma e outra reencarnação.

Errante: É a condição de nômade. No caso é a condição de um espírito que exerce sua liberdade de maneira como aprovar.

Portanto não há realmente espíritos errantes de animais no Mundo espiritual, mas estão na erraticidade.

Não permanecem em estado errante, pois não possuem, ainda, essa liberdade. Os espíritos dos animais ficam sob a tutela de outros que se incumbem deles.

Isso em hipótese alguma, significa que os animais não fiquem no mundo espiritual enquanto aguardam o momento de reencarnarem.

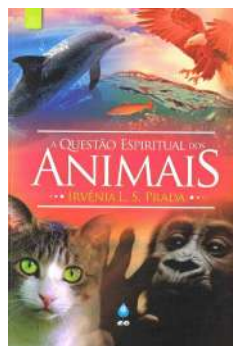
Por isso o Espírito de Verdade disse:

“(A alma de um animal) fica numa espécie de **erraticidade**, pois não está unida a um corpo. Mas **não** é um espírito errante.” (20) (grifo do original)

Benedeti publicou várias obras sobre os animais, assim é que, no meio espírita, se tornou uma importante referência em relação ao tema.

A nosso ver, a explicação que ele dá sobre a resposta à questão 600, de *O Livro dos Espíritos*, a nosso ver, deixa tudo em “pratos limpos”.

A prof.^a Irvênia Luiza Santis Prada, médica veterinária, graduada pela Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo (FMVZ-USP), na obra **A Questão Espiritual dos Animais**, no tópico



“Animais e Erraticidade”, entre várias coisas, argumenta o seguinte:

Em *O Livro dos Espíritos*, questão 224, Kardec coloca aos Espíritos: “O que é a alma [entenda-se humana] nos intervalos das encarnações? R. Espírito errante, que aspira a um novo destino e o espera”.

Nas questões que se seguem, há novamente a expressão “estado errante”. Um dos significados da palavra “errante”, segundo o dicionário de Caldas Aulete é “nômade, sem domicílio fixo”, e de errar, é “vaguear” (errando ao acaso...). Por sua vez, erraticidade, como erratibilidade, quer dizer: “caráter do que é errático. (Espir.): Estado dos espíritos durante os intervalos de suas encarnações”.

Quanto aos animais, surge a natural curiosidade de se saber como o seu Espírito se comporta na erraticidade, se é que para eles existe. *O Livro dos Espíritos*, questão 600, clarifica:

A alma do animal, sobrevivendo ao corpo, fica num estado errante, como a do homem após a morte?

R. Fica numa espécie de erraticidade, pois não está unida a um corpo. **Mas não é um Espírito errante. O Espírito errante é um ser que pensa e age por sua livre vontade**; o dos animais não tem a mesma faculdade. É a consciência de si mesmo que constitui o atributo principal do Espírito. **O Espírito do animal é classificado após a morte**, pelos espíritos incumbidos disso, **e utilizado quase imediatamente**: não dispõe de tempo para se pôr em relação com outras criaturas’.

Algumas pessoas entendem, a partir desse texto, que os animais, assim que desencarnam, são prontamente reconduzidos à reencarnação. **A expressão “utilizado quase imediatamente” não precisa ser entendida de forma literal.** O Espírito do animal pode ser prontamente “utilizado” para

uma infinidade de situações, dentre elas o reencarne, por isso “não dispõe de tempo para se pôr em relação com outras criaturas”.

Entendo que os animais, sendo conduzidos por Espíritos humanos, não dispõem de tempo livre para atuarem à sua maneira, mas, sim, conforme o estabelecido por seus orientadores. Aliás, é o que sugere o texto em foco (LE 600): “o espírito errante é um ser que pensa e age por sua livre vontade; o dos animais não tem a mesma faculdade”.

Em *O livro dos médiuns*, segunda parte, capítulo XXV, item 283, Kardec trata da possibilidade da “evocação de animais” e pergunta aos espíritos:

Pode-se evocar o Espírito de um animal?

R: **“O princípio inteligente, que animava um animal, fica em estado latente após a sua morte. Os espíritos encarregados deste trabalho, imediatamente o utilizam para animar outros seres, através dos quais continuará o processo de sua elaboração. Assim, no mundo dos espíritos, não há espíritos errantes de animais, mas somente espíritos humanos [...].**

Herculano Pires, tradutor da obra, faz a seguinte chamada em rodapé:

Espíritos errantes são os que aguardavam nova encarnação terrena [humana] mesmo que já estejam bastante elevados. São errantes porque estão na erraticidade, não se tendo fixado ainda em plano superior. **Os espíritos de animais, mesmo dos animais superiores, não têm essa condição.** Ler na *Revista Espírita* n. 7,

de julho de 1860, as comunicações do espírito Charlet e a crítica de Kardec a respeito.

Apesar de a colocação dos Espíritos ter sido taxativa, quanto a haver Espíritos errantes de animais, os fatos falam o contrário. Se assim fosse, isto é, **se não existissem animais (desencarnados) no plano espiritual, como explicaríamos tantos relatos?** Como explicaríamos a existência dos chamados “Espíritos da natureza?” Trataremos deles no próximo capítulo e já posso adiantar que vivem na erraticidade!

Ernesto Bozzano [*Os Animais têm Alma?*] refere, dentre **os 130 casos de fenômenos supranormais com animais**, dezenas de episódios com **aparição de bichos em lugares assombrados, com materialização e visão com identificação de fantasmas de animais mortos.** [...]. ⁽²¹⁾

A Prof.^a Irvênia Prada é também mais uma destacada referência quando o tema é sobre os animais. Para nós, os fatos apontam a existência de animais na erraticidade, ainda que isso não seja uma regra geral a ser aplicada a todos eles.

Do capítulo – Animais Errantes, do livro ***Todos os Animais São Nossos Irmãos***, de Marcel Benedeti, tomamos o seguinte trecho:

A avó e a mãe se olharam e um ponto de interrogação se estampou na face das duas senhoras. Elas se perguntavam mentalmente se ele estava vendo **o cão morto**.

Então, ela soltou o garoto que estava ansioso por **abraçar seu amigo** que tinha cinquenta quilos, quando encarnado. O menino correu para o quintal, em direção ao antigo companheiro, mas não sem antes parar diante do avó e endereçar-lhe um grande sorriso. **Aproximou-se do cão e o abraçou**. A mãe e a avó ficaram atônitas com o que viam. **O garotinho abraçava um cão invisível**. Pensaram em levá-lo ao médico, acreditando que talvez estivesse transtornado pela perda do companheiro. No entanto, deixaram que continuasse com sua fantasia. Algum dia ele deveria esquecer de vez o seu amigo cão.

Para substituí-lo, adotaram dois cães abandonados em uma praça. Talvez com estas novas companhias, ele se esquece do falecido cão. Era o que pensavam, mas **o animal apenas acompanhava o avô, que fazia visitas periódicas à família e à casa onde morava, quando ainda era encarnado**. Após algum tempo, o cão e o avô deixaram de visitá-los, porque o homem estava prestes a reencarnar, deixando o animal sob custódia dos amigos da Espiritualidade. O cão também iria reencarnar em breve, e, desde então, o garoto não mais citou o nome do amiguinho desencarnado.

Os alunos acompanharam o cão por vários dias, e o comportamento diante das pessoas que não o viam. Ele se sentia constrangido por não ser

notado, mas o indo-lhe e mais o que mais lhe importava era ser visto pelo garoto, a pessoa tinha mais afinidade. Eventualmente, as pessoas da casa lembraram-se do cão: comentam sobre como era inteligente e perspicaz, protegia e cuidava do pequeno garoto.

Um dos alunos disse ao professor:

– Eu pensei, quando o vimos pela primeira vez, que estivesse andando sem rumo, perdido na Espiritualidade.

– **Não há animais desamparados na Espiritualidade. Aqui eles estão sempre acompanhados por alguma pessoa. Nunca ficam, como acontece conosco, naquele estado que as pessoas encarnadas chamam de erraticidade.** Ou ficam em companhia de alguém que se responsabilizará por eles ou são encaminhados a setores específicos das colônias de animais, como a do Rancho, por exemplo. Eles não têm tempo a perder. **Quando em companhia de alguém, estão aprendendo algo, por isso não podem ficar na ociosidade.** Assim, se não estiverem acompanhados de forma autorizada, vão para a reencarnação.

[...].

Geralmente, o animal também é encaminhado à reencarnação, mas se outro requerer a tutela, poderá ou não ser cedida a transferência de responsabilidade.

– Por quanto tempo podem permanecer em nossa dimensão sob essas responsabilidades? Um tempo muito prolongado de anuência não seria um

tipo de prejuízo também a eles, uma vez que não há tempo a perder com ociosidade?

– Concordo com você. **A evolução não pode parar. Por isso existe um tempo limite que o animal pode permanecer nessa espécie de estágio, em companhia de um amigo. Após esse tempo, ele é compulsoriamente encaminhado à reencarnação.** Mas não se esqueça de que estagiar entre as pessoas nesta dimensão também é um aprendizado. Portanto, não chega a se constituir em prejuízo. (22)

Aqui temos interessantes explicações provenientes do mundo espiritual que podem sanar nossas dúvidas a respeito dos animais na erraticidade.

Lembramo-nos de Charles Richet (1850-1935), o fundador da Metapsíquica (23), que disse: “[...] não é um verdadeiro sábio aquele que não se curva perante o poder dos fatos.” (24)

Antes de encerrar esse capítulo, faremos uma breve consideração a esta transcrição da **Revista Espírita 1860**, mês de julho, como sendo uma fala de Allan Kardec:

“A alma do animal – tendes toda razão – não se

reconhece após a morte; é um conjunto de germes que podem passar para o corpo de tal ou qual animal, conforme o desenvolvimento adquirido.”
(25)

É necessário esclarecer que essa fala não é do Codificador, mas, sim, do Espírito Charlet, sobre o qual Allan Kardec informa:

Um ensinamento importante, do ponto de vista da ciência espírita, ressalta dessas comunicações. **A primeira coisa que toca, em as lendo, é uma mistura de ideias justas, profundas, e trazendo a marca do observador, ao lado de outras evidentemente falsas, e fundadas sobre a imaginação** mais que sobre a realidade. Charlet era, sem contradição, um homem acima do vulgo, mas, como Espírito, não é mais universal do que o era quando vivo, e pode se enganar porque, **não sendo ainda bastante elevado, não encara as coisas senão sob o seu ponto de vista**; não há, de resto, **senão os Espíritos chegados ao último grau de perfeição que estão isentos de erros**; os outros, por alguns dons que tenham, não sabem tudo e podem se enganar; mas, então, quando são verdadeiramente bons, fazem-no de boa fé e nisso convém francamente, ao passo que há os que o fazem conscientemente e se obstinam nas ideias mais absurdas. **Por isso, é necessário guardar-se de aceitar o que vem do mundo invisível sem tê-lo submetido ao controle da lógica**; os bons Espíritos o recomendam sem cessar, e não se

melindram nunca com a crítica, porque de duas coisas uma, ou estão seguros do que dizem, e então não temem, ou não estão seguros e, se têm a consciência de sua insuficiência, procuram, eles mesmos, a verdade; ora, se os homens podem se instruir com os Espíritos, certos Espíritos também podem se instruir com os homens. [...]. (26)

Sim, de fato deve-se ter muito cuidado, as revelações de certos Espíritos. Vejamos a resposta que Charlet deu a uma pergunta que lhe fizeram:

16. Em que se torna, então, o princípio inteligente dos animais defuntos? – R. Retorna à massa onde cada novo animal haure a sua porção de inteligência que lhe é necessária. Ora, está aí precisamente o que distingue o homem do animal; é que nele o Espírito está individualizado e progride por si mesmo, e é também o que lhe dá a superioridade sobre todos os animais; eis porque o homem, mesmo selvagem, como fizestes notar, se faz obedecer mesmo pelos animais mais inteligentes. (27)

Para Charlet após a morte a alma do animal “retorna à massa”, fato que, conseqüentemente, o faria perder a sua individualidade. Ora, isso é contrário ao que foi dito na resposta à questão 598, que afirma que os animais conservam a sua individualidade.

Os animais também teriam a faculdade mediúnica?

Esse é um questionamento que Allan Kardec se propôs a esclarecer. Em ***O Livro dos Médiuns***, cap. XXII – Mediunidade nos animais, entre outras, ele faz as seguintes considerações:

234 Os animais podem ser médiuns? Muitas vezes tem sido formulada esta pergunta, e alguns fatos parecem respondê-la afirmativamente. O que, sobretudo, tem dado crédito à opinião dos que pensam assim são os notáveis sinais de inteligência de alguns pássaros que, educados, parecem adivinhar o pensamento do homem e tiram de um maço de cartas as que podem responder com exatidão a uma pergunta feita. Observamos essas experiências com especial cuidado, e o que mais admiramos foi a arte que houve de ser empregada para a instrução dos ditos pássaros.

[...].

A maioria das experiências que presenciamos são do mesmo tipo das que fazem os prestidigitadores e não podiam deixar-nos dúvida sobre o emprego de alguns dos meios de que eles se utilizam, notadamente o das cartas marcadas. [...]

[...].

235. [...] **a imitação da mediunidade por meio de pássaros nada prova contra a possibilidade da existência, neles ou em outros animais, de uma faculdade semelhante.** Trata-se, pois, de saber se os animais são aptos, como os homens, a servir de intermediários aos Espíritos, para suas comunicações inteligentes. [...]. (28)

Discutindo-se a questão na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, o Espírito Erasto deu uma mensagem, da qual destacaremos os pontos mais importantes:

“Em primeiro lugar, precisamos nos entender bem acerca dos fatos. **O que é um médium? É o ser, o indivíduo que serve de traço de união aos Espíritos, a fim de que estes possam comunicar-se facilmente com os homens: Espíritos encarnados.** Consequentemente, sem médium não há comunicações tangíveis, mentais, escritas e físicas, seja qual for a natureza de cada uma delas.

“Há um princípio que todos os espíritas admitem: **o de que os semelhantes atuam com seus semelhantes e como seus semelhantes.** Ora, quais são os semelhantes dos Espíritos, senão os Espíritos, encarnados ou não? Será preciso que repitamos isto incessantemente? Pois bem! vou repetir mais uma vez: o vosso perispírito

e o nosso procedem do mesmo meio, são de natureza idêntica, são semelhantes, em suma. Possuem uma propriedade de assimilação mais ou menos desenvolvida, de magnetização mais ou menos vigorosa, que permite que nos ponhamos, Espíritos desencarnados e encarnados, muito pronta e facilmente em comunicação uns com os outros. Enfim, o que é peculiar aos médiuns, o que é da própria essência da individualidade deles, é uma afinidade especial e, ao mesmo tempo, uma força de expansão particular, que lhes suprimem toda refratariedade e estabelecem, entre eles e nós, uma espécie de corrente, uma espécie de fusão, que facilita as nossas comunicações. Aliás, é essa refratariedade da matéria que se opõe ao desenvolvimento da mediunidade, na maior parte dos que não são médiuns.

[...].

“É certo que os Espíritos podem tornar-se visíveis e tangíveis para os animais. Muitas vezes, o súbito terror que deles se apodera, sem que percebais a causa, é provocado pela visão de um ou de muitos Espíritos, mal-intencionados com relação aos indivíduos presentes ou aos donos dos animais. Muito frequentemente vos deparais com cavalos que se negam a avançar ou a recuar, ou que se empinam diante de um obstáculo imaginário. Pois bem! **Tende como certo que o obstáculo imaginário é quase sempre um Espírito ou um grupo de Espíritos** que se comprazem em impedir que os animais avancem. [...]. (29)

Finalizando sua comunicação, conclui Erasto:

“Resumindo: os fatos mediúnicos não podem manifestar-se sem o concurso consciente ou inconsciente dos médiuns, e **é somente entre os encarnados, Espíritos como nós, que podemos encontrar os que nos possam servir de médiuns.** Quanto a adestrar cães, pássaros ou outros animais, para que façam tais ou tais exercícios, é problema vosso, e não nosso.” ⁽³⁰⁾

Se bem entendemos, não há a mínima possibilidade dos animais terem a faculdade mediúnica, essa é uma aptidão exclusivamente humana. Quanto ocorre de verem algum Espírito não é porque possuem a faculdade de vidência, mas apenas presenciam um fenômeno em que um determinado Espírito se fez visível e tangível, portanto, não são “médiuns videntes”, como poderia alguém pensar.

Entretanto, como veremos no próximo capítulo, certos animais demonstraram possuírem algum grau de percepção psíquica.

Percepções sensitivas dos animais

Vejamos este caso bem singular narrado no artigo “O Espírito e o cãozinho”, constante da **Revista Espírita 1860**, mês de junho:

O Espírito e o cãozinho

(Sociedade, 4 de maio de 1860. Méd. Sr. Didier)

O Sr. G. G..., de Marselha, nos transmite este fato:

“Um rapaz faleceu há oito meses e sua família, na qual há três irmãs médiuns, o evoca quase que diariamente, servindo-se de uma cesta. **Cada vez que o Espírito é chamado, um cãozinho, do qual ele gostava muito, salta sobre a mesa e vem cheirar a cesta, soltando pequenos gemidos.** A primeira vez que isso aconteceu, a cesta escreveu: **‘Meu valente cachorrinho, que me reconhece.’**

“Eu não vi o fato, mas as pessoas de quem o ouvi várias vezes o testemunharam, e são bons espíritas e muito sérias, de modo que não posso pôr em dúvida a sua veracidade. **Eu me perguntei se o perispírito conservaria suficientes partículas materiais para afetar o olfato do cão, ou se o cão era dotado da faculdade de ver os Espíritos.** É um problema que me pareceria útil aprofundar, caso ainda não esteja resolvido.”

1. – Evocação de Sr..., morto há oito meses, do qual acabamos de falar. R. – Eis-me aqui.

2. – Confirmais o fato relativo ao **vosso cão, que vem cheirar a cesta que serve às vossas evocações e que parece reconhecer-vos?** – R. **Sim.**

3. – Poderíeis dizer a causa que atrai o cão para a cesta? R. – **A extrema finura dos sentidos pode levar a adivinhar a presença do Espírito e até a vê-lo.**

4. O cão vos vê ou vos sente? R. – **O olfato, sobretudo, e o fluido magnético.”**

Charlet

Observação: Charlet, o pintor, deu à Sociedade uma série de ditados muito notáveis sobre os animais, e que publicaremos proximamente. Foi certamente a esse título que interferiu espontaneamente na presente evocação.

5. – Desde que Charlet quer mesmo intervir na questão que nos ocupa, nós lhe pedimos que dê algumas explicações a esse respeito. R. – De boa vontade. **O fato é perfeitamente verossímil; e, consequentemente, natural.** Falo em geral, pois não conheço aquele de que se trata. **O cão é dotado de uma organização muito particular. Ele compreende o homem, basta isso.** Sente-o, segue-o em todas as suas ações com a curiosidade de uma criança; ama-o, e chega mesmo ao ponto de – e disto têm-se exemplos para confirmar o que adianto – ao ponto, dizia eu, de a ele se dedicar. [...].

Charlet

No dia seguinte, a senhora Lese..., médium,

membro da Sociedade, obteve em particular a seguinte explicação sobre o mesmo assunto:

O fato citado na Sociedade é verdadeiro, embora o perispírito destacado do corpo não tenha nenhuma de suas emanções. O cão farejava a presença de seu dono; quando digo farejava, entendo que seus órgãos percebiam sem que os olhos vissem, sem que seu nariz sentisse; mas todo o seu ser estava advertido da presença do dono, e essa advertência lhe era dada principalmente pela vontade que se desprendia do Espírito dos que evocaram o morto. A vontade humana atinge e adverte o instinto dos animais, sobretudo o dos cães, antes que algum sinal exterior o revele. Por suas fibras nervosas o cão é posto em relação direta conosco, Espíritos, quase tanto quanto com os homens: **percebe as aparições**; dá-se conta da diferença existente entre elas e as coisas reais terrenas, e lhes tem muito medo. O cão uiva à lua, conforme a expressão vulgar; uiva também quando sente vir a morte. Em ambos os casos, e ainda em outros, o cão é intuitivo. Acrescentarei que seu órgão visual é menos desenvolvido que as suas sensações; ele vê menos do que sente; o fluido elétrico o penetra quase que habitualmente. **O fato que me serviu de ponto de partida nada tem de admirável, porque, no momento do desprendimento da vontade que chamava o seu dono, o cão sentia a sua presença quase tão depressa quanto o próprio Espírito escutava e respondia ao chamado que lhe era feito.**”

Georges (Espírito familiar) ⁽³¹⁾

Seja lá porque motivo ou causa for, o fato é que o cão percebeu a presença do Espírito do jovem, seu antigo dono, que então se comunicava por meio da cesta ⁽³²⁾, fato esse que, ainda que contrarie a perspectiva de muita gente, não há como negar.

Na **Revista Espírita 1861**, mês de agosto, foi publicada a mensagem do Espírito Erasto intitulada “Os animais médiuns”, na qual esclarece que a mediunidade é uma faculdade humana, razão pela qual os animais não a possuem. Julgamos que este trecho dela merece ser mencionado:

Certamente, **os Espíritos podem tornar-se visíveis e tangíveis para os animais**, e, frequentemente, tal temor súbito que os toma, e que não vos parece motivado, é causado pela **visão de um ou de vários desses Espíritos mal intencionados** para os indivíduos presentes, ou para aqueles a quem pertencem esses animais. Muito frequentemente, apercebeis-vos de cavalos que não querem nem avançar e nem recuar, ou que se empinam diante de um obstáculo imaginário. Pois bem! **Tende por certo que o obstáculo imaginário, frequentemente, é um Espírito ou um grupo de Espíritos, que se divertem impedindo-os de avançar.** Lembrai-vos do asno de Balaão, que vendo um anjo diante dele, e temendo sua espada flamejante, obstinava-se

em não se mexer; é que antes de se manifestar visivelmente a Balaão, o anjo quis se tornar visível só para o animal ⁽³³⁾; mas, repito-o, nós não medianimizamos diretamente nem os animais, nem a matéria inerte; sempre nos é preciso o concurso, consciente ou inconsciente, de um médium humano, porque **nos é necessária a união de fluidos similares, o que não encontramos nem nos animais, nem na matéria bruta.** ⁽³⁴⁾

Não podemos deixar de trazer esta resposta de Erasto à questão “Que é um médium?”:

É o ser, o indivíduo que serve de traço de união aos Espíritos, para que estes possam com facilidade comunicar-se com os homens: Espíritos encarnados. ⁽³⁵⁾

Portanto, não há que se falar em “animais médiuns”. A visão que, às vezes, alguns deles têm de Espíritos, entendemos que se poderia dizer que é uma faculdade anímica, se assim podemos nos expressar ao nos referirmos aos animais.

É oportuno informar que essa mensagem do Espírito Erasto foi inserida em *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, cap. XXII, item 236. ⁽³⁶⁾

Em **Psicologia e Mediunidade**, no cap. Mediunidade nos Animais, temos estas oportunas considerações de Adenáuer Novaes:

As percepções aparentemente extrassensoriais verificáveis em certos animais não se tratam de mediunidade ou de seus rudimentos. São capacidades relativas aos órgãos dos sentidos físicos que lhes permitem sentir e perceber além do humano, porém **sem que essa qualidade deva ser considerada mediunidade.** Esta é exclusiva do humano por conceito e por uma questão de aquisição evolutiva.

No animal não há mediunidade, mas uma superexcitação da sensopercepção por conta de órgãos mais sensíveis que no humano. Não podem servir de intermediários dos espíritos desencarnados. **Quando ocorre a algum deles ‘perceber’ presenças espirituais e se alterar por isso, deve-se à absorção de fluidos materializados emitidos pelas entidades.** A sensibilidade que promove certas manifestações em alguns animais como se tratasse de uma percepção mediúnica, a exemplo do ‘incômodo’ de alguma ‘presença’ espiritual, não se caracteriza como mediunidade, mas como uma captação de emissões fluídicas (materiais) de espíritos, as quais os órgãos sensoriais humanos não alcançam.

Não haveria objetivo para a mediunidade nos animais. De nada lhes serviria, pois a comunicação mediúnica visa o aprimoramento psicológico e a maturidade espiritual do indivíduo.

No animal, o princípio espiritual está em vias de individualização, por tanto seu psiquismo ainda é mais coletivo do que individual. **Não há maturação psicológica para uma comunicação no nível espiritual.** ⁽³⁷⁾

Julgamos que Novaes foi cirúrgico em sua explanação é exatamente o que conseguimos entender a questão.

Na **Revista Espírita 1865**, mês de janeiro, lemos o seguinte trecho do artigo intitulado “O Perispírito descrito em 1805” ⁽³⁸⁾:

Sob o título de: **“Aparição real de minha mulher depois de sua morte, – Chemnitz, 1804,” – o doutor Woetzel publicou um livro** que causou uma enorme sensação nos primeiros anos deste século. O autor foi atacado em vários escritos; o Wieland sobretudo o põe em ridículo na Euthanasia. **Durante uma enfermidade de sua mulher, Woetzel havia pedido a esta última para se apresentar a ele depois de sua morte.** Ela lhe fez a promessa, mas, mais tarde, a seu pedido, seu marido a liberou. No entanto, **algumas semanas depois de sua morte, um vento violento pareceu soprar no quarto, embora fechado; a luz ficou quase extinta; uma pequena janela na alcova se abriu, e, na fraca claridade que reinava, Woetzel viu a forma de sua mulher** que lhe disse com voz doce: “Charles,

eu sou imortal; um dia nos reveremos.” A aparição e essas palavras consoladoras se renovaram mais tarde **uma segunda vez. A mulher se mostra** em túnica branca sob o aspecto que ela tinha antes de morrer. **Um cão que não tinha se agitado na primeira aparição se pôs a tremelicar e a descrever um círculo como ao redor de uma pessoa conhecida.**

[...].

Quanto ao que concerne ao cão, isso nada tem de surpreendente; vários fatos parecem provar que certos animais sentem a presença dos Espíritos. Na *Revista Espírita*, de junho de 1860, página 171, citamos um exemplo deles que tem uma notável analogia com o de Woetzel. Não está mesmo positivamente provado que não possam vê-los. **Não haveria nada de impossível a que, em certas circunstâncias, por exemplo, os cavalos que se amedrontam e se recusam obstinadamente a avançar sem motivo conhecido, sofressem o efeito de uma influência oculta.** ⁽³⁹⁾

Entendemos que a reação do cão que “se pôs a tremelicar e a descrever um círculo como ao redor de uma pessoa conhecida” como prova que ele sentiu, de fato, a presença espiritual da mulher.

Na ***Revista Espírita 1865***, mês de setembro, temos o tópico “Alucinação nos animais”, que

transcrevemos:

NOS SINTOMAS DA RAIVA

Um de nossos colegas transmitiu à Sociedade o relato seguinte de um relatório lido na Academia de medicina pelo doutor H. Bouley, sobre os sintomas da raiva no cão.

“No período inicial da raiva, e, quando a doença está completamente declarada, nas intermitências dos acessos, **há no cão uma espécie de delírio que se pode chamar o delírio rábico**, do qual Youatt falou pela primeira vez e que descreveu perfeitamente.

“Esse delírio se caracteriza por movimentos estranhos que denotam que o animal doente vê objetos e ouve ruídos que não existem senão naquilo que se tem muito o direito de se chamar sua imaginação. Logo, com efeito, o animal se mantém imóvel, atento, como à espreita; depois, de repente, se lança e morde no ar, como faz, no estado de saúde, o gato que quer apanhar uma mosca no voo. Outras vezes, ele se lança furioso e uivador, contra uma parede, como se tivesse ouvido, do outro lado, ruídos ameaçadores.

“Raciocinando por analogia, se está muito autorizado a admitir que estão aí os sinais de verdadeiras alucinações. No entanto, aqueles que não estão prevenidos não poderiam ligar importância a esses sintomas, que são muito fugazes, e basta, para que desapareçam, que a voz do dono se faça ouvir. Então vem o momento de repouso; os olhos se fecham lentamente, a

cabeça pende, os membros da frente parecem se ocultar sob o corpo, e o animal está prestes a cair. Mas de repente ele se endireita, novos fantasmas vêm assediá-lo; ele olha a seu redor com uma expressão selvagem, abocanha, como para agarrar um objeto ao alcance de seus dentes, e se lança na extremidade de sua corrente, ao encontro de um inimigo que não existe senão em sua imaginação.”

Esse fenômeno, minuciosamente observado, como se vê, por um autor lembrado, **parece denotar que nesse momento o cão é atormentado pela visão de alguma coisa invisível para nós.** É uma visão real ou uma criação fantástica de sua imaginação, de outro modo dito, uma alucinação? **Se é uma alucinação, isso seguramente não é pelos olhos do corpo que vê, uma vez que não são objetos reais; se são seres fluidicos ou Espíritos, como não fazem, não mais, nenhuma impressão sobre os sentidos da visão, é, pois, por uma espécie de visão espiritual que os percebe.** Num e noutro caso, **gozaria de uma faculdade, até um certo ponto análoga àquela que o homem possui.** A ciência ainda não se arriscou a dar uma imaginação aos animais; ora, da imaginação a um princípio independente da matéria, a distância não é grande, a menos que se admita que a matéria bruta: a madeira ⁽⁴⁰⁾, a pedra, etc., possa ter imaginação.

[...].

[...] Desde que se admita uma imaginação no cão, poder-se-ia dizer que a doença da raiva o

superexcita ao ponto de produzir nele alucinações. Mas **numerosos exemplos tendem a provar que o fenômeno das visões ocorre em certos animais, no estado o mais normal, no cão e no cavalo sobretudo**; pelo menos esses são aqueles sobre os quais estiveram mais no estado de observá-lo. Raciocinando por analogia, pode-se supor que o é assim com o elefante e os animais que, por sua inteligência, mais se aproximam do homem. **É certo que o cão sonha; vê-se-o, por vezes, durante seu sono, fazer movimentos que simulam a corrida; gemer, ou manifestar contentamento.** Seu pensamento, pois, está agindo, livre e independente do instinto propriamente dito. Que faz, que vê, em que pensa em seus sonhos? É o que, infelizmente, não pode nos dizer, mas o fato lá está.

[...].

O extrato acima do relatório do Sr. Bouley tendo sido lido na Sociedade de Paris, um Espírito deu a esse respeito a comunicação seguinte.

(Sociedade Espírita de Paris, 30 de junho de 1865. -
Médium, Sr. Desliens.)

Existe a visão no cão e em alguns outros animais, nos quais os fenômenos semelhantes àqueles descritos pelo Sr. Bouley se produzem? A questão para mim, não tem sombra de dúvida. **Sim, o cão, o cavalo veem ou sentem os Espíritos.** Nunca fostes testemunhas da repugnância que manifestam às vezes esses animais ao passarem num lugar onde um corpo humano tinha sido enterrado com o seu

desconhecimento. Sem dúvida, direis que seus sentidos podem estar despertos para o odor particular dos corpos em putrefação; então, por que passa ele indiferente ao lado do cadáver enterrado de um outro animal? Por que, diz-se, que o cão sente a morte? Jamais ouvistes os cães uivarem sob as janelas de uma pessoa agonizante, então que essa pessoa lhe era desconhecida? Não vistes também, fora da superexcitação da raiva, diversos animais recusarem obedecer à voz de seu dono, recuarem com medo diante de um obstáculo invisível que parece lhes barrar a passagem, e enfurecer-se; depois passarem em seguida tranquilamente no próprio lugar que lhes inspirava um tão grande terror, como se o obstáculo tivesse desaparecido? Viram-se animais salvarem seus donos de um perigo iminente, recusando percorrer o caminho onde aqueles teriam podido sucumbir. **Os fatos de visões entre os animais se encontram na Antiguidade e na Idade Média, tanto quanto em nossos dias.**

Os animais veem, pois, certamente, os Espíritos. Dizer, aliás, que têm uma imaginação, não é lhes conceder um ponto de semelhança com o espírito humano, e **o instinto não é neles a inteligência rudimentar, apropriada às suas necessidades**, antes que tenha passado pelos cadinhos modificadores que devem transformá-la e dar-lhe novas faculdades? [...].

O instinto, que está em toda sua força no animal, se perpetuando no homem onde se perde pouco a pouco, **é certamente um traço de união entre as duas espécies.** A sutileza dos sentidos no animal, como no selvagem e no homem

primitivo, supre nuns e noutros a ausência ou a insuficiência do senso moral, é um outro ponto de contato. Enfim, **a visão espiritual que lhes é muito evidentemente comum, embora em graus muito diferentes**, vem também diminuir a distância que parece colocar entre eles uma barreira intransponível. **Disto não concluais, no entanto, nada ainda de maneira absoluta, mas observai atentamente os fatos, porque só dessa observação sairá um dia para vós a verdade.**

MOKI. (41)

Imediatamente após essa comunicação, Allan Kardec inseriu a seguinte nota:

Este conselho é muito sábio, porque, **não é evidentemente senão sobre os fatos que se pode assentar uma teoria sólida**, fora disto não há senão opiniões ou sistemas. **Os fatos são argumentos sem réplicas, dos quais é preciso cedo ou tarde aceitar as consequências quando são constatados.** Foi este princípio que serviu de base à **Doutrina Espírita**, e é o que nos leva a dizer que **é uma ciência de observação.** (42)

O Codificador, a nosso ver, está coberto de razão ao dizer que “não é evidentemente senão sobre os fatos que se pode assentar uma teoria sólida” e que “os fatos são argumentos sem

réplicas”, assim podemos concluir que “os animais veem, pois, certamente, os Espíritos”.

Mas o curioso é que apesar dos fatos terem confirmado aparições e materializações de animais, muitos de nós não os aceitam, alegando que tudo isso não passa de “criação fluídica”, ou seja, uma ideoplastia.

Na **Revista Espírita 1868**, mês outubro, lemos este artigo:

UM CASTELO ASSOMBRADO

A narração do fato adiante nos foi remetida por um de nossos correspondentes de São Petersburgo.

Um velho general húngaro, muito conhecido por sua bravura, recebe uma grande herança, pede a sua demissão e escreve ao seu administrador que lhe quer comprar uma propriedade que estava à venda e que para ele escolheu.

O intendente responde imediatamente em aconselhando ao general de **não comprar a dita propriedade**, tendo em vista que ela **era assombrada pelos Espíritos**.

O velho corajoso insiste, dizendo que é uma razão a mais para lhe fazer essa compra, e lhe impõe de terminar no mesmo instante.

A propriedade é, pois, comprada, e o novo senhorio se põe a caminho para ir lá se instalar. Ele chega às onze horas da noite na casa de seu intendente, não longe do castelo onde ele quer ir imediatamente. – Por favor, disse-lhe seu velho servidor, esperai amanhã e fazei-me a honra de passar a noite em minha casa. – Não, disse-lhe seu senhor, quero passá-la em meu castelo. O intendente é, pois, obrigado a acompanhá-lo com vários camponeses levando tochas; mas eles não querem ali entrar e se retiram, **deixando só o novo proprietário.**

Este tinha com ele um velho soldado que jamais o tinha deixado, e **um enorme cão** que teria estrangulado um homem com um só golpe.

O velho general se instalou na biblioteca do castelo, acendeu as velas, colocou um par de pistolas sobre a mesa, pegou um livro e **se estendeu sobre um sofá esperando os fantasmas**, porque ele estava seguro de que, se deles os houvesse no castelo, esses não seriam os mortos, mas bem os vivos; foi também por isto que ele tinha armado as pistolas e que **tinha feito seu cão deitar sob o sofá**; quanto ao velho soldado, ele já roncava num quarto vizinho à biblioteca.

Pouco tempo se escoou; **o general crê ouvir barulho no salão, escuta atentamente, e o barulho redobra.** Seguro de seu acontecimento, ele toma em uma mão uma vela, na outra uma pistola, e entra no salão onde não vê ninguém; procura por toda a parte, levanta mesmo as cortinas: **não há nada, absolutamente nada.** Ele retorna, pois, à biblioteca, retoma seu livro, e

apenas dele leu algumas linhas quando **o barulho se faz ouvir com muito mais força do que na primeira vez.** Ele retoma uma vela e uma pistola, **entra de novo no salão e vê que se abriu a gaveta de uma cômoda. Convencido,** desta vez, de que havia negócio **de ladrões,** e não vendo ninguém, **chama seu cão e lhe diz: Procura! O cão se põe a tremer em todos seus membros e retorna a se esconder sob o canapé.** O próprio general começa a tremer, entra na biblioteca, se deita sobre o sofá, mas não pôde fechar o olho a noite toda. Em nos contando este fato, o general nos disse: “Não tive medo senão duas vezes, há dezoito anos, quando no campo de batalha, uma bomba estourou a meus pés; a segunda vez, quando vi o medo se apoderar de meu cão.”

Abster-nos-emos de qualquer comentário sobre **o fato muito autêntico** reportado acima, e nos contentaremos em perguntar, aos adversários do Espiritismo, **como o sistema nervoso do cão foi abalado.**

[...].

CH. PÉREYRA ⁽⁴³⁾

O comportamento do cão que “se põe a tremer em todos seus membros e retorna a se esconder sob o canapé” nos induz a concluir que, no presente caso, o Espírito manifestante, visto pelo cão, ou não era nada amigável ou quiçá de horripilante aparência.

Da obra **Região em Litígio**
Entre Este Mundo e o Outro

(1877), de Robert Dale Owen
(1801-1877), que foi um
reformador social norte-americano
de origem escocesa e considerado
um dos precursores do



Espiritismo, transcrevemos a seguinte narrativa:

O CÃO NA FLORESTA DE WOLFRIDGE

F. M. S. passava pela floresta de Wolfridge certa vez, à meia-noite, acompanhado somente do seu **cão, mestiço de terra-nova e mastin**, animal valente, que não temia homens nem feras. F... levava consigo uma arma de caça e um par de pistolas carregadas, além da sua espada, pois, pertencia à Escola Militar, da qual obtivera naquele dia uma licença para ir à caça.

O caminho internava-se pela mata e próximo ao centro desta, em local mais limpo que o resto, se encontrava uma cruz indicando o ponto onde um coureiro caíra assassinado. **O lugar passava por mal-assombrado**, afirmando alguns já terem visto o Espírito. Frequentemente, F. havia passado antes por essa cruz do bosque, sem observar coisa alguma, e ligava a essa história de aparição de Espíritos tão pouca importância, que, por mais de uma vez, em aposta, tinha à meia-noite ido até o local sem nada ver, a não ser uma vez, um coureiro

ou ladrão de caça.

Na noite a que nos referimos, quando ele se aproximava do espaço limpo, **julgou descobrir do lado oposto à figura de um homem**, um tanto menos distinta que o natural.

Chamou o cão que ia à frente ladrando e perseguindo a caça que encontrava, bateu-lhe de leve na cabeça para chamar-lhe a atenção, e preparou a espingarda. O cão mostrava-se impaciente. **F. intimou a figura, mas não obteve resposta alguma.** Suspeitando fosse um ladrão e preparado para repelir um ataque, **indicou a figura ao cão e o animal lhe respondeu rosnando.** Enquanto fixava a figura, veio ela deslizando, colocar-se a uma braça de distância, nele fixando também os olhos. A aproximação se deu sem ruído nem sussurro. O rosto da aparição era mal definido, mas distintamente visível. F. Não podia desviar os olhos dos do fantasma, que pareciam fasciná-lo, aponto de prendê-lo ali. Ele não teve medo de uma ofensa corporal, mas, somente indefinível sentimento de pavor. Seus olhos estavam tão fascinados pelos da figura, que nem pôde prestar atenção às roupas e à forma de seu corpo. Ela olhou-o calmamente, com ar benévolo, por tempo que não excedeu de meio minuto, e **repentinamente tornou-se invisível.** A forma tinha-se conservado em sua presença por espaço de cinco minutos.

O cão, que antes se mostrava furioso e rosnando, estava agora deitado a seus pés, como se estivesse em transe, com a mandíbula caída, os membros trêmulos, todo o corpo

agitado e coberto de frio suor. Depois que a forma desapareceu, F. tocou no animal e falou-lhe, sem que ele parecesse reconhecê-lo, até que, **depois de algum tempo, foi recuperando os sentidos.** Por todo o caminho, na volta, o cão andou muito apegado ao dono, sem se importar com a caça que encontrava.

Foi somente quinze dias depois que ele voltou a si do susto, mas nunca mais recuperou a primitiva vivacidade. **Nada pôde, daí em diante, induzi-lo a entrar na mata de noite, nem a consentir que alguém o fizesse.** Se, durante o dia era obrigado a transpor a clareira, só o fazia com o dono, não se afastando do seu lado, **dando sinais de medo e tremendo durante o trajeto.** F. frequentemente passou por aquele lugar à meia-noite, mas nunca mais viu o fantasma. Antes do ocorrido, ele tratava como ridículas todas essas histórias de fantasmas e Espíritos; depois, entretanto, ficou crendo. O crítico não hesita em exprimir a opinião de ter sido a aparição testemunhada por S. o resultado de uma ação sobrenatural ⁽⁴⁴⁾. Esse fato publicado num jornal de medicina e de reputação antiga e firmada, três anos antes da palavra Espiritismo ser pronunciada, tem uma importância capital. ⁽⁴⁵⁾

A reação do cachorro e o fato de posteriormente não querer mais passar pela floresta, no local onde se manifestou o fantasma, são provas incontestes de que ele, de fato, o viu.

Gabriel Delanne (1857-1926), em **A Alma é**

Imortal (1897), apresenta no cap. V – O corpo Fluídico Depois da Morte, o tópico intitulado “Impressões produzidas pelas aparições sobre os animais”, do qual transcrevemos o seguinte trecho que narra a ocorrência:

No que escreveu sobre **a vidente de Prevorst**, Justinus Kerner alude a uma aparição que ela teve durante um ano inteiro. **De cada vez que o Espírito lhe aparecia, um galgo negro ⁽⁴⁶⁾, que havia na casa, como que lhe sentia a presença.** Logo que a aparição se tornava perceptível à vidente, **o cão corria para junto de alguém, como a pedir proteção, muitas vezes uivando forte.** Desde o dia em que viu o vulto, nunca mais quis ficar só durante a noite.

No terrível episódio de casa mal-assombrada, que a Sra. S. C. Hall narrou a Robert Dale Owen, ⁽⁴⁷⁾ se vê que **foi impossível fazer-se que um cão permanecesse, nem de dia, nem de noite, no aposento onde as manifestações se produziam.** Pouco tempo depois destas começarem, **ele fugiu e não mais o encontraram.**

John Wesley, fundador da seita que lhe tomou o nome, deu publicidade aos ruídos que se ouviam no curato de Epworth. Depois de descrever esses **sons estranhos, semelhantes aos que produziriam objetos de ferro ou de vidro caindo ao chão**, acrescenta ele:

“Pouco mais tarde, **o nosso grande mastim**

(⁴⁸) correu a refugiar-se entre minha mulher e eu. Enquanto duraram os ruídos, ele ladrava e pulava de um lado para outro, abocanhando o ar e isso, as mais das vezes, antes que alguém, no aposento, houvesse escutado coisa alguma. Ao cabo de três dias, tremia e se esgueirava rastejando, antes que comesçassem os ruídos. Era, para a família, o sinal de que estes iam principiar, sinal que nunca falhou.”

Fazemos a respeito algumas observações, tomando-as ao ilustre naturalista Sir Alfred Russel Wallace. (⁴⁹)

É sem dúvida notável e digna de atenção essa série de casos em que se puderam observar as impressões que os fantasmas produzem nos animais. Fatos tais certamente não se dariam, se fossem verdadeiras as teorias da alucinação e da telepatia. Eles, no entanto, merecem fé, porque quase sempre entram nas narrativas como episódios inesperados. Além disso, são anotados a fim de que não passem despercebidos, o que prova que os observadores conservavam o seu sangue-frio.

Mostram, irrefutavelmente, que grande número de fantasmas, percebidos pela visão ou pela audição, ainda quando seja uma única a pessoa que os perceba, constituem realidades objetivas. **O terror que manifestam os animais que os percebem e a atitude que assumem, tão diferente da que guardam em presença dos fenômenos naturais,** estabelecem, de modo não menos claro, que, embora objetivos, não são normais os fenômenos e não podem ser explicados por qualquer embuste, ou por eventualidades

naturais mal interpretadas. (50)

Gabriel Delanne, como todos sabemos, foi um dos pesquisadores clássicos do Espiritismo, ele também relata nas obras *A Alma é Imortal* e *A Reencarnação* vários casos em que animais sentiram a presença de Espíritos.

Em **Gênese da Alma** (1927), Cairbar Schutel (1868-1938) registra o caso de um gato que obedece e reconhece um Espírito que se manifestava. Eis a narrativa do episódio:

Vamos transcrever *ipsis verbis*, o relato da sessão, publicado resumidamente pela *Revue Spirite*, de Paris.

“Frequentemente os Espíritos, voltando em sessão, aos meios onde viveram, manifestam interesse por minudências fúteis, em aparências, e que se poderia crer longe de seus pensamentos. É assim que em **Manchester** se manifestou, em casa da **médium Miss Morse**, uma entidade, morto na Guerra do Transval. **Em vida este soldado estimava muito um gato russo de propriedade da dona da casa.**

O gato nunca fora à sala durante as sessões, mas, quando se manifestou a entidade, as primeiras palavras desta foram que permitissem a

presença de *Tony*; e acrescentou **que iria procurar o gato.**

De repente a mesma entidade disse: Encontrei-o, aí vem ele!

Nesse momento o gato arranhou a porta. Permitido o ingresso do gato, **este saltou sobre os joelhos da médium**, onde ficou até que o Espírito do soldado prevenisse o encerramento da sessão. Ditas as últimas palavras, *Tony* saltou ao chão e manifestou a intenção de tornar a seu ninho, no quarto onde o amigo o fora despertar”.
(⁵¹)

É um caso curioso, mas o fato é que tudo nos leva não duvidar que o gato reconheceu o Espírito que lhe estimara quando vivo.

O pesquisador espírita Ernesto Bozzano (1862-1943), foi um professor de filosofia da ciência na Universidade de Turim, em sua obra ***Os Animais Têm Alma?*** (1950), além de 130 casos que corroboram faculdades sensitivas dos animais ele cita dez casos de materializações de animais:



ERNESTO BOZZANO: Cento e trinta casos de manifestações de assombração, aparições e fenômenos supranormais com animais		
Tipo	Discriminação	Quant.
01	Alucinações Telepáticas nas quais um animal desempenha o papel de agente (p. 13-40)	23
02	Alucinações telepáticas nas quais um animal é o percipiente (p. 41-44)	03
03	Alucinações telepáticas percebidas coletivamente pelo animal e pelo homem (p. 45-56)	21
04	Visões de espíritos humanos tidas fora de qualquer coincidência telepática e percebidas coletivamente por homens e animais (p. 57-75)	20
05	Animais e premonições de morte (p. 77-87)	09
06	Animais e fenômenos de assombração	
	1º grupo: Manifestação de assombração percebidas por animais (p. 89-100)	13
	2º grupo: Aparição de animais em lugares assombrados (p. 100-113)	27
08	Visão e identificação de fantasmas de animais mortos (p. 125-146)	14
	Sub-total	130
07	Materializações de animais (p. 115-124) (*)	10
	Total	140
(*) As ocorrências listadas de Materializações de animais não foram incluídas na sequência da numeração dos casos citados na obra.		
BOZZANO, Ernesto. <i>Os Animais Têm Alma?</i> Niterói (RJ): Lachâtre, 2004.		

Ao detalhar os casos que Bozzano cita nesse quadro o nosso objetivo foi produzir algo visual para se ter como mensurar o conjunto de provas que ele apresenta.

Fora os dez casos de materializações, esse livro de Bozzano contém 130 casos, destes 89, a nosso ver, não deixam margens a dúvidas quanto ao

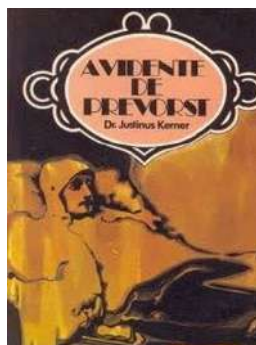
fato de que os animais têm alguma capacidade de percepção “extrassensorial” ou “psíquica”, como se queira denominá-la.

Nele também temos 51 exemplos relativos a manifestações de espíritos de animais (Tipo 06, 2º grupo e Tipo 08), até mesmo de materializações (Tipo 07). Como visto, os 10 casos do Tipo 07, não constam do total de 130.

Casos de manifestações de animais vivos

Trataremos aqui somente dos casos de aparições, ou seja, de manifestações de animais vivos, deixando para o próximo capítulo aqueles em que ocorreram transmissões telepáticas.

Este primeiro caso é antigo e que se encontra registrado na obra ***A Vidente de Prevorst***, na qual Justinus Kerner (1786-1862) relata suas pesquisas com a médium Frederica Hauffe (1801-1829), durante três anos, de 25 de novembro de 1826 a 2 de maio de 1829. Da 2ª parte, “Fatos sobrevindos em Weinsberg”, Sexto Caso, transcrevemos:



Hahn e Kern pegaram uma cama e a levaram para o quarto oposto e, assim que partiram, uma vasilha destinada à água ferruginosa caiu ao pé de duas pessoas que lá ficaram, e um candelabro de cobre foi atirado ao chão. No aposento oposto, a noite passou-se tranquila, embora houvesse os

ruídos do quarto abandonado. A partir deste momento cessaram os fenômenos e só se viu de apreciável o incidente seguinte:

Algumas semanas depois de sua volta, Hahn, entrando em casa, atravessou a ponte que conduzia ao castelo e **ouviu passos de um cão atrás de si**. Olhou para todos os lados, chamou pelo nome **um cão de caça muito ligado a ele**, pensando que o seguia, mas, **embora se ouvissem sempre os passos, nada pode ver, e concluiu ser uma ilusão**. Entretanto, apenas pusera o pé no quarto, **Kern tomou-lhe apressadamente a porta da mão e chamou o cão por seu nome, dizendo que o tinha visto, mas que desaparecera**. Hahn perguntou se **tinha realmente visto o cão**.

– **Por certo que o vi – disse Kern – ele vinha atrás de ti e passou metade do corpo pela porta**, o que me levou a retirá-la de tua mão, com medo de que, não o vendo, o apertasses ao fechá-la. **Era um cão branco e tomei-o por Flora**.

Procurou-se logo o cão e foram encontrá-lo na cavalaria onde ficava preso o dia todo. É isto espantoso, mesmo supondo-se que Hahn se tivesse enganado, acreditando ter-lhe ouvido os passos; que Kern pensasse ter visto atrás dele um cão branco, antes que o amigo lhe dissesse qualquer palavra, tanto mais que **não havia na vizinhança outro animal desta espécie**. Há mais: ainda não estava escuro e Kern tinha excelente vista. ⁽⁵²⁾

Estaríamos diante da materialização do espírito de um animal vivo? A não ser que consideremos o relato falso ou que os dois amigos de infância – Hahn e Kern – tenham se enganado quanto ao fato de terem visto o cão, apesar de terem escutado seus passos, mas tudo aponta para essa possibilidade.

Na obra **Os Animais Têm Alma?**, Bozzano registra este caso:

Caso IX – (Auditivo-coletivo) – Destaco do quarto volume, páginas 289/290, do *Journal of the Society for Psychical Research*, o seguinte caso, narrado pela sra. Beauchamp, de Hunt Lodg, Twiford, numa carta dirigida à sra. Wood, de Colchester, narração da qual extraímos o trecho a seguir:

Megatherium é o nome do meu cachorrinho hindu, que dorme no quarto de minha filha. Na noite passada, acordei subitamente ao ouvi-lo saltitar no quarto. **Eu conhecia bem a sua maneira de saltitar**, muito característica. Meu marido, por sua vez, não tardou a despertar. Interroguei-o, dizendo: **“Você ouviu isto?” e ele me respondeu: “É Meg”**. Acendemos logo uma vela, procuramos por todas as partes, mas não pudemos achá-lo no quarto porque a porta dele estava bem fechada. **Então ocorreu-me a ideia de que alguma desgraça sucedera a Meg. Tinha o pressentimento de que ele havia morrido naquele momento.** Consultei o relógio

para precisar a hora e pensei que devia descer e ir imediatamente assegurar-me de minha intuição, embora isto me pareceu um absurdo, e, depois, fazia tanto frio... Fiquei indecisa um instante e o sono voltou.

Pouco tempo devia ter-se escoado quando alguém veio bater à porta. Era a minha filha que, com uma expressão de grande ansiedade, exclamou: “Mamãe, mamãe, **Meg está morrendo.**” Descemos a escada de um salto e achamos Meg virado de lado, com as pernas esticadas e rígidas, como se já estivesse morto. Meu marido levantou-o do chão e certificou de que **o cão ainda estava vivo**, mas ele não chegou a verificar o que tinha sucedido. Verificou-se finalmente que Meg, não se sabe como, **tinha enrolado a correia** de sua pequena veste em torno do pescoço de tal modo que **quase se estrangulou**. Nós o libertamos imediatamente e, logo que o animal pôde respirar, se reanimou e se restabeleceu.

De agora em diante, se me acontecer experimentar sensações precisas desta natureza a respeito de alguém, proponho-me acudir sem demora. **Juro ter ouvido o saltitar tão característico de Meg perto da cama** e eu afirmar a mesma coisa.

Para maiores detalhes sobre este caso, envio o leitor ao citado número do *Journal*.

Ainda neste caso, cuja gênese claramente telepática parece fora de qualquer dúvida (tanto mais que, desta vez, as pessoas que receberam as impressões auditivas foram duas), neste caso ainda, digo eu, **a manifestação telepática se realiza sob uma forma simbólica, isto é, um**

apelo urgente de socorro, partindo da mente do cãozinho agente, chega até ao percipiente transformando em um eco característico do saltitar que o animal fazia cada manhã junto ao leito dos seus donos.

Ora, **é incontestável que uma percepção telepática desta categoria**, dadas as circunstâncias nas quais ela se produziu, não poderia constituir a expressão exata do pensamento do agente, mas somente uma tradução simbólico-verídica do pensamento do mesmo. Com efeito, **é lógico e natural pensar que um animal a ponto de morrer estrangulado, tenha voltado intensivamente seu pensamento para aqueles que eram os únicos que podiam salvá-lo**, não sendo, ao contrário, admissível, de modo algum, que o animal, naquele momento supremo, tenha pensado, ao contrário, nos pulinhos que ele tinha o costume de dar todas as manhãs junto ao leito de seus donos. ⁽⁵³⁾

Pela particularidade desse caso, julgamos que se pode acreditar na hipótese da manifestação do espírito de um animal vivo, talvez até mesmo materializado uma vez que se ouviu seus pulos, pois esse é um fenômeno que também acontece com homens vivos, conforme se comprova com os vários casos que Allan Kardec registrou na *Revista Espírita*.

De **A Reencarnação**, transcrevemos esta

narrativa de Delanne:

Eis [um dos] dois outros casos que apresentei na minha memória ao Congresso de Londres de 1898; colho-os em Dassier. O texto não me permite saber se estamos em presença de manifestações de animais póstumos ou vivos, mas parece, se são exatas as descrições, que **num ou noutro caso a materialização é certa.**

“L. Dassier reporta-se ao testemunho de um cultivador que, entrando em casa, em hora avançada da noite, **viu um burro que passeava em um campo de aveia.** Quis pôr o campo a abrigo de hóspede tão incômodo. **O burro deixou que se aproximassem dele,** e o cultivador o retirou do campo, sem resistência. **Chegou, assim, até à porta da estrebaria, mas, quando se dispunha a abri-la, a besta desapareceu-lhe das mãos, como uma sombra que se esvai.** Fartou-se ele de olhar em torno, mas não viu mais nada.

Tomado de terror, entrou precipitadamente em casa, e acordou o irmão para lhe revelar a aventura.

No dia seguinte, **foram ao campo** para saber se tão extraordinário ser tinha causado grandes estragos, mas encontraram a seara intacta. **O animal misterioso pastara uma aveia imaginária.** A noite era bastante clara para que o cultivador pudesse ter visto, distintamente, as árvores e os arbustos, a muitos metros da estrada.” ⁽⁵⁴⁾

Pelo fato de o burro ter “desaparecido das mãos”, mas, posteriormente, ser visto no campo, entendemos que se trata de uma manifestação de animal vivo, embora Delanne tenha ficado em dúvida quanto a isso.

Jean Prieur (1914-2016), em **A Alma dos Animais**, cita estes casos de manifestações de animais vivos:

1) Sophie (gata)

Testemunhado por Geneviève Maugis:

Eu tinha deixado minha gata Sophie no veterinário da rua André-del-Sarte para passar por uma cirurgia, mas estava extremamente preocupada e, na manhã seguinte, quando ouvi miar ao lado da minha cama, eu pensei: Está consumado, Sophie morreu, seu fantasma que está aqui veio para se despedir... Deus, obrigado, não era nada disso, ela estava salva como fiquei sabendo na parte da tarde. Era o contrário, ela veio em desdobramento me visitar para me avisar de sua cura. ⁽⁵⁵⁾

Algum tempo depois Sophie morreu e também manifestou-se na condição de desencarnada, é claro.

2) Tigris (cão)

Vejamos **outro exemplo de fantasma de animal vivo**, mas desta vez o fenômeno é puramente visual, enquanto na primeira parte do testemunho de Geneviève era puramente auditivo.

Durante um evento social em Londres, **o médium Donald** interrompeu as conversas e exclamou:

– Por favor, um pouco de silêncio. Uma desgraça aconteceu com o nosso amigo Morton.

Os convidados protestam:

– Sim, Morton está doente, mas não é nada sério. Não é a primeira vez que isso acontece. Por que disse isso?

– Olha... lá... **seu cachorro Tigris no limiar da porta de vidro; ele veio para me dizer que está tudo acabado.**

Todo mundo olhou em direção da porta, não tem nada, todos acham que Donald está brincando.

No dia seguinte, a notícia chegou que **Morton havia falecido três horas após o aparecimento do fantasma do animal vivo...** Donald foi o único a ver o cão mensageiro. **O pensamento do animal cheio de angústia e de amor foi bastante poderoso para impulsionar seu corpo astral e avisar o melhor amigo do seu dono.**

Ainda que possa ter sido também uma visão telepática. ⁽⁵⁶⁾

Destacamos do final da narrativa: “O pensamento do animal cheio de angústia e de amor foi bastante poderoso para impulsionar seu corpo astral e avisar o melhor amigo do seu dono.”

Do livro ***Fenômenos Espíritos no Mundo Animal***, o autor Carlos Bernardo Loureiro (1942-2006) inseriu o cap. 13 – Sonambulismo animal, do qual transcrevemos:

O cão do neuropsiquiatra Nandor Fodor, autor da magnífica *Encyclopaedia of Science*, não tinha nada de especial, excluindo-se o fato de que *gostava de se divertir sobre as teclas do piano*: bastava-lhe ver o instrumento aberto para fazê-lo soar, a seu modo, alegrando assim, a filhinha do dono da casa. Infelizmente, aos olhos de Nandor Fodor, aquele cachorro tinha também um grave defeito, o de ser inimigo declarado de seus livros. Onde quer que encontrasse algum livro, atirava se sobre ele e o dilacerava com unhas e dentes. Uma verdadeira tragédia, para o notável pesquisador húngaro. Isso o obrigou a desfazer-se do animal, dando-o a uma família amiga.

Por volta de 1921, vai para a América do Norte, integrando-se no corpo de redatores do jornal *Amerika Magyar Nepzana* (American Hungarian People Voice).

A descoberta de um livro do brilhante pesquisador psíquico e escritor Hereward

Carrington estimulou a imaginação de Fodor, e deu uma nova e alvissareira direção aos seus interesses. O livro era *Moderno Fenômeno Psíquico* (Modern Psychic Phenomeno), publicado em 1919. E Fodor relembra que o encontrou em uma livraria da Avenida, em Nova Iorque. Dai em diante ele encontrou sua verdadeira vocação: pesquisador psíquico, um dos maiores, embora um tanto e quanto desconhecido da maioria dos estudiosos da fenomenologia espiritual.

Certa noite, Nandor Fodor **despertou e ouviu algo raspando a porta de seu quarto, como costumava fazer, às vezes, o cão exilado, quando dormia no corredor.** Ouviu depois, **patas caminharem pela casa, e outros rumores inconfundíveis.** Devia ser ele, sem dúvida. Mas como era possível? Enquanto estava às voltas com suas perplexidades, **ecoaram notas desordenadas do piano, iguais as que o instrumento emitia sob as patas caninas.** No entanto, **o piano estava fechado** e na casa não havia outras pessoas, além de Nandor Fodor, a esposa e a filha já adormecida. Como esclarecer o mistério? O próprio pesquisador, em artigo publicado no órgão oficial da Sociedade Americana de Pesquisas Psíquicas, tece os seguintes comentários:

“Era inevitável que eu associasse aquelas notas musicais às proezas análogas de meu cachorro. Talvez na aquele momento ele estivesse sonhando com vivacidade sobre a moradia em que vivera feliz e que tinha perdi do pela sua má conduta. Como quer que seja, o fato é que **não podemos**

explicar os fenômenos psíquicos ocorridos sem acolhermos uma hipótese diferente da telepatia. Aqueles ruídos que ouvi, e também as notas emitidas pelo piano, eram sem dúvida fenômenos objetivos, e não subjetivos. Dir-se-ia, portanto, que **o cão se havia desdobrado durante o sono e seu corpo onírico (perispírito) tinha vindo, em forma de fantasma, visitar-nos.**” E conclui: “Como nunca sofri de alucinação e, por outro lado, eu estava sem dúvida bem desperto e lúcido, creio que a hipótese do desdobramento seja a única capaz de explicar este complexo fato.”

“É preciso reconhecer esclarece Leo Talamonti (*Universo Proibido*, Milão, Itália) - em Nandor Fodor a coragem que demonstrou por haver trazido a público uma experiência desse gênero. Não acreditamos que se possa acusar de leviandade um estudioso que ligou de vários modos o nome à evolução trabalhosa e lenta dos conhecimentos paranormais.

“O caso que relatou, com precisão e simplicidade, **deixa patenteado o desdobramento do duplo animal**, ainda que façamos restrição ao termo corpo onírico, numa flagrante associação aos ordenamentos psicanalíticos de que o neuropsiquiatra húngaro era adepto, **Resta-nos observar a possibilidade de que também alguns animais, no curso do sono, fora do corpo, se entreguem a certo gênero de aventuras, até então só julgados possíveis aos seres humanos.**” ⁽⁵⁷⁾

Ora, se há possibilidade de manifestação do

Espírito de animal vivo, por qual motivo não poderia se manifestar depois de morto, ainda que o “quase imediatamente” seja tomado com relação ao nosso tempo?

Em **A Questão Espiritual dos Animais**, a Prof.^a Irvênia Prada, apresenta a seguinte consideração:

“Desdobramento” de animais encarnados – dentre as muitas perguntas que **apresentei ao Irmão Álvaro** ⁽⁵⁸⁾, esta foi uma delas, relativa à **possibilidade de desdobramento do princípio inteligente de animais encarnados**, ao que ele esclareceu: **“os animais quando encarnados possuem raros desprendimentos espirituais, isso acontecendo apenas em casos de doenças, fase terminal da existência ou em casos excepcionais com a atuação dos Espíritos**, pois geralmente permanecem fortemente ligados à matéria”. [...]. ⁽⁵⁹⁾ (itálico do original)

A informação do Espírito Irmão Álvaro é que os animais, ainda que em situações bem excepcionais, podem vivenciar o estado de emancipação do espírito, ou seja, sua alma, temporariamente, desliga-se do corpo físico e se apresenta em outro lugar.

Prováveis casos com “transmissões telepáticas”

Considerando que o Espírito ou alma dos animais sobrevive à morte e, como provado, pode se manifestar, julgamos não ser totalmente impróprio que, diante de uma situação aflitiva, como por exemplo, risco perder a vida, eles, de alguma maneira, tentem se comunicar com as pessoas que os amam, ainda que as vibrações mentais produzidas por seus pensamentos não produzam nenhum significado verbal para nós, mas à maneira e de acordo com a inteligência deles.

Em **Os Animais têm Alma?**, no cap. “Alucinações Telepáticas nas quais um animal desempenha o papel de agente” (Tipo 01), são listados 23 casos, entre eles escolhemos estes dois como exemplo:

Caso I – (Em sonho, com indício aparente de posse) – É o caso Haggard, que me limitarei a narrar como foi resumido, com a maior exatidão, na edição de julho de 1904 da *Revue des Études Psychiques*, enviando o leitor que desejar detalhes

mais amplos ao número de outubro de 1904 do *Journal of the Society for Psychical Research*. Eilo:

O senhor Haggard conta que se tinha deitado tranquilamente lá pela uma hora da madrugada do dia 10 de julho. Uma hora depois, a sra. Haggard, que dormia no mesmo quarto, ouviu o seu marido gemer e emitir sons desarticulados, “tais como um animal ferido”. Inquieta, ela o chamou por ele e o sr. Haggard percebeu a voz como em um sonho, mas não conseguiu livrar-se do pesadelo que o oprimia. Quando despertou completamente, contou à esposa que **tinha sonhado com Bob, o velho perdigueiro de sua filha primogênita e que ele o vira se debater numa luta terrível, como se fosse morrer.**

O sonho tivera duas partes distintas. A respeito da primeira, o romancista **lembra-se apenas de ter experimentado uma sensação de opressão, como se estivesse a ponto de se afogar.** Entre o instante em que ele ouvia a voz de sua esposa e aquele em que despertou, o sonho tomou uma forma mais precisa. “Eu via”, conta o sr. Haggard, “o velho Bob estendido entre os caníços de uma lagoa. Parecia-me que minha própria personalidade saía misteriosamente do corpo do cão, que comprimia a sua cabeça contra o meu rosto de uma maneira bizarra. Bob procurava como que me falar e, não se fazendo compreender pelo som, me transmitia, de outro modo indefinível, a ideia de que estava prestes a morrer”.

O sr. e a sra. Haggard tornaram a dormir e o romancista não foi mais perturbado no seu sono. Na manhã seguinte, no desejo, ele contou às filhas o que havia sonhado e riu com elas do

medo que a mãe tivera. Atribuía o seu pesadelo à má digestão. Quanto ao cão Bob, ninguém se preocupou com ele, pois que, na tarde anterior, tinha sido com outros cães da vila e fizera os seus agridos à sua dona, como de costume. Quando a hora da refeição cotidiana passou sem que Bob aparecesse, a srta. Haggard começou a experimentar alguma preocupação e o romancista a supor que se tratasse de um sonho verídico. Então fizeram-se buscas ativas que duraram quatro dias, no fim das quais o próprio sr. Haggard **achou o pobre animal flutuando na água de uma lagoa, a dois quilômetros da vila, com o crânio fraturado e duas patas quebradas.**

Um primeiro exame, feito pelo veterinário, fez supor que o infeliz animal tivesse sido apanhado em uma armadilha, mas se encontraram em seguida provas indiscutíveis de que o cão tinha sido apanhado por um trem na ponte que atravessava a lagoa e que fora lançado, pelo choque, entre plantas aquáticas.

Na manhã de dezenove de julho, um cantoneiro da estrada de ferro achara na ponte a coleira ensanguentada de Bob. Agora não restava dúvida alguma de que **o animal morrera na noite do sonho.** Por acaso, naquela noite, tinha passado pela ponte, um pouco antes da meia-noite, um trem extraordinário de recreio que devia ter sido a causa do acidente.

Todas essas circunstâncias são provadas pelo romancista por meio de uma série de documentos.

Segundo o veterinário, a morte teria sido quase instantânea; ela teria então precedido de duas horas, ou mais, o sonho do sr. Haggard.”

Tal é, em resumo, o caso acontecido com o escritor inglês no qual se encontram **várias circunstâncias de fatos que concorrem para excluir, de modo categórico, qualquer outra explicação que não seja a de transmissão telepática direta entre o animal e o homem.**

Não se podia tratar, com efeito, de um impulso telepático proveniente da inteligência de uma pessoa presente, pois que ninguém assistira ao drama nem fora informado dele, assim como se verifica pelo inquérito feito pelo próprio sr. Haggard, como, aliás, é fácil de presumir, levando-se em conta a hora avançada da noite na qual ele se passou.

Não se podia tratar de uma forma comum de pesadelo alucinatório, com coincidência fortuita, pois que as circunstâncias verídicas, que se encontram na visão, são verdadeiramente bem numerosas, sem falar do fato em si da coincidência entre o sonho e a morte do animal.

Não se podia tratar de um caso de telestesia graças ao qual o espírito do romancista teria visto, de longe, o desenrolar do drama, pois que, então, o percipiente seria um espectador passivo, quando não foi assim. Como se pôde ver, **ele foi submetido a um fenômeno notável de personificação ou de um começo de possessão.** Esse fenômeno, tal como observou o editor do *Journal of the Society for Psychical Research*, oferece um paralelo interessante com as “personificações” e as “dramatizações” observadas tão frequentemente nos sensitivos ou médiuns no estado de transe.

Não se poderia, finalmente, falar em sonho premonitório, pois o sr. Haggard na sabia sobre o acontecido, do que só soube mais tarde quando o cadáver do cão Bob foi achado boiando, na lagoa isto, quatro dias depois do estranho sonho. Com efeito, com essa solução, não se chegaria a nenhuma explicação: nem o fato da coincidência verídica entre o sonho e o acontecimento, nem o fenômeno da dramatização igualmente verídica do caso, **nem o caso, tão notável, de personificação ou possessão.**

Eis as principais considerações que concorrem para **provar, de modo incontestável, a realidade do fenômeno de transmissão telepática direta entre o homem e o animal.** Achei dever enumerá-los para responder quaisquer objeções que chegaram de diferentes setores, depois que a *Society for Psychical Research* acolheu e comentou o caso em questão. Ao mesmo tempo, as mesmas considerações poderão servir de regra aos leitores para julgar sobre o valor da hipótese telepática relativamente aos casos que se seguirão. ⁽⁶⁰⁾

Acreditamos na possibilidade de um ser humano captar sensações, provenientes de certos momentos de angustia vivenciada por animais, mas, doutrinariamente falando, não há a mínima possibilidade dele servir de médium, mencionado como “personificação”, e, muito menos, ser possuído por espírito de animais.

Vejamos agora o segundo caso:

Caso IV – (Impressão) – Eu o extraio da *Light* (1921, p. 187). O seu narrador é o sr. F. W. Percival, que escreve:

O senhor Everard Calthorp, grande tratador de cavalos puro-sangue, no seu último livro intitulado *The horse as comrade and friend* (*O cavalo como companheiro e amigo*), conta que ele possuía já há alguns anos uma **magnífica égua chamada Windermere**, à qual era profundamente ligado e que era retribuído com um transporte afetivo de modo a conferir ao caso aqui apresentado um caráter realmente emocionante. Quis a infelicidade que a égua se afogasse numa lagoa perto da herdade do senhor Calthorp, que expõe assim as impressões experimentadas no trágico momento:

“Às três e vinte da manhã de 18 de março de 1913, despertei, de sobressalto, de profundo sono, não por causa de algum ruído ou algum latido, mas por **um pedido de ajuda que me transmitia – não sei como – a minha égua Windermere**. Apurei os ouvidos e não percebi o menor ruído naquela noite calma, mas, **assim que despertei completamente, senti vibrar, no meu cérebro e nos meus nervos, o apelo desesperado de minha égua**. Compreendi deste modo que ela se encontrava em perigo

extremo e que invocava auxílio imediato meu. Vesti o sobretudo, calcei as botas, abri a porta e pus-me a correr pelo parque. Não ouvia latidos nem gemidos, porém sabia, de um modo incompreensível e prodigioso, de qual lado vinha essa espécie de telegrafia sem fio. Retiniam sempre mais fracamente no meu cérebro e, quando cheguei à margem da lagoa haviam cessado. Buscando na água da lagoa, percebi que ela estava ainda enrugada por pequenas ondas concêntricas que atingiam a margem e, no meio dela, percebi uma massa preta que se precisava sinistramente na primeira claridade da alvorada. Compreendi logo que se tratava do **corpo de minha pobre Windermere** e que, infelizmente, eu respondera muito tarde ao seu apelo, pois ela estava morta.”

O sr. F. W. Percival, reproduzindo esta narração na revista *Light* (1921, p. 187), observa:

Sem dúvida, nos casos iguais a este, faltam-nos o testemunho do agente, mas **isto não impede que as três regras de Myers, destinadas a distinguir os fatos telepáticos daqueles que não o são**, sejam todas da mesma maneira aplicáveis ao caso de que nos ocupamos. **As ditas três regras são as seguintes:** 1ª – que o agente seja encontrado numa situação excepcional (aqui o agente lutava contra a morte); 2ª – que o percipientes tenha experimentado algo de psiquicamente excepcional, inclusive uma impressão de natureza a fazer conhecer o

agente (aqui a impressão que revela o agente é manifesta); e 3ª – que os dois incidentes coincidam no ponto de vista do tempo (esta condição é igualmente satisfeita).

Poder-se-ia acrescentar que o fato do **impulso telepático** foi bastante preciso e enérgico para despertar o percipiente de um sono profundo e fazer-lhe perceber imediatamente que **se tratava de um pedido de socorro da parte de sua égua** e orientar os seus passos, sem nenhuma hesitação, para o teatro do drama. **Não parece então que se possa pôr em dúvida a origem realmente telepática do acontecimento.** ⁽⁶¹⁾
(itálico do original)

Para Bozzano, o caso realmente trata de um pedido de socorro por parte da égua, fato que a sua origem telepática, não se pode pôr em dúvida.

Em **A Reencarnação**, Gabriel Delanne tece considerações a respeito de Bozzano, dizendo o seguinte:

A analogia certa que existe entre as manifestações intelectuais dos animais superiores e as do homem leva-nos a indagar **se as faculdades supranormais, que se verificam em nós, não poderiam existir, em um grau qualquer, entre os que se têm chamado, a justo**

título, nossos irmãos inferiores.

É evidente que o assunto só pode ser resolvido pela observação. Ora, sobre ele, já existe certo número de narrativas reunidas por Bozzano, o grande psicólogo italiano. Ele as publicou nos “Annales des Sciences Psychiques” (Anais das Ciências Psíquicas), de agosto de 1905. Infelizmente, não posso, a meu pesar, por motivo da exiguidade do meu quadro, reproduzi-las integralmente; farei, apenas, algumas citações, que **parecem provar a hipótese da transmissão de pensamento entre o animal e o homem, com iniciativa no primeiro.** Se se multiplicarem as observações, a identidade fundamental do princípio inteligente em todos os animais superiores ficará estabelecida de maneira a não deixar qualquer dúvida. ⁽⁶²⁾

Delanne, sem demonstrar estranheza alguma, aceita a possibilidade de transmissão de pensamento entre o animal e o homem, com iniciativa do primeiro.

O escritor Celso Martins, na obra **A Alma dos Animais**, relata o seguinte caso relativo a sonhos, sobre os quais admite a possibilidade de alguns serem nítidos, chamado de inteligentes, e aí dá o seguinte exemplo:

Uma senhora teve uma desinteligência com a marido e este desapareceu, não deixando o menor vestígio, a despeito das investigações que ela fez. Ora, **determinada noite teve um sonho. Seu cãozinho** que com ela vivera há anos e que fora com o marido, aparece-lhe, **dá latidos de alegria, cobre-a de carícias**. Depois, o bichinho (tudo no sonho) instala-se a seus pés e não tira os olhos dela. Em seguida, **levanta-se e passa a arranhar a porta** (repito, tudo isto durante o sonho). E **arranha tanto a porta como que querendo dizer-lhe: – Já lhe fiz a minha visita: agora devo ir embora**. A mulher abre a porta e segue o animal que se afasta depressa e ela (no sonho ainda) atrás dele. Lá pelas tantas o cãozinho entra em determinada casa. **A mulher acorda conseguindo reter na memória tudo o que vira: a rua onde o animal andou, a paisagem em derredor e a casa aonde ele chegou e entrou**. No dia imediato, aquela mulher **relata a três amigos este sonho tão nítido e resolveu tirar a limpo aquela história**. Os leitores já adivinharam o final da novela: **Aquela senhora localizou a rua e a casa e descobriu o marido fujão!**

Está aí um exemplo da existência de um princípio inteligente nos animais, o qual é capaz até de pôr-se em contato com os homens (no caso, aquela senhora. [...]). ⁽⁶³⁾

Temos aí, portanto, um animal que, segundo a narrativa, entrou em contato com um ser humano, conseguindo de alguma maneira, ainda que bem

primitiva, indicar-lhe onde entrava a pessoa a quem procurava.

A prof.^a Ivênia Prada, em **A Questão Espiritual dos Animais**, levanta um ponto bem interessante a respeito da fala de Erasto que nós mencionamos:

Aqui surge um fato interessante, relativo à restrição apontada por Erasto, de que os animais não podem reproduzir o que eventualmente entendam, pois há os que podem! **A Ciência demonstrou, há algum tempo, que chimpanzés e gorilas são capazes de se comunicar com os seres humanos usando a linguagem de sinais para auditivos, uma linguagem humana, portanto.** O casal Allen e Beatrix Gardner, ambos cientistas do corpo docente da Universidade de Nevada, dos Estados Unidos, e seu assistente Roger Fouts, autor do livro *O parente mais próximo* (⁶⁴), ensinaram a Washoe e outros chimpanzés, conforme referi anteriormente, a linguagem dos sinais, através da qual eles conseguem articular frases gramaticalmente corretas e expressar sentimentos como solidariedade, raiva, compaixão, ciúme e inveja ou senso de humor.

Fouts (⁶⁵) ressalta que, além da habilidade de aprender, demonstrada por Washoe e outros chimpanzés, o mais importante foi **confirmação de que a capacidade de transmitir informações não é exclusivamente dos seres humanos.** De

fato, na sua relação com o filhote e outros membros do grupo, Washoe ensinou a linguagem humana aprendida, demonstrando, portanto, sua capacidade de reproduzir informações. O pesquisador salienta que o caso de Washoe não é isolado, pois vários outros chimpanzés demonstraram essa aptidão.

Ficam essas considerações como uma porta aberta a reflexões e, quem sabe um dia, à possibilidade de pesquisas sobre o assunto. Talvez essa **capacidade de os animais compreenderem certos pensamentos do ser humano**, como refere Erasto, esteja relacionada à citação de Bozzano ⁽⁶⁶⁾, no início do capítulo, a respeito da **participação de animais em fenômenos de telepatia**. ⁽⁶⁷⁾

Interessante é ver como são as coisas acontecem... Determinado ponto não é aceito por muitos, enquanto inúmeros outros o aceitam sem grande dificuldade. O que percebemos é o fato de que já termos um (pre)conceito sobre algo nos leva a rejeitar tudo quanto venha a contrariar o que já pensamos dele.

III - ANIMAIS DESENCARNADOS

As manifestações de animais não seriam tão só criações mentais?

Alguns confrades entendem que, senão todas, pelo menos a maioria das manifestações de animais como sendo apenas criações fluídicas produzidas por Espíritos. Assim não seriam elas uma realidade manifesta. Vamos listar algumas ocorrências para ver se, de fato, é isso mesmo o que acontece.

É oportuno trazermos este trecho de **O Livro dos Médiuns** dito pelo Codificador, que segundo ele, os Espíritos constantemente recomendavam: “[...] precisamos aprofundar o sentido de suas palavras, quando apresentarem a menor ambiguidade. [...].” (68)

Retornando à **Revista Espírita 1861**, mês de julho, para ver mais de perto o artigo “As visões do Sr. O.”, publicado em “Variedades”, pois nele existem detalhes importantes que devem ser mencionadas:

As visões do Sr. O.

Extraímos o relato seguinte do *Spiritual*

Magazine, publicado em Londres, número de abril de 1861.

“O Sr. O..., gentil-homem de Gloucestershire, jamais tinha tido visões até o momento que veio morar em P..., em 3 de outubro de 1859. Em torno de quinze dias depois de sua chegada, começou a ver à noite; no início eram raios luminosos que vinham clarear seu quarto, passando pela janela; deu-lhes pouca atenção, atribuindo isso à lanterna de um vigilante ou a um longo relâmpago. Entretanto, uma noite em que fixava seus olhos sobre a parede de seu quarto, viu se formar uma rosa e em seguida estrelas de diversas formas. Uma outra noite viu, na misteriosa luz, dois anjos magníficos tendo uma trombeta. Naquela noite o Sr. O... se retirara mais cedo que de costume por causa de uma ligeira indisposição que sentira. A presença desses dois anjos, que durou um ou dois segundos, fê-lo sentir uma doce sensação, que durou mesmo depois de sua partida.

Na semana seguinte **a mesma luz lhe apareceu com a figura de uma criança abraçando um pequeno gato**. Várias outras figuras apareceram do mesmo modo, mas muito obscuras para serem distinguidas. Em março, o perfil de uma senhora cercada de um círculo luminoso; reconheceu sua mãe, e gritou todo feliz: Minha mãe! Minha mãe! Mas essa visão desvaneceu-se logo. Na mesma noite, viu uma bela senhora, em roupa de cidade, com um chapéu na cabeça.

Uma ou duas noites depois ele **viu um lindo e pequeno cão** e um pequeno rapaz. Uma luz

apareceu-lhe em seguida, semelhante àquela de uma janela cujo contorno não estava nitidamente marcado, o que se renovou quatro vezes, e as três primeiras vezes durante cerca de meio minuto. O Sr. O... se recolheu e procurou adivinhar o sentido dessa visão, e acreditou que ela significava que não tinha mais que três anos ou três meses para viver. A luz retornou ainda uma vez; o Sr. O... se levantou sobre seu assento e a luz desapareceu ao cabo de um minuto.

“Em 3 de abril ele viu uma luz fazendo o efeito de uma fonte luminosa, e no interior do quarto uma parte de figura de homem: só a fronte, os olhos e o nariz eram visíveis; os olhos muito grandes e salientes olhavam-no fixamente. Isso desapareceu logo. Nas datas abaixo teve ainda as visões seguintes:

“4 de abril. – Rosto e busto de uma senhora sorrindo para duas crianças que se abraçavam uma na outra. Um pouco depois era o alto da cabeça de um homem, que o Sr. O... reconheceu pelos cabelos e a fronte como um de seus amigos morto recentemente. – 27 de julho. – Uma mão dirigida para baixo. Isso apareceu primeiro sobre a parede como uma luz fosforescente e tomou gradualmente a forma de mão. Então viu uma cabeça de homem idoso pertencente a essa mão, e **um pequeno pássaro cinzento de penas claras**. Essa figura olhava-o com ar solene, mas desapareceu; nisso sentiu um certo medo e julgou tremer, mas, ao mesmo tempo, sentiu uma sensação de calor agradável. Viu também um rolo de papel sobre o qual havia hieróglifos. – 12 de dezembro. **Um pássaro em seu ninho** dando

bicadas em seus pequenos. – 13 de dezembro. – **Duas cabeças de leopardos.** – 15 de dº. – Um forte golpe que foi ouvido pela senhorita S... em seu quarto, e que despertou o Sr. O..., que dormia profundamente. – 16 de dº. – Um barulho de sinos ouvido também pela senhorita S... – Um anjo com uma pequena criança brilhante, que se transformaram em flores. – **Uma cabeça de cervo** com grandes cornos. – 18 de dº. – Alguns rostos e **duas pombas.** – 1º de janeiro. – Um grande barco atrás do qual se eleva uma cabeça de criança gradualmente e acaba por voar para frente. – 3 de janeiro. – Um querubim e uma criança.

“Uma noite viu **uma pintura** representando uma soberba paisagem; era como uma abertura na obscuridade; **via praias, árvores, etc., um homem e uma vaca.** A mais bela claridade do sol iluminava essa paisagem. O que há de particular nessas visões luminosas é que frequentemente a luz clareia todo o quarto, de maneira a deixar ver os móveis, como em pleno dia; quando ela desaparece, tudo entra na obscuridade.

O Sr. O... teve muitas outras visões das quais negligenciou tomar nota.”

Parece-nos que as há suficientes para nos permitir apreciá-las, e **não pensamos que nenhuma pessoa esclarecida** sobre a causa e a natureza dos fenômenos espíritos **possa considerá-las como verdadeiras aparições.** Querendo se reportar ao primeiro artigo deste número, onde tentamos **determinar o caráter da alucinação, compreender-se-á a analogia que elas têm com as figuras que se apresentam,**

frequentemente, na sonolência, e que devem ter as mesmas causas. **Disso estaríamos convencidos unicamente pela multidão de animais que ele viu. Sabe-se que não há Espíritos de animais errantes no mundo invisível, e que, conseqüentemente, não pode haver aparições de animais, salvo caso em que um Espírito fizesse nascer uma aparência desse gênero com um objetivo determinado, o que não seria sempre senão uma aparência, e não o Espírito real de tal ou tal animal.** O fato das aparições é incontestável, mas é preciso guardar-se de vê-las por toda a parte, e de tomar portais os jogos de certas imaginações fáceis de exaltarem, ou a visão retrospectiva das imagens impressas no cérebro; a minúcia mesmo com a qual o Sr. O... revela certas particularidades insignificantes é o indício da natureza das preocupações de seu Espírito.

Em resumo, **não encontramos nada nas visões do Sr. O... que tenham o caráter de aparições propriamente ditas,** e cremos que há muito inconveniente em dar semelhantes fatos sem comentários, e sem fazer prudentes reservas, porque se fornecem, sem o querer, armas à crítica.
(⁶⁹)

Sim, de fato, as visões do Sr. O..., têm tudo para serem alucinações. Mas a explicação de Allan Kardec, sentimos muito, não nos pareceu muito sólida, já que por ter ocorrido “aparições” de vários animais ele as tratou como alucinações, justificando-

se “não há Espíritos de animais errantes no mundo invisível, e que, conseqüentemente não pode haver aparições”. Porém, os casos de manifestações de animais, que estão sendo apresentados nessa pesquisa, demonstram justamente o contrário.

Por outro lado, o Codificador admite a possibilidade de que algumas aparições possam ocorrer no “caso em que um Espírito fizesse nascer uma aparência desse gênero com um objetivo determinado, o que não seria senão uma aparência, e não o Espírito real de tal ou tal animal.” Deste modo, um Espírito desencarnado é que “criaria” um certo animal, mas ele não seria real, apenas uma criação fluídica. Em algumas situações isso é bem possível, mas, julgamos que não se deve generalizar para todas e quaisquer aparições de animais.

Vejamos trechos dos itens 126 e 129 de **○ Livro do Médiuns**, cap. VIII – Laboratório do Mundo Invisível, pela tradução de José Herculano Pires (1914-1979), publicado pela LAKE:

126. [...] Poderíamos citar grande número de casos em que Espíritos de mortos ou de pessoas vivas apareceram com **diversos objetos**, tais

como bengalas, armas, cachimbos, lanternas, livros etc. (70)

128. [...] 16. O Espírito tem sempre consciência da maneira pela qual produz **suas vestes ou os objetos** que torna aparentes?

– Não. Muitas vezes ajuda a formá-los por uma ação instintiva, que ele mesmo não compreende, se não estiver suficientemente esclarecido para isso. (71)

129. A teoria acima pode ser resumida assim: o Espírito age sobre a matéria; tira da matéria cósmica universal os elementos necessários para formar, como quiser, **objetos com a aparência dos diversos corpos na terra**. Pode também operar, pela vontade, sobre a matéria elementar, uma transformação íntima, que lhe dê certas propriedades. Essa faculdade é inerente à natureza do Espírito, que **a exerce muitas vezes de maneira instintiva** e, sem o perceber, quando se faz necessário. **Os objetos formados pelo Espírito são de existência passageira**, que depende da sua vontade ou da necessidade: ele pode fazê-los e desfazê-los a seu bel-prazer. **Esses objetos, em certos casos, podem parecer para os vivos perfeitamente reais**, tornando-se momentaneamente visíveis e mesmo tangíveis. **Trata-se de formação e não de criação**, pois o Espírito não pode tirar nada do nada. (72)

Então, temos que os Espíritos manipulando a matéria cósmica universal podem “formar”

determinados objetos, conforme deseja. Atenção quanto ao termo utilizado nos dois itens: objetos.

Oportuno, recorremos ao item 14, do cap. XIV – Os Fluidos, de **A Gênese**, uma vez que sempre o citam para explicar as manifestações de animais como criações mentais. Utilizam-se do seguinte parágrafo, porquanto nele é citada a palavra “bois”:

Por um efeito análogo, o pensamento do **espírito cria fluidicamente os objetos** dos quais ele tinha o hábito de se servir. Um espírito avarento manuseará ouro, um militar terá suas armas e seu uniforme, um fumante seu cachimbo, **um lavrador sua charrua e seus bois**, uma velha mulher a sua roca. **Esses objetos fluídicos** são tão reais para o espírito quanto o eram, no estado material, para o homem vivo, mas **pelo fato de serem criações do pensamento, sua existência é tão fugaz quanto a do pensamento que os criou.** ⁽⁷³⁾

Allan Kardec ao dizer “criar fluidicamente objetos” e “objetos fluídicos” está se referindo à possibilidade de o pensamento criar algo como que “fotografias” daquilo que o Espírito ainda se encontra apegado, mas, nesse caso, os objetos criados teriam existência tão fugaz quanto a do pensamento que os

criou.

Porém, algumas dúvidas nos surgem: A criação mental de animais se movimentaria tal como fazem os vivos, ou seria algo extático, como que uma fotografia? Poderiam ser eles classificados como “objetos”? Existe algum caso registrado de “criação fluídica animada” de um animal?

Em nossa opinião quando foi dito “sua charrua e seus bois”, o Codificador se referia a um conjunto, peculiar ao lavrador, pois era o que usava para arar sua terra, preparando-a para o plantio, e não ter criado da maneira separada a charrua e os bois, como nos parecem pensar.

Em princípio, diríamos que tais objetos mencionados não são animados, mas uma espécie de fotografia, até mesmo porque tal caso é narrado no artigo intitulado “Fotografia do pensamento”, publicado na *Revista Espírita* 1868, mês de junho, em que o Codificador diz vir completar com novas observações o que havia dito em *A Gênese*. A que fazemos uso é uma tradução da 4ª edição francesa.

Em razão disso, vejamos na ***Revista Espírita***

1868, os principais parágrafos, cujo teor se pode considerar como “novas observações”:

Sendo os fluidos o veículo do pensamento, eles nos trazem o pensamento, como o ar nos traz o som. Pode-se, pois, dizer, em verdade, que há, nesses fluidos, ondas e raios de pensamentos, que se cruzam sem se confundirem, como há no ar ondas e raios sonoros.

Como se vê, é uma ordem de fatos toda nova que se passam fora do mundo tangível, e constituem, podendo-se assim dizer, a física e a química especiais do mundo invisível. Mas como, durante a encarnação, o princípio espiritual está unido ao princípio material, disto resulta que certos fenômenos do mundo espiritual se produzem conjuntamente com os do mundo material, e são inexplicáveis para quem não lhes conhece as leis. O conhecimento dessas leis é, pois, tão útil aos encarnados quanto aos desencarnados, uma vez que só elas podem explicar certos fatos da vida material.

O pensamento, criando *imagens fluídicas*, se reflete no envoltório espiritual como numa vidraça, ou ainda como essas imagens de objetos terrestres que se refletem nos vapores de ar; ela ali toma um corpo e se *fotografa* de alguma sorte. Que um homem tenha, por exemplo, a ideia de matar um outro, por impassível que seja seu corpo material, **seu corpo fluídico é posto em ação pelo pensamento do qual reproduz todas as nuances**; ele executa fluidicamente o gesto, o

ato que tem o desejo de realizar; seu pensamento cria **a imagem da vítima, e a cena inteira se pinta, como num quadro**, tal qual ela está em seu espírito.

É assim que os movimentos mais secretos da alma repercutem no envoltório fluídico; que uma alma, encarnada ou desencarnada, **pode ler numa outra como num livro**, e ver o que não é perceptível pelos olhos do corpo. Os olhos do corpo veem as impressões interiores que se refletem sobre os indícios do rosto: a cólera, a alegria, a tristeza; mas a alma vê sobre os indícios da alma os pensamentos que não se traduzem ao redor.

No entanto, segundo a intenção, **o vidente** pode bem pressentir o cumprimento do ato que lhe será a consequência, mas não pode determinar o momento em que se cumprirá, nem lhe precisar os detalhes, nem mesmo afirmar que ocorrerá, porque circunstâncias ulteriores poderão modificar os planos decididos e mudar as disposições. **Ele não pode ver o que não está ainda no pensamento; o que vê é a preocupação do momento, ou habitual, do indivíduo, seus desejos, seus projetos, suas intenções boas ou más**; daí os erros nas previsões de certos videntes, quando um acontecimento está subordinado ao livre-arbítrio do homem; não podem senão pressentir-lhe a probabilidade segundo o pensamento que veem, mas não afirmar que ocorrerá de tal maneira e em tal momento. [...].

A teoria das criações fluídicas e, consequentemente, da fotografia do

pensamento, é uma conquista do Espiritismo moderno, e pode ser, doravante, considerada como adquirida em princípio, salvo as aplicações de detalhes que são o resultado da observação. Esse fenômeno é, incontestavelmente. A fonte das visões fantásticas, e deve desempenhar um grande papel em certos sonhos. ⁽⁷⁴⁾ (itálico do original)

Em relação às criações fluídicas podemos resumir, tomando do acima transcrito: “O pensamento, criando imagens fluídicas, se reflete no envoltório espiritual, elas ali tomam um corpo e se fotografa de alguma sorte. Que um homem tenha, por exemplo, a ideia de matar um outro, o seu corpo fluídico é posto em ação pelo pensamento do qual reproduz todas as nuances; seu pensamento cria a imagem da vítima, e a cena inteira se pinta, como num quadro, tal qual ela está em seu espírito.”

Se as criações fluídicas refletem no envoltório espiritual, ou seja, no perispírito, então, elas devem se apresentar ligada a ele e não como uma criação à parte e, como em vários casos, tendo “vida própria”.

Mais convictos ficamos disso, ao lermos, na **Revista Espírita 1869**, mês de março, artigo “Aparecimento de um filho vivo à sua mãe”, este

treco da explicação de Allan Kardec:

As formas exteriores que revestem os Espíritos que se tornam visíveis **são, pois, verdadeiras criações fluídicas**, frequentemente inconscientes; a roupa, os sinais particulares, as feridas, os defeitos do corpo, **os objetos dos quais se faz uso, são o reflexo de seu próprio pensamento no envoltório perispiritual.** ⁽⁷⁵⁾

Então, fica claro que “os objetos dos quais se faz uso, são o reflexo do seu próprio pensamento no envoltório perispiritual”, confirmando o nosso pensamento.

Ora, os casos de manifestações de animais, como os já vistos e os que ainda veremos, são “criações” à parte com “vida animada” e não semelhante a um quadro ou fotografia produzido no perispírito. E além disso, em algumas situações, apresentam-se em tempo relativamente longo e não fugaz como o pensamento.

Citaremos apenas um exemplo, reportando-nos ao caso, que mais à frente será relatado por completo, ocorrido com a médium Mme Elisabeth d'Éspérance (1855-1919), narrado por Delanne em [A](#)

Reencarnação:

Um ano depois, quando eu entrava, certa manhã, na sala de jantar, vi, com grande espanto, a pequena Monna, que corria, **saltando** em volta do quarto e que parecia **tomada de um frenesi de alegria**; girava, **girava**, ora metendo-se embaixo da mesa, ora intrometendo-se pelas cadeiras, **como fazia em seus momentos de excitação e alegria**, depois de uma ausência mais ou menos longa de casa. (76)

A manifestação da cachorrinha Monna, tem característica de uma fotografia ou de um ser vivente, na condição de espírito livre?

Assim, como, por vários motivos, nem todos seres humanos desencarnados se manifestam, o mesmo poderá acontecer em relação aos animais. Acreditados que existem, pelo menos, duas possibilidades para eles se manifestarem:

1ª) a força do pensamento deles acabam por produzir uma certa condensação do seu corpo perispiritual, gerando assim a sua aparição;

2ª) por ação de Espíritos que julgam necessária a manifestação deles produzindo materializações,

como o faria consigo mesmo manipulando o ectoplasma.

São apenas hipóteses, não questões fechadas.

Do artigo “Pierre Legay, dito Grand-Pierrot”, publicado na **Revista Espírita 1864**, mês de novembro, destacamos dos comentários do Codificador o seguinte trecho:

Já vimos mais de um exemplo de **Espíritos se crendo ainda vivos**. Pierre Legay nos mostra essa fase da vida dos Espíritos de maneira mais caracterizada. Aqueles que se acham neste caso parecem ser mais numerosos do que não se pensa; em lugar de fazer exceção, de oferecer uma variedade no castigo, isso seria quase uma regra, um estado normal para os Espíritos de uma certa categoria. [...].

Um fenômeno que pode parecer mais bizarro e não deixa de fazer sorrir os incrédulos é o dos objetos materiais que o Espírito julga possuir. **Compreende-se que Pierre Legay se imagine subindo no trem, porque a estrada de ferro é uma coisa real, existe; mas compreende-se menos que ele creia ter dinheiro e pago a sua passagem.**

Esse fenômeno encontra sua solução nas propriedades do fluido perispiritual e na teoria das criações fluidicas, princípio importante que

dá a chave de muitos mistérios do mundo invisível.

O Espírito, pela vontade ou unicamente pelo pensamento, opera no fluido perispiritual, que não é, ele mesmo, senão uma concentração do fluido cósmico ou elemento universal, **uma transformação parcial que produz o objeto que deseja**. Esse objeto não é para nós senão **uma aparência, para o Espírito é uma realidade**. Foi assim que um Espírito, morto há pouco, se apresentou um dia numa reunião espírita a um médium vidente, **com um cachimbo na boca, fumando**. [...] O que era mais singular é que o cachimbo soltava fumaça; para o vidente bem entendido, e não para os assistentes.

Tudo deve estar em harmonia no mundo espiritual, como no mundo material; aos homens corpóreos, são precisos objetos materiais; **aos Espíritos, cujo corpo é fluídico, são necessários objetos fluídicos**; os objetos materiais não lhes serviriam, assim como os objetos fluídicos não serviriam aos homens corpóreos. **O Espírito fumante, querendo fumar, cria um cachimbo** que, para ele, tinha a realidade de um cachimbo de terra; Legay **querendo ter dinheiro para pagar seu lugar, seu pensamento criou-lhe a soma necessária**. Para ele há realmente dinheiro, mas os homens não poderiam contentar-se com a moeda dos Espíritos. Assim se explicam as vestimentas com que se cobrem à vontade, as insígnias que usam, as diferentes aparências que podem assumir, etc.

[...].

Há, pois, o mundo corporal visível com os objetos materiais, e o **mundo fluídico, invisível para nós, com os objetos fluídicos**. Há a se notar que os **Espíritos, de uma ordem inferior e pouco esclarecidos, operam essas criações** sem se darem conta da maneira pela qual se produz neles esse efeito; não podem mais se explicar do que um ignorante da Terra não pode explicar o mecanismo da visão nem um camponês dizer como produz o trigo. (77)

É importante ressaltarmos que Allan Kardec utilizava a expressão “fluido perispiritual” como sinônimo de perispírito.

Se as criações fluídicas são produto do perispírito, então nós as imaginamos como algo “colado”, se assim podemos dizer, a ele, não um produto à parte, muitas vezes comportando-se como um ser vivo, animado e demonstrando agir por conta própria.

As criações fluídicas têm relação direta com o pensamento de algum Espírito, assim é que não provando a existência nas proximidades desse agente, não há que se falar em criações fluídicas.

Ademais, algumas vezes, vai depender do que

o pensamento do Espírito esteja criando, elas são realidades somente para ele, e não para os assistentes. Acreditamos que é o que se pode concluir desta fala de Allan Kardec constante da **Revista Espírita 1866**:

[...] em seus momentos de emancipação das faculdades do Espírito livre, pode produzir efeitos análogos. Aí pode estar a causa das visões ditas fantásticas. **Quando o Espírito está fortemente imbuído de uma ideia, seu pensamento pode criar-lhe uma imagem fluídica que, para ele, tem todas as aparências da realidade**, tão bem quanto o dinheiro de Pierre Legay, **embora a coisa não exista por si mesma**. Tal é, sem dúvida, o caso em que se encontrou a Sra. Cantianille. Preocupada com o relato que lhe fizeram do inferno, dos demônios e de suas tentações, dos pactos pelos quais eles se apoderam das almas, das torturas dos danados, **seu pensamento lhe criou um quadro fluídico, que só tinha realidade para ela.** ⁽⁷⁸⁾

Em nenhuma das obras, que usamos nessa pesquisa, encontramos Espíritos criando “fantasmas-animais”. Todas as manifestações e materializações de animais que ocorreram os que as viram tinham alguma ligação afetiva com aquele animal envolvido

no fenômeno, não identificamos nenhum Espírito criando tais animais.

Vejamos o que disse Ernesto Bozzano no Prefácio de ***Os Animais têm alma?***:

Para a outra classe de fenômenos e precisamente para a das aparições de fantasmas de animais, **supõe-se um fenômeno de alucinação pura e simples da parte do percipiente**, mas a análise comparada dos fatos mostra que, muitas vezes, os fantasmas animais são percebidos coletiva e sucessivamente. Elas são, além disso, identificadas com as de animais que viveram e morreram na localidade, e mais, que **os percipientes ignoravam que esses animais, vistos nessas condições tivessem existido.**

Assim sendo, é preciso concluir que, de modo geral, as duas hipóteses de que acabo de tratar são insuficientes para considerar os fatos. Essa conclusão é de grande importância teórica, pois que ela **nos força a admitir a existência de uma subconsciência animal, depositária das mesmas faculdades supranormais que existem na subconsciência humana e, ao mesmo tempo, ela nos leva a reconhecer a possibilidade de “aparições verídicas” de formas ou almas de animais.** ⁽⁷⁹⁾

E aí, conclui Bozzano: “Resulta daí todo o valor científico e filosófico deste novo ramo das pesquisas

psíquicas. [...]” (80)

Tendo o vocábulo “ideoplastia” o mesmo significado que “criações ou imagens fluídicas”, então, torna-se oportuno trazemos este pensamento de Bozzano, contido em ***Os Animais Têm Alma?***:

Prevejo a objeção que se poderá fazer-me a respeito: a de que os fenômenos de materialização humana, **tanto como os fenômenos de materialização animal**, são explicáveis pela **hipótese ideoplástica** sem que se precise recorrer à hipótese espírita. Respondo que, se a hipótese ideoplástica é suficiente para considerar as modalidades rudimentares de materializações humanas e animais, se ela é verdadeiramente a causa desses fenômenos, **seria, ao contrário, absurdo e insustentável estender-se essa explicação à classe toda inteira dos fenômenos considerados**. A esse respeito, nunca será bastante repetir que “animismo” e “espiritismo” são bem dois termos inseparáveis de um mesmo problema e que, **por consequência, nas manifestações de todas as espécies, achar-se-á forçosamente em face de modelos de manifestações que são, em parte, “anímicas” e, em parte, “espíritas”**. E não poderia ser de outro modo e seria mesmo absurdo pretender-se o contrário, considerando-se que, em ambos os casos, o espírito que opera é o mesmo, com esta diferença todavia que, em um caso, ele se acha em condição de encarnado e, no outro, de

desencarnado. [...]. (81)

No próximo capítulo, trataremos das manifestações de espíritos de animais, partindo da Codificação para depois citar alguns exemplos em outras fontes.

Para finalizar, traremos as explicações de Rodrigo Cavalcanti de Azambuja, constantes de ***Animais e Espiritismo***, cap. Animais no Mundo Espiritual, das quais queremos ressaltar a questão das “criações fluídicas”:

Admitindo-se a existência de um princípio espiritual em nossos irmãos “inferiores”, outra questão surge, exigindo nossa reflexão: existem animais no mundo espiritual? E a resposta da questão 600 de *O Livro dos Espíritos* nos diz que **SIM, há animais no mundo espiritual, mas estes não se encontram livres, ou seja, não estão na erraticidade propriamente dita**. Contudo, em algumas descrições do mundo espiritual feitas por André Luiz, este nos descreve a sua surpresa com a presença de variados animais como “Aves de plumagens policromas que cruzavam os céus e animais domésticos, entre as árvores frondosas”, o que parece contradizer a resposta de *O Livro dos Espíritos*.

Se nos aprofundamos um pouco mais no

assunto, **somos obrigados a admitir que em alguns destes casos as “aparições” de animais podem ser criações mentais plasmadas pelos espíritos com algum fim ou utilidade**, sejam cães, aves, para ambientação, e até mesmo os estranhos animais que algumas vezes acompanham irmãos menos evoluídos em regiões umbralinas.

Mas é claro que nem todos os casos são de criações mentais, e animais certamente são encontrados no mundo espiritual quando há utilidade para eles, notemos bem que a resposta da espiritualidade é **“utilizados quase imediatamente” e não instantaneamente**. Há, pois, a, **um lapso de tempo que a resposta não permitiu medir nem padronizar**, portanto, variável de acordo com o caso e a necessidade. [...]. ⁽⁸²⁾

Sim, pode haver algumas criações fluídicas, mas o problema surge quando se generaliza que passa a não corresponder aos fatos que são narrados em variadas obras de cunho mediúnico ou de produção intelectual de destacados pesquisadores.

Manifestações de espíritos de animais

Em **O Livro dos Médiuns**, 2ª parte, cap. VI – Manifestações visuais, item 100, encontramos uma possibilidade, que nos faz ficar sempre em alerta quanto às manifestações de espíritos de animais. Na questão 30, Allan Kardec pergunta se **os Espíritos poderiam apresentar-se sob a forma de animais**. A resposta foi que sim, completando-a disseram:

[...] mas **somente Espíritos muito inferiores tomam** essas aparências. Em todos os casos, a **forma animalesca** não passará de uma aparência momentânea [...]. ⁽⁸³⁾

Na **Revista Espírita 1865**, mês de maio, encontramos referência à leitura de uma carta, enviada da cidade de Dieppe, que reporta o caso da manifestação da cadelinha Mika:

MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO DOS ANIMAIS.

Escrevem-nos de Dieppe:

“... Parece-me, caro senhor, que tocamos

numa época onde devem se cumprir incríveis coisas. Não sei que pensar de um fenômeno, dos mais estranhos, que vem ainda de ter lugar em minha casa. Nos tempos de ceticismo em que vivemos, não ousaria disso falar a alguém, de medo de que não se me tome por um alucinado; mas, com o risco, caro senhor, de levar sobre vossos lábios o sorriso da dúvida, quero vos contar o fato; fútil em aparência, no fundo, é talvez mais sério do que se o poderia crer.

“Agonizante meu pobre filho, falecido em Boulogne-sur-Mer, onde continuava seus estudos, tivera de um de seus amigos uma **encantadora cadelinha** que havíamos educado com cuidado extremo. Ela era, em sua espécie, a mais adorável criaturinha que fosse possível imaginar. Nós a amávamos como se ama tudo aquilo que é belo e bom. Ela nos compreendia pelo gesto, nos compreendia pelo olhar. A expressão de seus olhos era tal que parecia que iria responder quando se lhe dirigia a palavra.

“Depois do decesso de seu jovem dono **a pequena Mika** (era seu nome) me foi conduzida a Dieppe, e, segundo seu hábito, ela dormia quentamente coberta aos meus pés, sobre minha cama. No inverno, quando o frio maltratava muito, ela se levantava, fazia ouvir um pequeno gemido de uma extrema doçura, o que era a sua maneira habitual de formular um pedido, e compreendendo o que ela desejava, permitia-lhe vir se colocar ao meu lado. Ela se estendia, então, à vontade

entre dois lençóis, seu pequeno focinho sobre meu pescoço que ela gostava por travesseiro, e se entregava ao sono, como os felizes da Terra, recebendo meu calor, me comunicando o seu, o que não me incomodava de resto. Comigo a pobre pequena passava felizes dias. Mil coisas doces não lhe faltavam; mas, **em setembro último, caiu doente e morreu**, apesar dos cuidados do veterinário a quem eu a confiara. **Falamos frequentemente dela, minha mulher e eu, e a lamentávamos quase como um filho amado**, tanto ela havia sabido, por sua doçura, sua inteligência, sua fiel amizade, cativar a nossa afeição.

“Ultimamente, pelo meio da noite, **estando deitado mas não dormindo, ouvi partir do pé de minha cama esse pequeno gemido que produzia a minha pequena cadelinha quando desejava alguma coisa**. Fui de tal modo tocado com isso, que **estendi os braços fora da cama para atraí-la para mim**, e acreditei em verdade que iria sentir suas carícias. Ao levantar-me de manhã, contei o fato à minha mulher que me disse: **‘Ouvi a mesma voz, não uma única vez, mas duas**. Ela parecia partir da porta de meu quarto. **Meu primeiro pensamento foi de que a nossa pobre cadelinha não estava morta**, e que escapando da casa do veterinário, que dela tinha se apropriado por sua gentileza, procurava entrar em nossa casa.’

“Minha pobre filha doente, que tinha

sua pequena cama no quarto de dormir de sua mãe, afirma tê-la ouvido igualmente. Somente lhe pareceu que o som da voz partia, não da porta de entrada, mas da própria cama de sua mãe, que está muito perto dessa porta.

“É preciso vos dizer, caro senhor, que o quarto de dormir de minha mulher está situado acima do meu. Esses sons estranhos provêm da rua como minha mulher o crê, ela que não partilha minhas convicções espíritas? É impossível. **Partidos da rua, esses sons tão brandos não teriam podido ferir meu ouvido, sou de tal modo atacado de surdez**, que, mesmo no silêncio da noite, não posso ouvir o barulho de uma pesada carroça que passe. Não ouço mesmo a grande voz do trovão em tempo de tempestade. De um outro lado, o som de voz partido da rua, como explicar a ilusão de minha mulher e de minha filha que acreditaram tê-lo ouvido, como vindo de um ponto inteiramente oposto, da porta de entrada para minha mulher, da cama desta para minha filha?

“Eu vos confesso, caro senhor, que esses fatos, embora se relacionem a um ser privado de razão, me fazem refletir singularmente. Que pensar disso? Não ousa nada decidir e não tenho o ócio de me estender longamente sobre esse assunto; mas **me pergunto se o princípio imaterial, que deve sobreviver nos animais, como no homem, não adquiriria, num certo grau, a faculdade de**

comunicação como a alma humana. Quem sabe? Conhecemos todos os segredos da Natureza? Evidentemente não. Quem explicará as leis das afinidades? Quem explicará as leis repulsivas? Ninguém. Se a afeição, que é do domínio do sentimento, como o sentimento é do domínio da alma, possui em si uma força atrativa. Que haveria de espantoso que um pobre animalzinho no estado imaterial se sinta arrastado ali onde sua afeição o leva? Mas o som de voz, dir-se-á, como admiti-lo, se se fez ouvir uma vez, duas vezes, por que não todos os dias? Essa objeção pode parecer séria; no entanto, seria irracional pensar que esse som não possa se produzir fora de certas combinações de fluidos, os quais reunidos agissem em um sentido qualquer, como se produzem em química certos efervescentes, certas explosões, em consequência da mistura de tais ou tais matérias? Que essa hipótese pareça fundada ou não, não a discuto, direi somente que ela pode estar nas coisas possíveis, e sem ir mais adiante, acrescentarei que constato **um fato apoiado num tríplice testemunho, e que se esse fato se produziu, **foi porque pôde se produzir**. Além disso, **esperemos que o tempo nos esclareça, não tardaremos talvez a ouvir falar de fenômenos da mesma natureza.**”**

Nosso honrado correspondente **age sabiamente ao não decidir a questão**; de um único fato que não é ainda senão uma probabilidade, **não tira uma conclusão absoluta**;

ele constata, observa, à espera de que a luz se faça. Assim o quer a prudência. **Os fatos desse gênero não são ainda nem bastante numerosos, nem bastante averiguados para deles deduzir uma teoria afirmativa ou negativa.** A questão do princípio e do fim dos princípios dos animais começa somente a se esclarecer, e o fato de que se trata a ela se liga essencialmente. Se isso não é uma ilusão, constata pelo menos o laço de afinidade que existe entre o Espírito dos animais, ou melhor de certos animais e o do homem. **Parece, de resto, positivamente provado que há animais que veem os Espíritos e por eles são impressionados;** disso temos narrado vários exemplos na *Revista*, entre outros o do *Espírito e o pequeno cão*, no número de junho de 1860. **Se os animais veem os Espíritos, isso não é evidentemente pelos olhos do corpo; eles têm, pois, também uma espécie de visão espiritual.**

Até o presente, a ciência não fez senão constatar as relações fisiológicas entre o homem e os animais; ela nos mostra, no físico, todos os animais da cadeia dos seres sem solução de continuidade; mas entre o princípio espiritual dos dois Espíritos existia um abismo; se os fatos psicológicos, melhor observados, vêm lançar um ponto sobre esse abismo, isso será um novo passo de fato para a unidade da escala dos seres e da criação. **Não é pelos sistemas que se pode resolver esta grave questão, é pelos fatos;** se ela deverá sê-lo um dia, o Espiritismo, criando a psicologia experimental, só ele poderá fornecer-lhe os meios. Em todos os casos, se existem pontos

de contato entre a alma animal e a alma humana, isso não pode ser, do lado da primeira, senão da parte dos animais mais avançados. **Um fato importante a constatar é que, entre os seres do mundo espiritual, jamais foi feita menção de que existam Espíritos de animais. Pareceria disso resultar que estes não conservam a sua individualidade depois da morte, e, de um outro lado, essa cadelinha que teria se manifestado, pareceria provar o contrário.**

Vê-se, segundo isto, que a questão está ainda pouco avançada, e não é preciso se apressar em resolvê-la. [...]. ⁽⁸⁴⁾ (itálico do original)

Em seus comentários, Allan Kardec também reforça a questão de que os animais veem os Espíritos. Além disso, ainda temos três destaques de seus comentários:

1º) “age sabiamente ao não decidir a questão; de um único fato que não é ainda senão uma probabilidade”;

2º) “Os fatos desse gênero não são ainda nem bastante numerosos, nem bastante averiguados para deles deduzir uma teoria afirmativa ou negativa.”;

3º) “Não é pelos sistemas que se pode resolver esta grave questão, é pelos fatos”.

Julgamos que o Codificador não fechou questão quanto ser totalmente impossível o fenômeno das manifestações de animais, considerando que inicia dizendo “entre os seres do mundo espiritual, jamais foi feita menção de que existam Espíritos de animais” para concluir que “essa cadelinha que teria se manifestado, pareceria provar o contrário”, ou seja, esse caso, em princípio, provaria que os animais podem se manifestar, ainda que, até aquele momento, nada tenha sido informado sobre essa questão.

E, bem consciente, afirma que: “Os fatos desse gênero não são ainda nem bastante numerosos, nem bastante averiguados para deles deduzir uma teoria afirmativa ou negativa.” completando “a questão está ainda pouco avançada, e não é preciso se apressar em resolvê-la.”

O que fica bem claro para nós, é que o Codificador deixa porta aberta para o futuro, quando os casos se tornarem bastante numerosos para daí tirar uma teoria.

Ao longo dessa nossa pesquisa, apresentaremos várias manifestações de animais,

assim já não será “um único fato”, como dito por Allan Kardec.

Após a leitura da carta, ocorreu uma comunicação através do médium Sr. E. Vézy, da qual destacamos o seguinte parágrafo:

Entre os animais domésticos e o homem as afinidades são produzidas pelas cargas fluídicas que vos cercam e recaem sobre eles; é um pouco a humanidade que se detém sobre a animalidade, sem alterar as cores de uma ou de outra; daí essa superioridade inteligente do cão sobre o instinto brutal da besta selvagem, e é a esta causa somente que poderão ser devidas estas manifestações que vêm de vos ler. **Não se está, pois, enganado ouvindo um grito alegre do animal e conhecendo os cuidados de seu senhor**, e vindo, antes de passar ao estado intermediário de um desenvolvimento a outro, trazer-lhe uma lembrança. **A manifestação pode, pois, ocorrer, mas ela é passageira**, porque o animal, para subir de um degrau, é preciso um trabalho latente que aniquile, para todos, todo sinal exterior de vida. Esse estado é a crisálida espiritual onde se elabora a alma, perispírito informe, não tendo nenhuma figura reprodutiva de traços, quebrando-se num estado de maturidade, para deixar escapar, nas correntes que os carregam, os germes de almas que ali eclodem. Ser-nos-ia, pois, **difícil vos falar dos Espíritos de animais do espaço, ele não existe, ou antes sua passagem**

é tão rápida que é como nula, e que no estado de crisálida, não poderiam ser descritos. ⁽⁸⁵⁾

Interessante a correção “ou antes sua passagem é tão rápida que é como nula”, já que o Espírito manifestante admitiu a possibilidade da comunicação de animais: “A manifestação pode, pois, ocorrer, mas ela é passageira...”

Imediatamente após, o Codificador insere esta nota:

Estas últimas reflexões do Espírito foram motivadas pela citação feita na sessão de pessoas que tinham pretendido **ter recebido comunicações de diversos animais**. Como explicação do fato precitado, **sua teoria é racional e concorda, pelo fundo, com a que prevalece hoje nas instruções dadas na maioria dos centros**. Quando tivermos reunido todos os documentos suficientes, nós os resumiremos em um corpo de doutrina metódico, que será submetido ao controle universal; **até lá não são senão balizas colocadas sobre o caminho para clareá-lo**. ⁽⁸⁶⁾

Allan Kardec não disse que as manifestações de animais não poderiam ocorrer, prudentemente,

considerou que, apesar de ser uma teoria racional e que, pelo fundo, concorda com as instruções dadas na maioria dos centros, seria ainda necessário passá-las pelo Controle Universal, e que “até lá não são senão balizas colocadas sobre o caminho para clareá-lo”

Isso é importante, pois, como já o dissemos, muitos de nós estamos sempre fechando questão sobre determinado ponto, nos esquecendo de tudo aquilo que o Codificador disse a respeito, conforme já abordamos em “Considerações Iniciais” ao responder à questão “Espiritismo com ponto final?”.

No ano de 1924, foi publicado o livro **Gênese da Alma**, já mencionado, do qual transcrevemos o seguinte trecho:

O CÃO BOBY DO DR. JORGE GRAESER

Nosso grande mestre Camille Flammarion, autor da incomparável obra *Deus na Natureza*, publicou na *Scena Illustrata*, de Florença, uma interessante narrativa que cabe muito bem neste livrinho, pois é um caso típico das “**manifestações póstumas dos animais**”, de que falamos. Vamos transcrever *ipsis verbis* o relato de uma dessas manifestações bem como a conclusão que o ilustre sábio tira da mesma:

“Um dos meus jovens colegas da Sociedade Astronômica de França, **Jorge Graeser, possuía um soberbo cão chamado Bobby**, o qual lhe era muito afeiçoado. **Era um São Bernardo**, um colosso que atingia a altura de 1 metro e 80 centímetros, quando se erguia sobre suas patas traseiras para abrir a porta ou para brincar com o seu dono.

“Quando este estudava, **o cão** ficava silenciosamente estendido a seus pés; seguia-o nos passeios, e **não o deixava um instante**, nem durante as observações astronômicas. Mas tanto quanto era afeiçoado ao seu dono, assim se mostrava hostil à mãe deste, que não o tolerava, e aos estranhos, que recebia ladrando furiosamente.

“Uma tarde, perto das 19 horas e meia, J. Graeser encontrava-se em seu gabinete, absorvido em um cálculo astronômico, quando **ouviu abrir a porta e viu seu afeiçoado companheiro**; *Boby parecia sofrer muito e permanecia imóvel junto à porta.*

“**O dono chamou-o**, mas o cão não se movia. Chamou-o novamente, e então **o cão foi roçar-se nas pernas do dono e estendeu-se a seus pés. Graeser quis acariciá-lo, porém sua mão agitou-se no vácuo: nada de palpável encontrou. Bobby só era uma sombra!** Maravilhado e inquieto buscou-o por toda a parte. Depois **pensou que o teriam matado**, e teve o pressentimento de que, talvez, sua mãe o houvera mandado matar. Comunicou-se por telefone com o lugar onde se sequestram cães, e, efetivamente, disseram-lhe que Mme. Graeser o havia levado lá, e que **o cão fora morto momentos antes.**

O instante da morte coincidiria com o da aparição! ⁽⁸⁷⁾ (itálico do original)

Teria Bobby, no momento da morte, “pensado” no seu dono, e com isso sua alma totalmente livre da prisão no corpo físico foi transportada até onde Jorge Graeser, seu dono, se encontrava? Essa é uma hipótese bem interessante, que não nos causa estranheza. Aliás, ela é bem factível.

O escritor francês Jean Prieur, em **A Alma dos Animais** (1986), na segunda parte intitulada “A alma sobrevive e se manifesta”, relata 13 casos interessantes de manifestações de espíritos de animais, dos quais em dois ocorreram também quando o animal ainda estava vivo. Destacamos o caso de Polka, em cuja narrativa lemos o seguinte:



A história de Polka, que a Sra. Luce Vincens-Marty escreveu para a revista *L'Inconnu*, é a mais incrível, a mais bela que conheço.

Polka era uma cachorra vira-lata que recusava a hospitalidade dos seres humanos (o

que sugeria que ela tinha sofrido por um deles). No entanto, **ela tinha simpatia por nós** e vinha todos os dias buscar a comida que tínhamos preparado para ela. Ela tinha a sua residência em uma carreira no fundo da floresta, e todos em nossa cidade a conheciam. Podíamos acariciá-la, mas ela gostava de sua vida nômade e ia embora imediatamente após ter comido.

Num domingo, dia de festa na cidadezinha, tínhamos reservado para ela uma carcaça de pato, regozijamo-nos de sua alegria por este prato incomum. Mas Polka não apareceu. No dia seguinte, tampouco; nossa preocupação estava no máximo, porque **várias vezes nós três ouvimos gemidos na porta, seguidos por um arranhão**. Levantávamo-nos às pressas e não víamos nada, a não ser a rua vazia. Preocupada, minha filha pegou sua bicicleta e foi para o bosque, onde ela encontrou o professor e lhe explicou seus medos, foi aí que ele respondeu: – Como, você não sabe? **O pobre animal foi vítima de um motorista** que tinha bebido demais, e que bateu nela. Ela teve a traseira esmagada e acabou em um matagal.

Naquela mesma noite, os gemidos tornaram-se a ouvir à nossa porta. Não aguentando mais, meu marido e eu pegamos uma lâmpada elétrica e fomos para a floresta. Andamos por todos os lados. **E foi aí que para responder às nossas chamadas ouvimos gemidos bem baixinhos**. Chegamos a uma escavação de pedra aonde **vimos o cadáver ensanguentado de Polka com três filhotes pendurados nos seus seios. Um deles ainda estava vivo**. Pegamo-lo e meu marido foi buscar uma pá para enterrar a cadela valorosa. Estimulado pelo fogo e leite quente, o pequeno foi

salvo, e **nunca mais o fantasma de Polka voltou a assombrar nossa casa.**

Quero acrescentar que meu marido não é facilmente convencido, mesmo assim ele tinha certeza de que **a alma do cão veio chamar nossa atenção para salvar seus filhotes.**

Há tudo **nesta história:** a existência e a sobrevivência da alma animal, **a alma amorosa, inteligente, e grata... e preocupada.**

Mas a alma não é um simples vapor, ela possui um corpo sutil, que pode ser bastante materializado para que Polka conseguisse choramingar e arranhar a porta de seus protetores.
(88)

É um caso bem comovente, pois demonstra o amor e a preocupação da cachorrinha vira-lata Polka, que, plenamente viva e consciente no plano espiritual, busca proteger os seus filhotes ao fazer de tudo a seu alcance para que, de alguma maneira, eles fossem resgatados. Sua ação conseguiu salvar um deles, e a partir daí não mais se manifestou, como se ela tivesse dado por terminada a tarefa a que se propôs.

Será que, também aqui, poderíamos aplicar este famoso dito popular, certamente, conhecido de todos nós: “Mãe, é mãe”?

Encontramos algo importante na obra ***Autonomia: a História Jamais Contada do Espiritismo***, de autoria de Paulo Henrique de Figueiredo. Conta sobre a ida de Canuto Abreu, no ano de 1921, à França, onde ele conseguiu examinar vários documentos que pertenceram ao Codificador. Vejamos a seguinte narrativa:

A leitura levou **Canuto** aos bastidores da elaboração da Doutrina Espírita, à intimidade de Kardec e de alguns pioneiros. Cadernos de diferentes tamanhos, folhas avulsas, recortes de jornais, originais das obras publicadas, mensagens conhecidas e inéditas, **pastas de papelão com documentos cronologicamente selecionados**. Alguns amarelados pelo tempo, outros fatigados pelo uso.

Continha todo o museu espírita. Os quadros e objetos passaram a terceiros. Mostrando as prateleiras do armário aberto em suas duas portas, mostrou os dossiês, a velha caneta, os antigos livros pessoais de **Kardec**. **Ele escrevera na capa de algumas pastas:** Minhas supostas vidas anteriores e missão atual; Atas das sessões da Sociedade Parisiense, muitas lavradas de próprio punho pelo professor; Autobiografia de Espíritos célebres; Notas e livros antigos e modernos; Comentários às críticas favoráveis ou adversas; Dados para a história do Espiritismo; **Notas às cartas de Laváter; Fatos e comunicações sobre**

alma de animais; História espírita de Jesus;
Previsões e sonhos míticos. ⁽⁸⁹⁾

Achamos bem interessante a existência da pasta “fatos e comunicações sobre alma de animais” será que nela já não havia documentos com fatos que viessem a comprovar a manifestação póstumas de animais?

Finalizamos, utilizando desta frase Allan Kardec publicada na **Revista Espirita 1865**:

[...] **O Espiritismo não desdenha nenhum fato**, por mais medíocre que seja em aparência; ele os espia, **os observa e os estuda todos**; é assim que progride a ciência espírita, **à medida que os fatos se apresentam para atestar ou completar sua teoria; se eles se contradizem, procura-lhes uma outra explicação.** ⁽⁹⁰⁾

Assim, para o Codificador se os fatos contradizem alguma coisa no Espiritismo, devemos procurar outra explicação, portanto, no seu aspecto de ciência, ele é progressivo e não estacionário como alguns, inadvertidamente, querem que ele seja.

Renomados pesquisadores e/ou escritores do Espiritismo

Iniciaremos citaremos os pesquisadores e autores clássicos Ernesto Bozzano, Gabriel Delanne e Gustave Geley (1865-1924), que serão listados por ordem cronológica de publicação de suas obras.

1º) Gustave Geley

No site da **FEP - Federação Espírita do Paraná**, informam-nos:

Geley nasceu em Nancy, na França. Formado em Medicina pela Faculdade de Lyon, clinicou até 1918 em Annecy, onde alcançou grande reputação. Interessando-se pelos **fenômenos paranormais**, realizou muitos estudos que ficaram registrados em anais científicos da época. Realizou notáveis investigações em 1916 com a médium Eva Carrière. Em 1919 assumiu a direção do Instituto Metapsíquico Internacional, onde obteve fenômenos extraordinários com o médium polonês de materializações Franck Kluski. Em 1922 e 1923 promoveu outra série notável de sessões de ectoplasmia, com o médium Jean Guzik, do que resultou o histórico “Manifesto dos 34”, assinado por eminentes homens de ciência, médicos, escritores e peritos

da polícia. De 1921 a 1923 realizou, quer em Varsóvia, quer em Paris, experiências com o médium polonês Stephan Ossowiecki. ⁽⁹¹⁾

Transcrevemos de ***O Ser Subconsciente: Ensaio de Síntese Explicativa dos Fenômenos Obscuros da Psicologia Normal e Anormal*** (1899), as seguintes informações do tradutor da obra Gilberto Campista Guarino:

Em outra época, acompanhado de Charles Richet, **presenciou os raros fenômenos de formações ectoplásmicas de animais**, com o médium **Guzik**, também polonês. Geley narra por diversas vezes – inclusive nos anais do Instituto que dirigia – **o estranho contacto que lembrava o roçar da cauda de um cachorro no tecido de seus costumes, além da presença de outras formas de animais que exalavam o odor de fava.**

[...].

De 1922 a 1923, **Geley conduziu sessões no Instituto de Metapsíquica Internacional, com Guzik e com Franeck Kluski.** Essas sessões eram **desenvolvidas sob as mais rigorosas condições: os médiuns estavam vestidos com roupa especial, amarrados nos pulsos e nas pernas e ligados aos assistentes por fios resistentes.** Nessa empresa foram vistas súbitas luzes entrecortadas, voando numa certa altura,

formando, depois, dois belos olhos. Ao lado desses olhos, esboçavam-se posteriormente traços luminosos, a formar um rosto; depois, surgia, perfeitamente visível, a cabeça. De repente, uma voz rouca indefinível (palavras de Geley) pronunciou em alemão Guten Morgen. Nessas mesmas reuniões, luzes estranhas esvoaçavam sobre o piano do salão, fechado a chave, furtando-lhe quatro ou cinco sons subsequentes.

Com Kluski, realizou também experiências de materializações de formas de animais, tendo visto a presença de enorme águia pousada sobre os ombros desse médium. Esse estranho animal, produzido também em sessão onde se achavam Richet e Geley, foi por eles chamado de Pitecantropo. [...]. ⁽⁹²⁾

Em **A Grande Esperança**, Charles Richet, confirma essa ocorrência:

Materializações de animais também são ideoplastias, como por exemplo, quando **Geley e eu fomos mordidos por um cão** (que sentimos, ouvimos e não vimos). Uma bela ideoplastia é a que foi produzida por Kluski. Foi fotografada **uma águia com as asas abertas**, voando por sobre sua cabeça. ⁽⁹³⁾

2º) **Gabriel Delanne**

Na **Revista Espírita 1865**, no artigo “Vossos

filhos e vossas filhas profetizarão” o Codificador refere-se ao garoto Gabriel Delanne, à época com apenas oito anos de idade, como exemplo de médium em que essa proferia, citada no título, estaria se cumprindo. Dizendo o seguinte:

O Sr. Delanne, que muitos de nossos leitores já conhecem, **tem um filho com a idade de oito anos**. Esse menino que ouve a cada instante falar de Espiritismo em sua família, e que frequentemente **assiste às reuniões dirigidas por seu pai e sua mãe**, assim se achou iniciado em boa hora na Doutrina, e, **às vezes surpreende com a justeza com a qual raciocina os princípios**. [...]. ⁽⁹⁴⁾

Essa fala do Codificador fica como uma boa apresentação de Delanne.

Em **A Reencarnação** (1927), no cap. V, intitulado “As faculdades supranormais nos animais e seu princípio individual”, o escritor e pesquisador Gabriel Delanne insere alguns tópicos, que registram 23 casos de percepções e manifestações



de animais. Entre os 11 casos relativos a manifestações, destacamos os seguintes:

Lugares assombrados

[...].

Comecemos este estudo pela **visão de animais defuntos**, que médiuns ou clarividentes descrevem com exatidão, sem os ter nunca conhecido, ou, se os conheceram, sem terem sido informados de sua morte.

Eis um primeiro exemplo, contado pela célebre médium, **Sra. d'Espérance**. ⁽⁹⁵⁾

Colho o caso de um interessante artigo, por ela publicado na *Light* de 22-10-1904, pág. 511.

“Uma só vez, **sucedeu-me uma prova pessoal da presença, em espírito, de um animal que eu havia muito bem conhecido em vida**. Tratava-se de **um pequeno terrier**, grande favorito de minha família, o qual, em consequência da partida do seu dono, tinha sido dado a um dos seus admiradores, que habitava a uma centena de milhas distante de nós.

Um ano depois, quando eu entrava, certa manhã, na sala de jantar, **vi, com grande espanto, a pequena Monna, que corria, saltando em volta do quarto e que parecia tomada de um frenesi de alegria; girava, girava, ora metendo-se embaixo da mesa, ora intrometendo-se pelas cadeiras, como fazia em seus momentos de excitação e alegria, depois de uma ausência mais ou menos longa de casa**. Conclui, naturalmente, que o novo dono

de Monna a tinha trazido, ou que, pelo menos, a cadela tinha conseguido, inteiramente só, encontrar o caminho de sua antiga morada.

Fui logo interrogar outros membros da família, mas ninguém sabia nada a respeito; aliás, procurou-se por toda parte, chamou-se-lhe pelo nome: Monna não se fez mais ver.

Disseram-me que eu devia ter sonhado, ou pelo menos fora vítima de uma alucinação, depois do que, o incidente ficou depressa esquecido.

Muitos meses, um ano talvez, se passaram, antes que acontecesse encontrar-nos com o novo dono de Monna. Pedimos logo notícias dela. Disse-nos ele que **Morna havia morrido** pelas feridas que recebera em luta com um grande cão. Ora, pelo que pude verificar, **isto se passara na mesma data, ou pouco tempo antes do dia em que a vira em espírito correr, saltar, girar em torno da sala de sua antiga residência.**" ⁽⁹⁶⁾

Se a aparição se produziu no momento da morte do animalzinho, essa visão podia ser atribuída à telepatia; mas **se, ao contrário, o fenômeno se realizou algum tempo depois da morte, é que o fantasma do animal foi percebido por clarividência.**

No exemplo seguinte, se, a rigor, as visões relativas ao gato fantasma podem ser de natureza alucinatória, o mesmo não se dá no que concerne à descrição do cão, que o Senhor Peters não conheceu.

Da sobrevivência dos animais

Escreve o Sr. Peters, na *Light*:

“No que toca à **sobrevivência dos animais**, observei um fato curioso, antes de me tornar espiritualista. Eu **estava doente e recebia sempre a visita de um gato**, que pertencia à minha proprietária. **Toda tarde, antes de escurecer, vinha o animal ao meu quarto, dava uma volta por ele, com ar solene, e retirava-se.** Disseram-me, um dia, que **havia matado o gato**, mas o fato se me apagou do espírito, e, **todas as tardes, o gato aparecia, como de hábito. Entretanto, uma vez, lembrei-me, repentinamente, de que o gato estava morto.** Como, nessa época, não sabia nada dos fatos psíquicos, e via, entretanto, o gato distintamente, pensei que os sofrimentos me tivessem tornado maluco, mas, **ao fim de algum tempo, deixei de receber a visita do bicho.**

De outra feita, estando em sessão com uma família, conversava com um hóspede, quando vi, de repente, um grande cão escuro, que veio colocar a cabeça em meus joelhos. O cão me parecia tão real, que o descrevi, e meu hóspede reconheceu nele o favorito da família.”

Tomo a um livro recente da Sra. Aguilana, “La vie vécue d'un médium spirite”, um caso análogo ao precedente. Ei-lo:

“Estava em Condom, no escritório de M. T., conversando com este e sua mulher, quando tive uma singular visão, de que lhes fiz parte. Disse-lhes que via um Espírito, um senhor, personagem que descrevi. **No mesmo instante, apareceu-me um cão, do qual pinte o pelo. Ele percorria o armazém de M. T., em meio às louças e porcelanas.** Era a cada instante chamado pelo

senhor: – **Venha cá, Médor!** – como se receasse que o cão causasse algum desastre no frágil vasilhame. – Esse senhor – disse-me M. T. – morreu há 8 anos. Era um dos meus melhores amigos e a quem tinha como irmão. **Quanto ao cão, que se chamava Médor, é morto há quase um ano.**”

O caso do juiz Austin é tão interessante como os precedentes.

A aparição de um cão

A North Somerset Gazette lembra a história seguinte, contada pelo Sr. Robert Austin, que lhe garante a autenticidade:

“Seu pai, o juiz Austin, que era conhecido como um grande amador de cães, tinha um fraldeiro, muito ligado ao dono. **O cão morrera, e, uma semana depois, o juiz foi à casa de um amigo em Clifton,** com o qual se entreteve durante alguns instantes no salão. Quando ele partiu, **uma moça escocesa,** que se achava então na casa, **perguntou quem era aquele senhor com um cão.** A dona da casa respondeu que era o juiz Austin, mas, acrescentou, **não trazia cão nenhum consigo. A outra replicou que havia com ele um cachorro,** no salão, **e descreveu exatamente, não só o aspecto de um velho cão de fralda,** como, ainda, sua postura favorita, quando se achava ao pé do dono. Podeis pensar o que quisesdes desta história, diz Austin, mas é verídica.”

Para os partidários obstinados da teoria da transmissão do pensamento ou da criptestesia, a descrição do animal pode ser tomada em uma

imagem da subconsciência do juiz; o mesmo não sucede quando a visão fantasma exerce também sua ação sobre animais.

[...].

Um cão fantasma

Colho do “The Animal’s Guardian”, que as reproduz, **muitas histórias de aparições de animais**, escritas no “National Review” pelo Capitão Humphries, que as coligiu, durante suas viagens, em muitos países. A história seguinte foi contada ao capitão por um amigo de sua esposa, e a verossimilhança da mesma não tem motivo por onde se lhe possa pôr em dúvida.

“Quando eles estavam no sul da África, sua habitação se achava perto do leito da estrada de ferro, de que o jardim ficava separado por pequeno muro. Por essa ocasião **possuíam eles um buldogue magnífico**, ao qual permitiam andar por toda parte, e que, **tendo querido evitar uma locomotiva, foi morto por outra**. Alguns meses depois, **os condutores dos dois trens da noite começaram a dar apitos**. Esse fato aborrecia muito o proprietário do cão morto. Além disso, sua mulher era de saúde delicada e se achava, muitas vezes, de cama. O marido encontrou um dia um dos condutores e lhe perguntou se os apitos eram realmente necessários, pois que não havia nenhum sinal em vista. A princípio o homem espantou-se com a pergunta, mas o marido reiterou-a, invocando a doença de sua mulher.

Foi, então, que **o maquinista explicou que o** amigo do escritor tinha o remédio nas mãos, pois

que o apito era dado, somente no intuito de impedir que o seu cão fosse esmagado, porque ele atravessava muitas vezes a linha, e só se desviava quando era advertido por aquela forma; e depois, habitualmente, passava por cima do muro de que falamos.

A descrição dada do cão concordava em todos os pontos com a do que tinha sido esmagado pelo trem. Essa aparição continuou por alguns meses, com diferentes intervalos.”

Aqui não podia ser invocada, como explicação, nenhuma ação telepática do animal. Por outra parte, uma alucinação visual dos mecânicos é inverossímil, porque eles viram muito distintamente, por diferentes vezes, o fantasma do buldogue, e apitaram a fim de o afastarem.

Notemos, também, que **essas aparições se realizaram alguns meses depois da morte do cão, o que indica a conservação de sua forma e a possibilidade para ela de se materializar.**

A descrição que se segue nos põe, ainda, **em presença da materialização póstuma de um cão**, e, o que é notável, essa aparição se deu a cento e seis milhas da cidade em que ele morrera.

O cão risonho

Lê-se no “Swasteka” (97), de julho, a curiosa narrativa devida ao General Thompson:

“Jim era um magnífico collie, favorito de toda a família, que residia em Cheyenne. Sua natureza afetuosa não podia ser mais notável. Era conhecido de toda a cidade, que lhe **chamava o cão risonho**. Vinha-lhe esse apelido, porque

demonstrava o prazer que lhe causava o encontro de amigos e parentes do dono, por uma espécie de risada, que se assemelhava estranhamente ao rir de um ser humano.

Uma noite dos últimos dias de 1905, lá para as 7,30, eu passeava com um amigo na 17ª rua de Denver, Colorado. Quando nos aproximávamos da porta do Banco Nacional, **vimos um cão estendido no meio da calçada, e, caminhando para ele, fiquei espantado por sua absoluta semelhança com o Jim**, de Cheyenne. Sua identidade ficou mais certa ainda pelos **sinais de satisfação que mostrou ao ver-me, e pelo riso particular, só dele**, com que me acolheu. Disse ao meu amigo que, se não estivéssemos a 106 milhas de Cheyenne, ia jurar que estávamos em presença de Jim, cujas particularidades lhe assinaliei.

O cão astral ou fantasma estava evidentemente ferido de modo grave, porque não podia levantar-se. Depois de o ter acariciado, dei-lhe um comovido adeus, atravessamos Slout-Street, e **voltei-me para o ver, uma vez ainda: ele havia desaparecido.** No dia seguinte, de manhã, **recebi uma carta de minha mulher, anunciando-me que na véspera, às 7,30, Jim tinha sido morto acidentalmente.**

Acreditarei toda a minha vida que vi o fantasma de Jim.”

O que leva a afastar toda ideia de alucinação é que **o cão fantasma foi visto por duas pessoas**, uma das quais seu dono, a quem ele manifestou sua afeição, com seu modo especial, e que sua aparição coincidiu com o momento da morte.

Charjes L. Tweedale escreve à *Light* ⁽⁹⁸⁾:

“Minha tia L... morreu em 1905, e seu cão predileto, animalzinho ardente e enérgico, morreu alguns anos antes. Em agosto, a tia L... começou a aparecer em minha casa, em plena luz, tanto de noite como de dia, e foi vista por todos os moradores da casa.

Muitas vezes, essas aparições eram acompanhadas de uivos e latidas, que nos espantavam muito. Enfim, o mistério foi desvelado pela aparição, ao lado da tia L..., de seu cão favorito.

Viu-se o animal duas vezes ao mesmo tempo em que a dona. **Em certo número de ocasiões ele foi visto sozinho, mesmo em pleno dia,** tanto por minha mulher como pelos criados e por meus filhos. **Certa vez, viram-no, ao mesmo tempo, quatro pessoas,** dia claro, e minha filhinha mais moça ficou tão convencida, que o procurava sob o leito, onde ele parecia ter desaparecido.

Alguns dos que viram o fantasma, não tinham conhecido o animal em vida, nem qualquer fotografia dele, que não existia. Entretanto, as descrições que faziam coincidiam, absolutamente, e eram inteiramente conformes ao que tinha sido o animal.”

A visão coletiva desse cão e a audição de seus latidos, estabeleceram-lhe a sobrevivência, muitos anos após sua desapareição terrestre; **aqui, ainda, há materialização de fantasma.**

[...].

Aparição de animais em sessões experimentais.

“Em uma sessão do mês de novembro de 1877, em casa do Comandante Devollette, disse a médium Amélia que alguma coisa se apresentava na mesa, e precisamente numa grande folha ali posta para a escrita direta.

Aí tem! **Um animal, vejo patas! Ah! é um cãozinho sentado no papel**, com o nariz curto, olhos grandes, redondos, orelhas cumpridas, cauda de longos pelos, patas finas e cumpridas. Ouvimos logo um bater de patas e abalos na mesa, **pondo-nos a médium ao corrente dos movimentos do animal. Ele salta, prende o papel entre os pés, arranha-o, torce-o, dilacera-o.** Ai! que medo! Salta-me no ombro, passa para as costas da Sra. X... (esta senhora sente o choque), volta à primitiva posição. **Todos ouvimos pequenos latidos**, e minha mulher **sente nas mãos as patas do animal.** Em seguida, ele **lambe as mãos de Amélia**, as da Sra. X... e desaparece.

Acesa a luz, encontramos o papel torcido, dilacerado e distintamente denunciada a impressão de pequenas garras.”

Os latidos ouvidos pelos assistentes e os traços das unhas deixados no papel, **parecem estabelecer a realidade do cão fantasma.**

Materializações visíveis de formas de animais

“As materializações de formas animais não são raras com Frank Kluski. (99) Nos relatórios das sessões de estudos psíquicos de Varsóvia, temos a assinalar, especialmente, **uma grande ave de rapina**, que **apareceu várias vezes** e foi fotografada; **depois, um ser bizarro, espécie de**

intermediário entre o macaco e o homem. Tem a estatura de um homem, uma face simiesca, mas uma fronte desenvolvida e reta, o rosto e o corpo coberto de pelos, braços compridos, mãos fortes e longas. Parece sempre comovido, toma as mãos dos assistentes e as lambe como faria um cão.

Ora, esse ser, que denominamos o Pitecantropo, manifestou-se muitas vezes durante nossas sessões. Um dos assistentes, na sessão de 20 de novembro de 1920, sentiu sua grande cabeça aveludada apoiar-se-lhe pesadamente no ombro, junto ao rosto. Essa cabeça era guarnecida de cabelos bastos e rudes. Um odor de animal selvagem, de cão molhado, desprendia-se dele. Um dos presentes estendeu a mão; apanhou-a o Pitecantropo e lambeu-a longamente, por três vezes. Sua língua era grande e macia.”

Eis alguns pormenores, concernentes a esse ser bizarro; são extraídos dos relatórios das sessões de Varsóvia, em 1919:

“É um ser do tamanho de um homem adulto, muito peludo, com uma grande crina, e uma barba hirsuta. Estava como que revestido de uma pele crepitante; a aparência era a de um animal ou de um homem muito primitivo.

Não falava, mas emitia, com os lábios, sons roucos, estalavam a língua e rangia os dentes, procurando, em vão, fazer-se compreender.

Quando o chamavam, aproximava-se; deixava que lhe acariciasse a pele veludosa, tocava as mãos dos assistentes, arranhava-as docemente, antes com garras, do que com unhas. Obedecia à voz do médium e não fazia mal aos assistentes.

Era um progresso, porque, nas sessões anteriores, este ser manifestava grande violência e brutalidade. Tinha uma tendência visível e uma vontade tenaz de lambe a mão e o rosto dos assistentes, que se defendiam dessas carícias bem desagradáveis. Obedecia às ordens do médium, não só quando expressas pela palavra, senão quando expressas pelo pensamento. Outras vezes sentíamos, sob os joelhos, fricções como as de um cão.” (100)

Ao correr do ano de 1922, o Dr. Geley foi a Varsóvia e sei que ele verificou, **nas sessões com o médium Kluski, materializações de cães.** (101)
(grifo dos títulos é do original)

3º) **Ernesto Bozzano**

No site da **União Espírita Mineira**, tem algumas coisas importantes na biografia de Bozzano: “Antes de se converter ao Espiritismo, foi materialista, cético, positivista.”; “era um pesquisador profundo e metuculoso.”; “fundou na cidade [Gênova] a primeira Sociedade de Estudos Psíquicos: o Círculo Científico Minerva”; “durante três anos, fez experiências com a médium Eusápia Palladino.” e “trinta e cinco obras escritas.” (102)

Acreditamos que não deve ser expressivo o número de espíritas que sabem quem era e o que fez

Bozzano. O importante é que, por ter sido um pesquisador de primeira linha, jamais podemos desprezar suas pesquisas.

A sua obra *Os Animais têm Alma?*, não temos dúvida, deveria ser de leitura “obrigatória” a todo pesquisador que busca conhecer mais sobre os animais. Visando corroborar essa nossa opinião, recorreremos a Prof.^a Irvênia Prada, num seu trecho já citado, mas que é preciso destacá-lo, no qual ela diz:

Não posso deixar de referir, novamente, a obra magnífica de Ernesto Bozzano ***Os animais têm alma?***, que **recomendo para leitura** e aprendizado sobre o assunto, porque dos **130 casos descritos, de manifestações metapsíquicas envolvendo animais**, que, pela atuação de seu perispírito, são vistos e ouvidos ou sentido sua presença. [...]. ⁽¹⁰³⁾

Um pesquisador apresentando 130 casos de manifestações metapsíquicas envolvendo animais, acrescidos de outros dez envolvendo materializações, é algo a ser levado em conta, porquanto, reforça a sobrevivência e também a possibilidade da existência de animais no mundo

espiritual, embora não saibamos em que circunstâncias isso ocorre.

Especificamente quanto às manifestações (aparições) e as materializações de animais tais casos montam em 51 ocorrências. Certamente é impraticável transcrevê-las todas aqui, vamos selecionar apenas uma de cada categoria.

1º) Aparição de animais em lugares assombrados (27 casos):

Caso XCII - (Visual, com impressões coletivas)
– A sra. J. Toye Warner Staples enviou à *Light* (1921, p. 553) a narração aqui reproduzida e referente a um caso que lhe é pessoal:

Temo verdadeiramente que a minha contribuição ao inquérito sobre a sobrevivência da psique animal não seja de natureza a satisfazer às provas exigidas pela *Society for Psychical Research*, todavia o fato que vou expor-lhes é escrupulosamente autêntico e digno de confiança, qualquer que seja a explicação dele.

Minha infância decorreu na parte ocidental da Irlanda e, desde a idade de quatro anos até os seis, morei numa casa muito grande e velha situada às margens do Shannon. Minha família, sendo inglesa, não dava atenção às narrativas da gente do lugar que afirmava que **a nossa residência devia ser assombrada**. Ora, foi lá que tive a primeira experiência do que se pode

chamar de cão fantasma. Nas horas da tarde, durante o verão, em **plena luz do dia**, algumas vezes **durante vários dias consecutivos** e outras vezes *com o intercalo de vários meses*, eu **era amedrontada pela aparição, muito nítida e natural, de um cãozinho branco, de raça pomerânia**, que se manifestava a mim na cabeceira de minha cama. Ele **me olhava com a boca aberta e a língua de fora quando estava ofegante** e se comportava como se me visse, tomando a atitude que teria adotado se tivesse querido saltar para cima de minha cama. Então eu me espantava terrivelmente, embora tendo a intuição de que não se tratava absolutamente de um cão em carne e osso. Por vezes, **quando o cachorro se mostrava perto da janela, eu percebia os móveis do quarto através do seu corpo branco** e me punha a gritar, chamando a minha mãe e exclamando: “Leve-o! Suma com ele!” **Logo que mamãe entrava no quarto, ele a seguia e, quando ela saía, ele saía com ela.** Então eu era levada para baixo e, à força de carinhos, fazer-me esquecer o medo que havia experimentado.

O mais curioso é que, enquanto eu era a única a perceber esse fantasma canino, **quatro outras pessoas o sentiam.**

Na **plena luz** das manhãs de verão, dois membros da minha família – duas mulheres – e uma senhora e um senhor que tinham habitado a casa antes de nós, **perceberam muitas vezes algo constituído de um corpo sólido, com as dimensões e peso de um cãozinho, que parecia pular para as camas, do lado dos pés, para passarem seguida lentamente sobre os seus corpos, chegando assim até os ombros e descer para o chão, do outro lado.** Em tais

ocasiões, os percipientes se sentiam como que paralisados e eram incapazes de se mover, mas, logo depois, eles pulavam do leito e examinava minuciosamente o quarto sem nada ali descobrir.

Por razões fáceis de serem compreendidas, abstenho-me de dar o endereço da supracitada casa, mas eu o confiaria ao professor Horace Leaf se esta narração interessar a alguém.

Nada de mais incômodo quando não se pode formular uma teoria capaz de explicar, de modo satisfatório, fatos do gênero de que acabamos de narrar e seria talvez melhor passar adiante sem discuti-lo. Caso se pretenda dar uma orientação de qualquer maneira, procedendo pela via de eliminação, dever-se-ia dizer que, no caso em questão, não poderia tratar-se de percepção psicométrica de acontecimentos passados porque o detalhe do cãozinho que olhava em face da percipientes, que se dispunha a pular para cima de sua cama, que seguia os passos de pessoas presentes, saindo com elas, assim como o outro detalhe das impressões táteis experimentadas por uma das quatro pessoas, evocando um animal que passaria sobre seus corpos, indicam *uma ação no presente* e não uma reprodução automática de *ações que se desenrolam no passado* como deveria unicamente se produzir no caso das percepções psicométricas.

Pela mesma razão dever-se-ia **excluir a hipótese de uma projeção telepática por parte de um morto**, visto que uma projeção dessa natureza **provocaria a percepção alucinatória de uma forma de animal plasticamente inerte ou que se deslocaria automaticamente, mas nunca**

a de uma forma animal consciente do meio em que se acha.

Enfim, mesmo a hipótese alucinatória, entendida segundo o significado patológico deste termo, não poderia ser sustentada, considerando-se que quatro outras pessoas tinham por várias vezes experimentado impressões *táteis* correspondentes às percepções visuais da criança, o que bem demonstra que, na origem dos fatos, devia haver um agente único que tinha que ser, forçosamente; inteligente e estranho as percipientes.

Assim sendo, **não restaria a disposição do pesquisador sendo duas hipóteses:** primeiramente, a tradicional ou popular, segundo a qual as formas animais, que aparecera nos lugares assombrados, representam o simulacro simbólico de espíritos humanos de uma categoria baixa e depravada; depois, a graça à qual se supõe que a psique animal sobrevive à morte do corpo e chega algumas vezes a se manifestar aos vivos.

Após ter exposto estas observações para satisfazer meu dever de relator, **abstenho-me de toda conclusão, pois que a ausência dos necessários dados não o permite.** Limito-me a observar que as duas hipóteses que acabo de mencionar podem ambas explicar os fatos pela intervenção de entidades espirituais desencarnadas: no caso da primeira, tratar-se-ia de entidades animais. ⁽¹⁰⁴⁾ (itálico do original)

2º) Visão e identificação de fantasmas de animais mortos (14 casos):

Caso CXXII - (Visual-auditivo) - A revista espírita *Light* (Luz) publicou em 1921, p. 594, a seguinte comunicação do sr. Ernest W. Duxbury:

O problema da sobrevivência da psique animal não pode ser cientificamente resolvido senão se reunindo um número suficiente de fatos bem verificados que forneçam a prova dessa sobrevivência. As discussões filosóficas não mudam nada as coisas.

O incidente que relato é de data recente e eu só me decido a publicá-lo porque estou bem certo de sua autenticidade, quaisquer que sejam as conclusões que se possam tirar dele. Aconteceu com uma dama das minhas amizades e dotada de faculdades mediúnicas, embora nunca se tenha preocupado em desenvolver. Acrescento que conheço pessoalmente as circunstâncias que levaram a referida senhora ao meio em que o fato aconteceu. A narração que reproduzo foi escrita e assinada pela mesma, cujo nome só posso indicar pelas iniciais N. Y. Z. Eis o que ela escreveu:

“Tendo chegado subitamente do estrangeiro, tive necessidade de alugar um quarto mobiliado numa velha casa de Londres e não tardei em me aperceber de que estava infestado de ratos que ali produziam, durante a noite ruídos de todas as espécies, correndo pelo assoalho e lançando gritos estridentes. Para me proteger desses hóspedes tão indesejáveis, **arranjei emprestada uma bela gata** que me pareceu

logo feliz em se achar na minha companhia. Gosto muito da raça felina e a dita gata correspondia bem à minha afeição; dormia na minha cama e colocava as suas patas dianteiras em torno do meu pescoço, roncando tão forte que me impedia de dormir. Infelizmente **a gata ficou doente** e, em um certo dia, entrando no meu aposento, às dez horas, **encontrei-a morta**, para grande e dolorosa surpresa minha.

“Nessa mesma noite, os ratos recommençaram os seus divertimentos e eu resolvi acender o gás e me pôr a ler, não ousando dormir com tal companhia, mas o depósito do contador do gás estava quase esgotado e às três horas a chama se extinguiu. Acendi então a lamparina e me meti debaixo das cobertas, porque a presença dos pequenos roedores me causava aborrecimento e medo. **De repente, ouvi a gata roncar ruidosamente.** Escutei durante cerca de um minuto, depois do que resolvi levantar a cabeça e olhar para então observar um estranho fato: **vi, diante da parede aderente a um lado da cama, ao nível de minha cabeça, uma espécie de disco opaco, do diâmetro de uma gata branca e preta, absolutamente igual à que acabara de morrer.** Olhou-me, **fazendo várias vezes um movimento de cabeça da maneira característica da gata morta**, em seguida **o seu corpo se tornou transparente** durante alguns segundos para logo tomar uma forma opaca mais

consistente do que a anterior e **então vi a gata olhar para o alto como se lá houvesse alguém**. A aparição era tão real que eu dirigi a palavra à gata como se ela estivesse viva, mas, repentinamente, desapareceu. Em seu todo, o fenômeno foi de curta duração, porém, durante a noite inteira, não fui mais incomodada pelos ratos, embora não conseguisse dormir, senão a longos intervalos.

“Não havia nenhuma possibilidade de outro gato entrar no meu quarto, porque a porta e as janelas estavam bem fechadas, além do que, ao romper da manhã, não achei nenhum gato vivo nele. Quando o fenômeno aconteceu, eu não havia ainda adormecido e estava perfeitamente consciente de me achar acordada.”

No caso que acabo de reproduzir, **a descrição de um disco opaco que toma, pouco a pouco, a forma da gata morta recorda de muito perto o processo normal das materializações mediúnicas** e, como o senhor Duxbury, ao comunicara à *Light* esta narração, teve o cuidado de observar que a senhora deste caso possuía faculdades mediúnicas, **é completamente aceitável que ela tivesse assistido realmente a uma sessão de materialização de animal**. A outra circunstância de que “os ratos não mais se moveram, a noite inteira” testemunharia em favor desta interpretação, porque mostraria que os roedores perceberam, de algum modo, o fenômeno supranormal e ficaram espantados. Se se trata,

então, de um caso de pura e simples alucinação, os ratos não teriam experimentado os efeitos dela e teriam continuado a correr pelo chão. ⁽¹⁰⁵⁾

3º) Materializações de animais (10 casos):

No decurso das sessões com a célebre **médium senhora Wriedt** da qual o traço mais característico é constituído pelos **fenômenos de ‘voz direta’**, obtêm-se muitas vezes **materializações de animais** que fazem ouvir as suas vozes. Limito-me a reproduzir dois exemplos.

Na ata das sessões de Cambridge, Inglaterra, que foram realizadas em 1914, um magistrado dessa cidade assim fala delas na *Light*, 1914, p. 296:

Durante a primeira sessão realizada em Wimbledon, a minha esposa sentiu uma pressão característica sobre um de seus pés, mas não soube precisar de que se tratava. Isso se renovou por várias vezes, dando lugar a diversas suposições por parte dos experimentadores. De repente, **fomos surpreendidos com o latir de um cão** e então perguntamos ao **espírito guia, dr. Sharp, o que nos poderia dizer a respeito desses latidos e ele nos respondeu: “Está aqui um cão fraldiqueiro que pertencia à vossa esposa”**. Com efeito, vários anos antes havíamos perdido **um fraldiqueiro** ao qual éramos muito afeiçoados e que já havia sido visto conosco, em outras sessões, por médiuns clarividentes. Inútil é acrescentar que o médium não podia saber nada disso.

Numa outra sessão com o mesmo médium, sessão cuja ata foi publicada na *Light* (1921, p. 490), o sr. A. J. Wood diz:

Levei à sessão um dos meus amigos, acompanhado de sua esposa. A sra Wriedt descreveu, com muita precisão, **um cão da raça collie que ela percebia ao lado desses meus amigos**. Num dado momento, dirigindo-se à esposa, o médium disse: **“Ele pousou a cabeça em cima dos vossos joelhos”**. No mesmo instante, ouvimos partir desse canto um latido forte e alegre. Ora, com efeito, **os meus amigos haviam possuído um cão collie**, grande favorito deles, **que morrera vários anos antes** e cuja descrição correspondia exatamente à feita pelo médium. ⁽¹⁰⁶⁾

Embora Bozzano tenha registrado esses 10 casos na sua obra, acreditamos que ele não os considerou como evidência indiscutível, em razão dessa sua fala:

Apresso-me a declarar que **as pesquisas experimentais sobre as manifestações animais** tratadas nesta categoria **se acham ainda em condições rudimentares**, de modo que **esses fenômenos não podem ser ainda considerados sob um ponto de vista científico** e eu me contentarei em apreciar a questão para que não haja uma aparência de lacuna na minha obra. ⁽¹⁰⁷⁾

Demonstra, perfeitamente se tratar de um

pesquisador consciencioso e bem cuidadoso na análise dos fenômenos, *a priori* não tinha todos eles como prova científica.

Da “Conclusões” de ***Os Animais Têm Alma?***, transcrevemos:

No que diz respeito às nossas repetidas afirmativas em favor da existência real das manifestações telepáticas nas quais os animais desempenham o papel de agentes ou de percipientes, assim como **os fenômenos de assombração ou aparições de outra espécie, nas quais os animais são percipientes** juntamente com o homem, **não parece nada científico levantar ainda reservas ou dúvidas**, pois os casos expostos nesta classificação bastam para provar o bom fundamento de nossas afirmações. Com efeito, **nos exemplos que relatamos, figuram as principais formas das manifestações de assombração, aparições e os fenômenos supranormais similares.** ⁽¹⁰⁸⁾

Estas considerações, logicamente, irreprocháveis, tinham, porém, ainda necessidade de uma **confirmação complementar no terreno experimental**. Se a hipótese da existência, nos animais, de **uma psique sobrevivente à morte do corpo** tem fundamento, **deveria haver casos de aparição *post-mortem* de fantasmas animais de uma maneira análoga à que se realiza para o homem**. Pois bem, **esta demonstração**

complementar é fornecida no decurso de nossa classificação na qual foi citado um número suficiente de fatos desta espécie, onde encontramos os mesmos traços característicos que servem como provas de identificação espírita nos casos correspondentes de fantasmas humanos.

Chegamos assim a demonstrar a existência de dois grupos de fatos que constituem o problema a resolver, isto é, que, na subconsciência animal, encontram-se as mesmas faculdades supranormais que existem na subconsciência humana e que **os fantasmas de animais mortos se manifestam como os fantasmas humanos**. Dever-se-ia então considerar que se conseguiu a demonstração necessária para provar a existência e a sobrevivência da psique animal. A hipótese em apreço não podia ser então considerada senão como cientificamente legítima, embora ainda apenas a título de hipótese de trabalho, esperando julgá-la como **uma verdade definitivamente adquirida para a ciência quando o acúmulo dos fatos** nos permita analisar a fundo este assunto tão importante. ⁽¹⁰⁹⁾ (itálico do original)

Sim, não temos dúvida alguma de que ainda alguns confrades permanecerão “inumes” aos argumentos de Bozzano, apesar dele ter mostrado os fatos para os corroborar.

Cumpre-nos ainda o dever de apresentar como fontes de pesquisa dois pesquisadores brasileiros do

século XX.

O primeiro deles é o jornalista José Herculano Pires, em **Mediunidade (Vida e Comunicação)** (1978), disse o seguinte:

Há casos impressionantes de **materialização de animais** em sessões experimentais. Há **casos espontâneos de aparições de animais-fantasmas** em vários relatos de viagens e de pesquisas psíquicas. Esses casos estimulam a ideia da mediunidade animal. As pessoas que se deixam impressionar por esses casos certamente não se lembraram de que **as materializações são produzidas pelos espíritos, que tanto podem materializar uma figura humana, como um par de sapatos ou uma figura animal**, Kardec nos dá, em *O Livro dos Médiuns*, excelente estudo sobre o laboratório do mundo invisível, em que **todos esses casos são esclarecidos**. Os espíritos superiores, explicam os processos científicos dessas manifestações, que, por outro lado, as conquistas recentes da Física e da Parapsicologia ajudam a esclarecer. **Da mesma maneira porque agem sobre os objetos inertes**, movimentando-os através de suas próprias vibrações fluídicas ou por meio de energias ectoplásmicas de um médium, **os espíritos podem agir sobre os animais** e as plantas, **na produção de fenômenos de ordem física**. A psicocinesia, segundo as investigações de Rhine, Soal e Caringthon nos Estados Unidos e na Inglaterra, provou de maneira incontestável a ação

da mente sobre a matéria. As pesquisas soviéticas recentes, na Universidade de Kirov demonstraram **a existência do corpo-bioplásmico** não só no homem, mas também nas plantas e **nos animais**. Pesquisas anteriores, realizadas na França por Raul de Montandon, provaram a existência de uma estrutura energética em gafanhotos e outros pequenos animais. Essas estruturas não eram destruídas pela morte do animal sob ação de esguichos de éter, e os que não morriam deixavam ver ao seu lado, em fotos batidas com luz infravermelha, a silhueta perfeita da estrutura energética. **Essas investigações científicas nos proporcionam informações importantes sobre os fantasmas de animais**. A sobrevivência da forma animal confirma a teoria espírita a respeito, enquanto **a psicocinesia revela a possibilidade de controle dessas formas pelo poder mental dos espíritos**. As manifestações de fantasmas-animais não são naturalmente conscientes como as de criaturas humanas, mas **são produzidas por entidades espirituais** interessadas nessas demonstrações, seja para incentivar o maior respeito pelos animais na Terra, seja por motivos científicos. **No tempo de Kardec**, em meados do século passado, quando ainda vigorava na França e na Europa em geral a teoria cartesiana de que os animais eram máquinas, desprovidos de alma e movidos por mecanismos instintivos, **as aparições de animais eram frequentes**. Nos Anais das Sociedades de Pesquisas Psíquicas **há numerosos casos de manifestações animais na Inglaterra**. Em São Paulo temos **um caso famoso de materialização de um cão do então**

Governador Ademar de Barros, nas sessões do círculo de Odilon Negrão, com os médiuns de ectoplasma D. Hilda Negrão e o médico Luiz Parigot de Sousa. **Há visível interesse dos espíritos no sentido de demonstrar que os animais são realmente nossos irmãos pela carne e pelo espírito.** Essas manifestações têm a evidente finalidade de auxiliar a evolução animal, chamando para eles a atenção dos homens que podem protegê-los. ⁽¹¹⁰⁾

Herculano Pires apresenta duas formas de manifestação de animais: materializações e aparições espontâneas.

O outro pesquisador espírita que não podemos deixar de mencionar é Hernani Guimarães Andrade (1913-2003), fundador do Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas – IBPP. Utilizando-se do pseudônimo de Karl W. Goldstein publicou o livro **A Transcomunicação Através dos Tempos** (1997), do qual transcrevemos:

A título de ilustração, vamos transcrever alguns dos fatos narrados por Montandon na sua mencionada obra ⁽¹¹¹⁾. O primeiro caso por nós escolhido foi publicado na revista *Light*, 1915, p. 215 e transcrito no referido livro de Montandon:

“Cerca de dez horas e trinta da noite, escreve o reverendo Charles Tweedale, minha esposa subiu ao seu quarto e, enquanto arrumava os travesseiros, dirigiu o olhar ao pé do leito. Percebeu ali um grande **cachorro preto**, erecto sobre suas patas, o qual ela pôde analisar em detalhe. Quase ao mesmo instante, **nosso gato**, que havia seguido sua dona na escada, penetrou no quarto e, **vendo por seu turno o cão, deu um pulo, curvando o dorso, eriçando o pelo, rosnando e dando golpes de unha no ar**. Ele saltou em seguida sobre o toucador colocado em um canto do quarto e escondeu-se atrás do espelho do móvel. **O fantasma do cachorro esvaneceu-se**. Minha mulher, desejando assegurar-se de que o gato não era, ele também, de natureza fantasmagórica, aproximou-se do toucador; olhando atrás do espelho, ela viu bem o nosso gato autêntico, em um estado de excitação frenética, e sempre de pelo eriçado. Quando ela tentou tirá-lo de seu esconderijo, o felino rosnou e a unhou, mantendo-se ainda **tomado pelo pavor que lhe havia causado o cão fantasma**”.

(Montandon, 1943, p. 192)

Vê-se, por este exemplo, que **os animais não só são capazes de manifestar-se em forma de fantasma, como podem ser percebidos pelos outros animais**, mesmo pelos de espécie diferente. Entretanto, **há também um número enorme de casos em que os animais, como os cães, gatos, cavalos etc. percebem a presença**

de Espíritos humanos, dando mostra de enxergá-los e ouvi-los e, algumas vezes, de temê-los. ⁽¹¹²⁾

Da outra obra de Andrade, intitulada **Você e a Reencarnação** (2002), destacamos os seguintes tópicos do cap. V – Os animais e a reencarnação:

ANIMAIS NO MUNDO ESPIRITUAL

Em 1966, *Harold Sharp* publicou, através da “The Spiritual Association of Great Britain”, um interessante opúsculo intitulado “*Animais in the Spirit World*” (Animais no Mundo Espiritual). Nesse trabalho, **Harold Sharp trata da questão da sobrevivência dos animais após a morte**. Ele é um grande espiritualista, médium, conferencista e escritor inglês. Sua opinião é favorável à tese da sobrevivência dos animais após a morte. Entretanto, **seu ponto de vista não é baseado apenas em mera crença pessoal**. Apoia-se em fatos reais, em experiências por ele vividas durante seu contato com diversas pessoas. Além do testemunho individual, Harold Sharp tem, a respaldar suas convicções, **um grande número de fatos registrados por observadores sérios de fenômenos paranormais**, conforme iremos ver mais adiante.

Logo no início de seu opúsculo, Sharp narra uma comovente história de uma senhora idosa e paraplégica que estivera acamada por vários anos. Ele a visitava regularmente a fim de levar-lhe conforto espiritual. Numa dessas entrevistas, os

dois conversavam, com toda a naturalidade, acerca do após-vida. Externando a sua opinião, aquela senhora dirigiu a Sharp as seguintes palavras:

“Bem, o senhor sabe disse ela eu nunca pude admitir a ideia usual de um Céu de flores douradas, com portões cravejados de pérolas e harpas ao seu redor; isto sempre me pareceu muito artificial. Se eu pudesse ter o meu velho jumbo ali, eu seria perfeitamente feliz.”

O velho **Jumbo a que ela se referia era um fiel cão pastor** que, durante seis anos de sua enfermidade, foi a sua constante e dedicada companhia. Ela devia ter amado muito o seu Jumbo. Este certamente amou-a também carinhosamente. Quando **o cão já bem idoso morreu**, este fato deve ter sido seguramente o prelúdio do desencarne daquela senhora.

Harold Sharp prossegue relatando que, **algum tempo mais tarde, ele estava tendo uma sessão espírita** com a conhecida médium londrina Mrs. Neville. Entre várias coisas, ela disse:

“Está aqui uma mulher que aparenta cerca de 60 anos de idade. Ela está dizendo ‘Chester’ – que é provavelmente seu nome ou o nome da cidade onde ela viveu. Ela tem um cão grande e peludo consigo, ao qual chama de Jumbo. Está vestida com um traje de lã macia com fios de várias cores e achasse justamente fora para um passeio com seu cão. Na minha opinião, eles formam um par muito unido.” (Opus. Cit., p. 5)

Certamente a venerável senhora a quem Sharp se referiu em seu trabalho encontrou, ao morrer, o “céu” que ela anelou com tanta esperança. Reunir-se outra vez ao seu fiel amigo: o velho Jumbo.

Quantas pessoas têm tido, nos animais domésticos, os seus melhores e mais sinceros amigos! **O animal de estimação, adotado ou criado desde pequenino, toma-se um membro da família e retribui com muita sinceridade o afeto e os bons tratos recebidos de seus donos. [...].**

Esta ligação afetiva pode permanecer no plano astral, como o episódio que acabamos de narrar, pois há inúmeras evidências de que os animais, como nós, também sobrevivem após a morte. Eles certamente possuem um Espírito em evolução.

OUTRAS FONTES DE EVIDÊNCIA

H. Dennis Bradley foi um autor inglês, nascido em 1878. Desenvolveu a sua mediunidade de “voz direta” com o célebre médium americano *George Vallintine*. **Comunicações em “voz direta”, obtidas através de Dennis Bradley, informaram que os animais selvagens, após sua morte, têm seus Espíritos confinados em uma espécie de reino animal espiritual, para serem reciclados em novas encarnações na Terra.** Os animais capazes de amor e lealdade, como os domésticos, **vivem com os Espíritos humanos em seus planos; os cães são os mais sujeitos a esse tipo de sobrevivência.**

[...].

MATERIALIZAÇÕES DE ANIMAIS

As ocorrências de materialização de animais em sessões espíritas de ectoplasmia são **numerosíssimas**. Os três médiuns poloneses, *Eranek Kluski*, *Jan Guzik* e *Burgik*, tornaram-se famosos devido à peculiar faculdade de produzir materializações de animais.

Guzik materializava cães e diversos outros animais, alguns bem estranhos. Kluski ectoplasmava **uma grande ave de rapina, pequeninos animais selvagens, um leão e um antropeide.**

O periódico *Psychic Science*, abril de 1926, relata as seguintes ocorrências observadas nas sessões de Kluski:

“A ave foi fotografada e, antes da exposição, um esvoaçar como o ruflar de asas de um enorme pássaro, pôde ser ouvido, acompanhado por ligeiras lufadas de ar, como se um grande abanador estivesse sendo usado... Hirkill (um afegane) materializou-se... Acompanhando-o, sempre havia um animal selvagem, do tamanho de um cão avantajado, de uma cor castanho-amarelada, com pescoço esbelto, boca cheia de grandes dentes, olhos que fulguravam na escuridão como os de um gato, o qual fazia lembrar a companhia de um leão sem juba. Ele era ocasionalmente selvagem em seu comportamento, especialmente se as pessoas mostrassem medo dele, nenhuma aparição humana nem animal era mais bem recebida pelos assistentes... O leão, como podemos denominá-lo, gostava de lambe os presentes à sessão, com uma língua úmida e espinhosa,

exalava o odor de um grande felino, e mesmo depois da sessão, os assistentes, e especialmente o médium, ficavam impregnados desse aroma acre, como se eles houvessem feito um longo estágio em um covil entre feras selvagens.” (Fodor, opus cit. p. 227)

O Tenente Coronel E. R. Johnson publicou um artigo na revista *Ught* de 11 de novembro de 1922, relatando uma sessão com Mrs. Wriedt:

“Era extremamente comum as pessoas encontrarem-se com os seus cães já falecidos. Eu tive um desses, um terrier bem pequeno, colocado sobre os meus joelhos. Ele permaneceu ali por cerca de um minuto, e tanto o seu peso como sua forma eram perfeitamente reconhecíveis. Ele não foi tirado fora, mas pareceu evaporar-se ou dissolver-se gradualmente. Dois outros, um grande cão de caça e um terrier de tamanho médio, vieram diversas vezes, e todos os três latiam com suas próprias vozes e maneiras. Outros assistentes viram, ouviram e foram por eles tocados. Todos os três haviam morrido na Índia cerca de trinta anos antes.” (Fodor, Opus cit., pp. 227-228).

A lista de casos de materialização de animais que já morreram é longa e variada, incluindo focas, feras e até um *pitecantropo* que se manifestava com o médium Kluski. Estes **fatos, geralmente bem comprovados e testemunhados por pessoas dignas de crédito**, apoiam fortemente a *tese da sobrevivência* dos animais após a morte. Vejamos, ainda, outras fontes de evidência.

INFORMAÇÕES VIA MEDIÚNICA

O famoso médium americano *Arthur Ford* era muito amigo da também notável médium *Ruth Montgomery*. Quando Arthur Ford faleceu, em 4 de janeiro de 1971, Ruth sofreu bastante com sua perda, mas pouco tempo depois ele se comunicou com sua velha amiga e passaram a escrever um livro fascinante: *A Vida no Além-Túmulo* (título original *A World Beyond*). Esta obra foi lançada em 1973, pela Editora Record, Rio de Janeiro. Vamos transcrever um trecho desse trabalho:

*“Eu quis saber se os animais alcançam a imortalidade e Ford respondeu: **O tempo aqui não tem significado.** Nós não temos idade, pois existimos desde o princípio e somos sem fim... Nada morre. Quero frisar isso muito bem. Nada morre. Não existe a morte. Toda a matéria existe desde o início da criação, e nada perece, mas tudo é transformado em vários estados, assim como uma lagarta se torna uma borboleta e depois se desintegra em sua forma física quando o espírito passa para ainda outro estado de ser... Assim, a mosca que matamos em sua forma física emerge em outro estado mas não perde sua personalidade de mosca.”*

“O mesmo ocorre com um cão que é atropelado por um carro. O corpo físico volta à forma terrena, enquanto o espírito existe tão perpetuamente quanto qualquer outro espírito, para renascer várias vezes. Esta é uma lei imutável...” (Opus cit., p. 83).

O conhecido espiritualista e escritor inglês *Anthony Borgia* escreveu, inspirado pelo Espírito de Monsenhor *Robert Hugh Benson*, a obra *Life in*

the World Unseen, traduzida e publicada em português pela Editora Pensamento, São Paulo, 1974, sob o título: *A Vida nos Mundos Invisíveis*. Em suas descrições acerca do mundo dos Espíritos, Anthony Borgia focaliza inúmeros aspectos de raro interesse, entre eles **a existência de animais como os pássaros, árvores e flores nos diferentes planos do Além**. Vejamos um pequeno extrato dessa obra.

*“... Mas a principal característica do lugar era a quantidade de árvores, nenhuma alta, mas todas de vigoroso desenvolvimento. **Viam-se nos galhos os mais belos pássaros, cuja plumagem era uma orgia de cores.** Alguns voavam, outros passeavam majestosamente pelo chão. E não se atemorizavam conosco...”* (Opus cit., p. 89).

Francisco Cândido Xavier (Chico Xavier) psicografou a coleção ditada pelo *Espírito André Luiz*, cujo primeiro livro intitula-se **Nosso Lar**. Vamos colher desta obra os seguintes trechos em que se fazem referências a animais existentes no mundo espiritual:

*“Seis grandes carros, formato diligência, precedidos de **matilhas de cães alegres e barulhentas**, eram tirados por animais que, mesmo de longe me pareceram iguais aos muars terrestres. Mas a nota mais interessante era os **grandes bandos de aves**, de corpo volumoso, que voavam a curta distância, acima dos carros, produzindo ruídos singulares.”* (Opus cit., p. 183).

Entretanto, a informação mais curiosa é a seguinte:

“Os cães facilitam o trabalho, os muare suportam cargas pacientemente e fornecem calor nas zonas onde se faça necessário, e aquelas aves – acrescentou, indicando-as no espaço – que denominamos ibis viajores, são excelentes auxiliares dos Samaritanos, por devorarem as formas mentais odiosas e perversas, entrando em luta franca com as trevas umbralinas.” (Opus cit., p. 184).

Não faltam, nas regiões além-túmulo, particularmente nas zonas do Umbral, **formas animais monstruosas e apavorantes**. Em *Obreiros da Vida Eterna*, há uma referência a tais seres:

*“Verificou-se, então, o imprevisto. Certamente as entidades em súplica permaneciam jungidas ao mesmo lugar, mas **figuras animais e rastejantes**, lembrando sáurios de desconumais proporções, avançaram para a nossa caravana, ausentando-se da zona mais funda dos charcos. Eram em grande número e davam para estarrecer o ânimo mais intrépido...” (Opus cit., p. 84).*

Seriam, tais seres, os remanescentes dos primitivos sáurios que habitaram a Terra nos períodos Triássico e Jurássico? [...]. ⁽¹¹³⁾ (negrito dos títulos é do original)

A preocupação central de Hernani Andrade é provar a sobrevivência da alma dos animais e, em razão disso, cita os casos de aparições e materializações deles, inclusive alguns já citados em

outras fontes.

Temos, portanto, pelos fatos, a comprovação da manifestação de espíritos de animais, seja por aparições, seja por materializações. Julgamos que para que isso ocorra, devem eles estar em uma espécie de erraticidade, ainda que não seja exatamente igual à dos seres humanos.

E reportando-nos a Allan Kardec, que na ***Revista Espírita 1865***, afirmou:

[...] porque, não é evidentemente senão sobre os fatos que se pode assentar uma teoria sólida, fora disto não há senão opiniões ou sistemas. Os fatos são argumentos sem réplicas, dos quais é preciso cedo ou tarde aceitar as consequências quando são constatados. Foi este princípio que serviu de base à **Doutrina Espírita**, e é o que nos leva a dizer que **é uma ciência de observação.** ⁽¹¹⁴⁾

Aplicando esta outra fala de Allan Kardec, poderemos, sem qualquer constrangimento, até mudar de ideia em relação a animais na erraticidade: “[...] só adoto uma ideia quanto esta me parece racional, lógica e concorde com os fatos e as

observações, desde que nada de sério venha contrariá-la.” (115)

Resta apenas as dúvidas: Todos ficam, ou somente os ditos “animais superiores”? Em *O Livro dos Espíritos* foi dito que os animais encarnam “quase imediatamente” (116) e em *O Livro dos Médiuns*, afirmou-se “é logo utilizado” (117), quantos dias, meses ou anos as expressões representariam?

Produção mediúnica e experiência de médiuns

Citaremos três obras mediúnicas e também a experiência pessoal de dois renomados médiuns.

No livro **A Vida Além do Véu** (1921), publicado pelo Rev. George Vale Owen (1869-1931), vigário de Oxford, Inglaterra, com várias comunicações de sua mãe já desencarnada. Nós escolhemos a mensagem que foi recebida em 20 de outubro de 1913, da qual transcreveremos o seguinte trecho:



[...] Talvez fosse completo absurdo para muitos dizer-se-lhes que aqui temos verdadeiras casas sólidas, ruas, montes, árvore, **animais, pássaros, e que os animais não se encontram, unicamente, como ornamento, mas também por serem úteis;** que os cavalos, bois e outros **quadrúpedes são utilizados,** mas que se distraem com o trabalho, por maneira que é interessante observá-los. [...]. ⁽¹¹⁸⁾

Em **A Vida nos Mundos Invisíveis** (1948), o autor Anthony Borgia (1896-1989), reportou a vida no mundo espiritual do padre católico Monsenhor Robert Hugh Benson, a certa altura, narra seguinte:



A ilha correspondeu à nossa expectativa em beleza cênica. Não havia muitas habitações; as que podiam ser vistas eram apenas residências de verão. Mas a principal característica do lugar era a quantidade de árvores, nenhuma alta, mas todas de vigoroso desenvolvimento. **Viam-se nos galhos os mais belos pássaros, cuja plumagem era uma orgia de cores.** Alguns voavam, outros passeavam majestosamente pelo chão. E não se atemorizavam conosco. Acompanhavam-nos se estivéssemos andando; e se estendíamos os braços, os menores se empoleiravam nos dedos. Pareciam conhecer-nos, e saber que seria absolutamente impossível que os maltratássemos. Não tinham que viver em constante busca de alimentos nem se defender contra o que na terra seriam os seus inimigos naturais. Eram, como nós, parte do mundo eterno do espírito, gozando sua vida eterna, como nós o fazíamos.

Os pássaros de mais colorida plumagem eram evidentemente da espécie que vive na floresta tropical, e raramente vistos, até

chegarmos ao mundo espiritual. Pela perfeita adaptação de temperatura podiam eles viver tão bem quanto os de aparência menos espetacular. E, em grande harmonia, cantavam e chilreavam, numa verdadeira sinfonia. Nunca se ouvira tamanha exaltação sonora: cada som se confundia, de maneira extraordinária, com todos os outros; e mesmo assim, não eram estridentes embora o canto de alguns passarinhos fosse bastante alto. **Mas o que mais nos embevecia era a amizade pura e verdadeira que demonstravam em relação a nós – fato inédito, pois na terra os pássaros vivem, pode-se dizer, num mundo diferente do dos homens.** Aqui, porém, todos pertencíamos a um só mundo livre, e a compreensão entre nós e os pássaros era recíproca. Quando lhes falávamos sentíamos que compreendiam o que dizíamos, da mesma sutil maneira que nós podíamos compreender o que eles diziam. ⁽¹¹⁹⁾

Temos aí informações do Espírito Monsenhor Benson com base na sua experiência no mundo dos Espíritos.

Na mensagem “Uma Terra Aperfeiçoada”, de Maria João de Deus, constante de **Cartas de Uma Morta** (1935), psicografada por Chico Xavier, lemos:

Aqui, filho, sinto-me surpreendida, porque vejo uma espécie de continuação do planeta que

deixamos. Imagina a Terra, cheia de suas belezas naturais, porém, moralmente mais aperfeiçoada e terás a imagem dessa segunda esfera que me serve de habitação.

Temos casa, pássaros, animais, reuniões, institutos como os das famílias terrenas, onde se agrupam os espíritos através das mais santas afinidades. ⁽¹²⁰⁾

Essa é a primeira obra da lavra de Chico Xavier que menciona animais no mundo espiritual e não *Nosso Lar* da série André Luiz, como muitos pensam.

Em **Memórias de Um Suicida**, psicografia de Yvonne do Amaral Pereira (1900-1984), encontramos as seguintes referências a animais no mundo espiritual:

As macas, transportadas cuidadosamente, eram guardadas pelo cordão de isolamento já referido e abrigadas no interior de **grandes veículos** à feição de comboios, que acompanhavam a expedição. Esses comboios, no entanto, apresentavam singularidade interessante, digna de relato. Em vez de apresentarem os vagões comuns às estradas de ferro, como os que conhecíamos, lembravam, antes, meio de transporte primitivo, pois se compunham de pequenas diligências atadas uma às outras e rodeadas de persianas muito espessas, o que impediria ao passageiro verificar os locais

por onde deveria transitar. Brancos, leves, como burilados em matérias específicas habilmente laqueadas, **eram puxados por formosas parelhas de cavalos também brancos**, nobres animais cuja extraordinária beleza e elegância incomum despertariam nossa atenção se estivéssemos em condições de algo notar para além das desgraças que nos mantinham absorvidos dentro de nosso âmbito pessoal. Dir-se-iam, porém, exemplares da mais alta raça normanda, vigorosos e inteligentes, as belas crinas ondulantes e graciosas enfeitando-lhes os altivos pescoços quais mantos de seda, níveos e finalmente franjados. Nos carros distinguia-se também o mesmo emblema azul-celeste e a legenda respeitável. ⁽¹²¹⁾

Imenso parque ajardinado surpreendeu-nos para além dos marcos, enquanto amplos edifícios se elevavam em locais apazíveis da situação. Padronizando sempre o estilo português clássico, esses edifícios apresentavam muita beleza e amplas sugestões com suas arcadas, colunas, torres, terraços, onde flores trepadeiras se enroscavam acentuando agradável estética. Para quem, como nós, angustiados e miseráveis, procedia das atras [negras] regiões, semelhante localidade, não obstante insulsa, graças à inalterável brancura, aparecia como suprema esperança de redenção! E nem faltavam, aformoseando o parque, tanques com repuxos artísticos a esguicharem água límpida e cristalina, a qual tombava em silêncio, cascadeando mimosas gotas como pérolas, enquanto **aves mansas**,

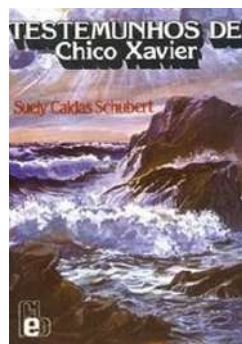
**bando de pombos graciosos esvoaçavam
ligeiros entre açucenas.** (122)

O benfazejo frescor matinal trazia-nos ao olfato perfume dulcíssimo, que afirmaríamos ser dos craveiros sanguíneos que as damas portuguesas tanto gostam de cultivar em seus canteiros, das glicínias mimosas, excitadas pelo orvalho saudável da alvorada. E **pássaros**, como se cantassem ao longe, **assobiavam ternas melodias**, completando a doçura do painel. (123)

Yvonne Pereira foi uma das mais destacadas médiuns brasileiras, autora de vários romances psicografados, dedicou-se à desobsessão e ao receituário mediúnico homeopático. (124)

Da obra **Testemunhos de Chico Xavier** (prefácio datado de

14 de julho 1986), de autoria de Suely Caldas Schubert, transcrevemos este trecho da carta datada de 25 de janeiro de 1951 que o médium

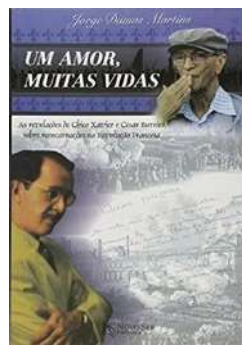


pedroleopoldense enviou a Wantuil de Freitas (1895-1974), então presidente da FEB, função que exerceu de 1943 a 1970, ou seja, durante 27 anos consecutivos. Vejamos, portanto, o teor da missiva:

“Em 1939, o meu irmão José deixou-me um desses amigos fiéis (um cão). Chama-se Lorde e fez-se o meu companheiro, inclusive de preces, porque, à noite, postava-se junto a mim, em silêncio, ouvindo música. Em 1945, depois de longa enfermidade, veio a falecer. Mas, no último instante, vi o Espírito de meu irmão aproximar-se e arrebatá-lo ao corpo inerte e, durante alguns meses, quando o José, em Espírito, vinha ter comigo era sempre acompanhado por ele, que se me apresentava à visão espiritual com insignificante diferença. Atrevo-me a contar-te as minhas experiências, porque também passaste agora por essa dor de perder um cão leal e amigo. Geralmente, quando falamos na sobrevivência dos animais, muita gente sorri e nos endereça atitudes de piedade. Mas a vida é uma luz que se alarga para todos. (...).” ⁽¹²⁵⁾ (itálico do original)

Nessa missiva de Chico Xavier a Wantuil de Freitas, temos o relato sobre o cão Lorde que acompanhava o seu irmão José Xavier, já desencarnado, quando esse o visitava.

Da obra ***Um Amor, Muitas Vidas: as revelações de Chico Xavier e César Burnier sobre reencarnações na Revolução Francesa*** (2007), de autoria do escritor Jorge Damas Martins,



graduado em psicologia pela Universidade Estácio de Sá, RJ, transcreveremos o seguinte trecho:

[...] E eram tantos os espíritos: amigos, parentes e guias... Ah! E o meu Bossuet – Jacques Bénigne Bossuet (1617-1704), padre e orador francês –, quantas orientações... E os passes, e os perfumes espirituais abundantes – que muitas vezes molhavam os visitantes –, tudo com a luz acesa e a janela escancarada para o mar... **Até um cachorrinho fantasma dava presença,** deixando alguns visitantes novos **incomodados com o balançar do seu *rabo*** debaixo da grande mesa da sala de visitas. E o César acalmava o visitante surpreso dizendo, com a maior naturalidade:

– **É o meu cachorrinho, o Lord. Ele já *morreu* há muitos anos, em Belo Horizonte.** Fique calmo, pois só quer te cheirar e já vai te deixar em paz.

E um sorriso imenso corria pelos rostos de todos os presentes... ⁽¹²⁶⁾ (itálico do original)

Se o Lord, estava “abanando o rabo” a ponto de incomodar as pessoas, não temos dúvida alguma de que ocorreu uma materialização, ainda que parcial.

É também oportuno citar algo acontecido com

o médium Divaldo Pereira Franco, registrado em **A Questão Espiritual dos Animais** (1998), que a Prof.^a Irvênia Prada narra da seguinte forma:

Certa feita, [Divaldo Franco] foi convidado a proferir uma palestra em Campo Grande-MS e lá foi recebido pela Sra. Maria Edviges Borges, então presidente da Federação Espírita do Mato Grosso do Sul. Ao chegar à **residência de sua anfitriã**, acompanhado por outros confrades, **teve um gesto de recuo ao dar conta da presença de um cão de grande porte no local**. Percebendo o que acontecera, as pessoas lhe disseram:

– O que foi, Divaldo?

Ele explicou sem rodeios:

– Eu **me assustei com o cão**, mas tudo bem agora!

Ouviu de seus acompanhantes, com surpresa:

– **Que cão, Divaldo, aqui não tem cão nenhum!**

Ele apontou para o cão e disse:

– **Foi este pastor aqui!**

Dona Maria Edviges, emocionada, foi explicando:

– **Divaldo, eu tive um cão pastor, mas ele morreu já faz meses!**

Uma das possibilidades é que **Divaldo**, pela sua aguçada mediunidade de vidência, **teria captado a presença da figura espiritual do cão, ainda**

retida no ambiente familiar por suas ligações afetivas com Dona Maria Edvigés, pois a morte não mata ninguém, muito menos o amor. ⁽¹²⁷⁾

Certamente, que isso é uma regra, embora não saibamos quais os motivos e as condições necessárias para que um animal se manifeste, mas o fato irrevogável é que manifesta.

A articulista Ama Elizabeth Cavalcanti, no artigo “O Céu dos Bichos”, publicado na revista **Espiritismo & Ciência**, faz comentários sobre a obra “O Céu dos Bichos, a Vida Espiritual dos animais que amamos” (Ideia e Ação), da médium norte-americana Sylvia Browne. Destacamos o seguinte trecho:

Segundo Browne, **os espíritos dos animais** não precisam subir porque o Céu (ou o Outro Lado) fica neste plano, mas **em outra dimensão**, e tem a mesma topografia do nosso mundo, exceto pelos lindos jardins, campos e templos. “Com minha visão mediúnica, **pude observar Jolie saltitando por um jardim de narcisos, brincando e encontrando meus outros cães já falecidos.** Essa visão me reconfortou um pouco, mas, como todo mundo que passa por um luto, eu me sentia traída. Embora estivesse feliz por vê-la alegre, eu

continuava tomada por um desejo egoísta de tê-la ao meu lado. Mas de qualquer forma, eu sabia que ela estava bem e que nós iríamos nos reencontrar um dia.” (128)

O nome Jolie citado, se refere a uma cadela da raça *west highland terrier*, que foi sacrificada pois passava por um caso grave de insuficiência cardíaca.

Na revista ***Espiritismo O Grande Consolador***, foi publicado o artigo “Animais, plano espiritual e erraticidade”, da articulista Simone Nardi Grama, do segundo parágrafo destacamos o seguinte trecho:

[...] O inglês Harold Sharp descreve, em sua monografia *Animais no Mundo Espiritual*, **suas experiências espirituais e mediúnicas diante da visão de inúmeros animais que haviam desencarnado.** [...]. (129)

Sempre julgamos importantes a experiências dos médiuns, por possuírem através de sua mediunidade uma percepção do mundo espiritual muito maior que a esmagadora maioria de nós. Ao confrontarmos os depoimentos deles poderemos ver

se o que cada um relata, comparado com os demais,
tem algum fundo de verdade ou não.

Na TCI também são registradas transimagens de ‘pets’

TCI é a sigla utilizada para identificar a Transcomunicação Instrumental, que tem por objeto a pesquisa das comunicações e/ou manifestações por qualquer aparelho eletrônico entre o mundo físico, onde vivem os “presos à matéria” e o mundo espiritual, no qual vivem os já “libertos do corpo físico”.

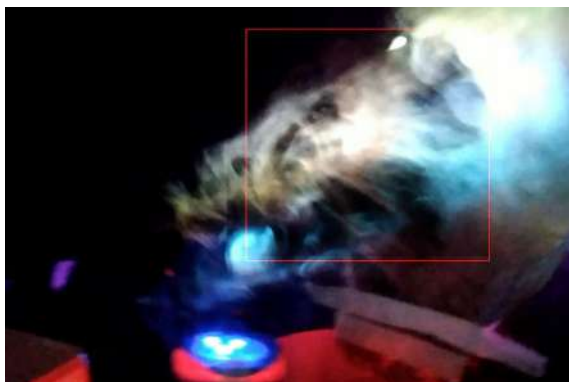
Elas surgiram espontaneamente, primeiro em gravadores, que hoje, seriam como dinossauros, fitas cassetes, que a nova geração não tem ideia do que seja, aparelhos de TV, rádios, telefones e, atualmente, através de computadores.

A pesquisadora Sonia Rinaldi, de São Paulo, destaca-se no Brasil, cujo trabalho é tão sério a ponto dela ser reconhecida internacionalmente. Foi fundadora do IPATI Instituto de Pesquisas Avançadas em Transcomunicação, (antes ANT (Associação Nacional dos Transcomunicadores).

Gentilmente nos autorizou a inserir nesse E-

book qualquer das transimagens de animais que julgássemos úteis e interessantes à nossa pesquisa, motivo pelo qual deixamos aqui registrado o nosso agradecimento a ela.

Vejamos algumas:





My Honey is younger now

We have been documenting for some time that, not only do people appear younger when they pass to the Other Side, animals do too. Below, we see Honey as a baby – when I got her as a present from a friend. On the next page, we see her at the age of 13-years-old.



At the age of 9, she became blind, and although I made the effort to offer her every possible treatment, it was not possible to recover her vision.



Remarkable Dog

This perfect and beautiful dog was shaped in the vapor. This happened during the workshop I hosted in Orlando, at Sandra Champlain's invitation. I recorded with each participant of the course, and during Shane's turn, this transimage appeared at his side.



Pode-se até questionar quanto a nitidez das imagens, mas não devemos desconsiderar que se trata de um processo ainda em andamento do qual nós humanos, além de não dominarmos a técnica, não temos o menor controle, já que todo ele ocorre ao arbítrio dos Espíritos que acompanham ou até mesmo coordenam essas pesquisas.

Para finalizar, lembraremos Bozzano: “Se a hipótese da existência, nos animais, de uma psique sobrevivente à morte do corpo tem fundamento, deveria haver casos de aparição *post-mortem* de fantasmas animais de uma maneira análoga à que se realiza para o homem.”

Aos que insistirão em dizer “*Isso non ecziste*”, responderemos com esta frase atribuída a Lavoisier: “Não há pedras no céu; por conseguinte elas não poderiam cair sobre a Terra.”

Resta-nos os que afirmarão que tudo é ilusão, a esses citaremos o episódio no qual o físico Du Moncel apresentou à Academia de Ciências o fonógrafo de Thomas Édison: “Miserável! Nós não seremos ludibriados por um ventríloquo!” (130)

IV - CONCLUSÃO E BIBLIOGRAFIA

Conclusão

Iniciamos nossa conclusão com esta frase que Bozzano, judiciosamente, disse: “Os fatos são fatos e saberão impor-se pela sua própria força, pouco a pouco, mau grado a tudo e a todos.” ⁽¹³¹⁾, porquanto seu teor tem tudo a ver com o que conseguimos levantar a respeito dos animais, seja quanto à questão da erraticidade, seja quanto às possibilidades extrassensoriais que possuem.

Apoiando-nos nos autores espíritas clássicos – Bozzano e Delanne – e no escritor Jean Prieur, apresentamos esta tabela na qual destacamos algo interessante que nos surgiu a respeito das manifestações dos animais:

Fontes →	Bozzano	Delanne	Prieur	Total
Aparições e Materializações	(¹) 51	(²) 12	15	78
Relação de afeto	14	09	13	36
Proporção do total	27%	75%	87%	46%
(¹) Itens 6, 7 e 8; (²) Excluídos os quer foram citados por Bozzano.				

Objetivamente podemos dizer que das aparições e das materializações dos animais, ou seja, dos “fantasmas-animais” que se manifestaram, uma quantidade significativa tinha relação afetiva com as pessoas envolvidas nos casos relatados: donos e/ou seus familiares.

E mais recentemente, citamos a Prof.^a Irvênia Prada, que, na atualidade, se destaca com sua produção literária sobre esse instigante tema.

Voltando a Allan Kardec, vejamos na **Revista Espírita 1859** isto que disse:

Assim, uma opinião pró ou contra é sempre uma opinião individual e não tem força de lei. O que faz a lei é a opinião geral, que se forma pelos fatos, a despeito de toda oposição, e que sobre os mais recalcitrantes exerce uma pressão irresistível. ⁽¹³²⁾

Para que fique evidenciado que, de forma intransigente, não podemos nos apoiar em apenas uma opinião, ainda que exarada de alguma parte da Codificação Espírita. Falamos daquilo que não esteja relacionado a pontos fundamentais bem definidos por Allan Kardec, mas a respeito de detalhamentos

deles, os quais ele não teve tempo de levar a efeito.

Para que nada fique em aberto, voltaremos ao que dissemos no capítulo “Considerações iniciais” em que mencionamos três pontos que foram alterados nos conceitos espíritas, isso ocorreu mais para o início da Codificação. Vamos explicitar cada um deles, para que se faça claro o motivo pelo qual os citamos.

1º) Sobre qual o momento da ligação do Espírito ao corpo

Na **1ª edição**, de 18 de abril de 1857, o tema foi tratado da seguinte forma:

86 – Em que momento **a alma se une ao corpo?**

“No nascimento.”

– Antes do nascimento a criança tem uma alma?

“Não”

– Como então vive?

“Como as plantas.”

Comentário de Allan Kardec:

86 – **A alma ou espírito se une ao corpo no momento em que a criança vê o dia e respira.**

Antes do nascimento a criança só tem a vida

orgânica sem alma. Ela vive como as plantas, tendo apenas o instinto cego de conservação, comum a todos os seres vivos. ⁽¹³³⁾

Na **2ª edição**, de 18 de março de 1860, mudou-se drasticamente o momento de ligação:

344. *Em que momento a alma se une ao corpo?*

“A união começa na concepção, mas só se completa no nascimento. **Desde o instante da concepção, o Espírito designado para habitar certo corpo a este se liga por um laço fluídico, que cada vez mais se vai apertando até o instante em que a criança vê a luz. [...].”** ⁽¹³⁴⁾
(itálico do original)

2º) Na sua evolução, o princípio inteligente passou por algum reino anterior ao humano?

O que os Espíritos disseram, quando da **1ª edição**:

127 – ***A alma do homem, não teria sido ela antes o princípio da vida dos últimos seres vivos da criação*** para chegar, por meio de uma lei progressiva, até ao homem, em percorrendo os diversos degraus da escala orgânica?

“Não, não! Homens nós somos desde natos”.

“Cada coisa progride na sua espécie e na sua essência; o homem jamais foi outra coisa que não um homem”. (135)

Eis o comentário de Allan Kardec:

127 – Qualquer que seja a diversidade das existências pelas quais passa nosso espírito ou nossa alma, elas pertencem todas à Humanidade; **seria um erro acreditar que, por uma lei progressiva, o homem passou pelos diferentes degraus da escala orgânica para chegar ao seu estado atual.** Assim, sua alma não pode ter sido antes o princípio da vida dos últimos seres animados da criação para chegar sucessivamente ao degrau superior: ao homem. (136)

A posição dos Espíritos e a do Codificador é que Espírito do ser humano jamais passou pelos vários reinos da natureza para chegar ao atual estágio, o hominal, é claríssima.

Na **2ª edição** de ***O Livro dos Espíritos***, Allan Kardec volta a questionar essa informação. Vejamos a nova posição nestas seguintes questões relativas ao tema:

606-a. A inteligência do homem e a dos animais emanam, portanto, de um único princípio?

“Sem dúvida alguma, mas no homem a inteligência passou por uma elaboração que a coloca acima da existente no animal.”

607. Foi dito que a alma do homem, em sua origem, corresponde ao estado da infância na vida corpórea, que sua inteligência apenas desabrocha e se ensaia para a vida (190). Onde passa o Espírito cumpre essa primeira fase?

“Numa série de existências que precedem o período a que chamais Humanidade.”

607-a. Assim, poder-se-ia considerar a alma como tendo sido o princípio inteligente dos seres inferiores da Criação?

“Já não dissemos que todo se encadeia na Natureza e tende para a unidade? É nesses seres, que estais longe de conhecer inteiramente, que o princípio inteligente se elabora, se individualiza pouco a pouco e se ensaia para a vida. É, de certo modo, um trabalho preparatório, como o da germinação, por efeito do qual o princípio inteligente sofre uma transformação e se torna *Espírito*. Entra então no período da humanização, começando a ter consciência do seu futuro, capacidade de distinguir o bem do mal e a responsabilidade dos seus atos, do mesmo modo que à infância sucede o período da adolescência, depois o da

juventude e, finalmente, o da maturidade. Aliás, nada há nessa origem que deva humilhar o homem. [...].”

611. ***O fato de os seres vivos terem uma origem comum no princípio inteligente não é a consagração da doutrina da metempsicose?***

“Duas coisas podem ter a mesma origem e absolutamente não se assemelharem mais tarde. Quem reconheceria a árvore, suas folhas, flores e frutos no gérmen informe contido na semente de onde ela saiu? **Desde que o princípio inteligente atinge o grau necessário para ser Espírito e entrar no período da humanização, já não guarda relação com o seu estado primitivo e já não é a alma dos animais**, como a árvore já não é a semente. No homem, só resta do animal o corpo e as paixões que nascem da influência do corpo e do instinto de conservação inerente à matéria. **Não se pode, pois, dizer que tal homem é a encarnação do Espírito de tal animal.** Consequentemente, a metempsicose, tal como a entendem, não é exata.” ⁽¹³⁷⁾ (itálico do original, sublinhado nosso)

Dentro do que foi acima colocado, para nós, o princípio inteligente, que hoje se encontra no reino hominal, passou, progressivamente, por experiências nos seres inferiores, na situação mencionada nas perguntas e respostas, no reino animal.

É necessário esclarecer que esse entendimento é ainda polêmico no movimento espírita, porquanto alguns confrades colocam o início da evolução do princípio inteligente no reino mineral, na sequência, passa pelo reino vegetal antes de chegar ao reino animal. (138)

3º) Se a posse física (possessão) do encarnado ocorre ou não.

a) Em **O Livro dos Espíritos**, no cap. IX, lemos:

473. Um Espírito pode tomar momentaneamente o invólucro corpóreo de uma pessoa viva, isto é, introduzir-se num corpo animado e agir no lugar do Espírito que nele se encontra encarnado?

“O Espírito não entra num corpo como entras numa casa. Identifica-se com um Espírito encarnado, cujos defeitos e qualidades sejam os mesmos que os seus, a fim agirem conjuntamente. Mas é sempre o Espírito encarnado quem atua, conforme queira. Um Espírito não pode substituir-se ao que está encarnado, pois este terá que permanecer ligado ao seu corpo até o termo fixado para sua existência material.” (139)

b) Em **O Livro dos Médiuns**, no cap. – Da

Obsessão, o assunto é novamente tratado da seguinte forma:

240. A *subjugação* é uma opressão que paralisa a vontade daquele que a sofre e o faz agir contra a sua vontade. Numa palavra: o paciente fica sob um verdadeiro *jugo*.

A subjugação pode ser *moral* ou *corpórea*. No primeiro caso, o subjugado é constrangido a tomar decisões muitas vezes absurdas e comprometedoras que, por uma espécie de ilusão, ele julga sensatas: é uma espécie de fascinação. No segundo caso, o Espírito atua sobre os órgãos materiais e provoca movimentos involuntários. Revela-se, no médium escrevente, por uma necessidade incessante de escrever, ainda nos momentos mais inoportunos. [...].

[...].

241. Dava-se antigamente o nome de *possessão* ao domínio exercido pelos Espíritos maus, quando a influência deles ia até a aberração das faculdades da vítima. A *possessão* seria, para nós, sinônimo da *subjugação*. **Deixamos de adotar esse termo por dois motivos:** primeiro, porque implica a crença de seres criados para o mal e perpetuamente votados ao mal, ao passo que não há seres, por mais imperfeitos que sejam, que não possam melhorar-se; segundo, **porque implica igualmente a ideia do “apoderamento” de um corpo por um Espírito estranho, de uma espécie de coabitação, quando, na verdade, só existe constrangimento.** A palavra *subjugação*

exprime perfeitamente a ideia. Assim, para nós, não há *possessos*, no sentido vulgar do termo, há somente *obsidiados*, *subjugados* e *fascinados*. ⁽¹⁴⁰⁾
(itálico do original)

Então, até aqui, nessas duas obras, é afirmado que um desencarnado não pode “entrar” no corpo físico de um encarnado. Mas Allan Kardec vai, progressivamente, se rendendo aos fatos que se apresentam.

Ao que nos parece, isso ocorre inicialmente com os possessos de Morzine ⁽¹⁴¹⁾, e, sem o menor constrangimento, ele muda de posição, registrando-a no artigo “Um caso de Possessão – Senhorita Julie”, publicado na **Revista Espírita 1863**:

Um caso de possessão

Senhorita Julie

Dissemos que não havia possessos no sentido vulgar da palavra, mas subjugados; **retornamos sobre esta afirmação muito absoluta, porque nos está demonstrado agora que pode ali haver possessão verdadeira, quer dizer, substituição, parcial no entanto, de um Espírito errante ao Espírito encarnado**. Eis um primeiro fato que é a prova disto, e que apresenta o fenômeno em toda a sua simplicidade.

Várias pessoas achavam-se um dia na casa de uma senhora médium sonâmbula. **De repente esta tomou ares todos masculinos, sua voz mudou,** e, dirigindo-se a um dos assistentes, exclamou: 'Ah! meu caro amigo, quanto estou contente de te ver!' Surpreso, perguntou-se-lhe o que isso significava. A senhora retomou: 'Como! meu caro, tu não me reconheces? Ah! é verdade; estou todo coberto de lama! Sou Charles Z...' A este nome, os assistentes se lembraram de um senhor morto, alguns meses antes, atingido de um ataque de apoplexia, na beira de um caminho; tinha caído num fosso, de onde se tinha retirado seu corpo, coberto de lama. **Ele declara que,** querendo conversar com seu antigo amigo, **aproveitou de um momento em que o Espírito da senhora A..., a sonâmbula, estava afastado de seu corpo, para se colocar em seu lugar.** Com efeito, tendo se renovado esta cena vários dias seguidos, **a senhora A... tomava cada vez as poses e as maneiras habituais do Sr. Charles,** virando-se sobre a costa da poltrona, cruzando as pernas, roçando o bigode, passando os dedos sobre seus cabelos, de tal sorte que, salvo o vestuário, **poder-se-ia crer ter o Sr. Charles diante de si;** no entanto, não havia transfiguração, como vimos em outras circunstâncias. Eis algumas de suas respostas:

P. Uma vez que tomastes posse do corpo da senhora A..., poderíeis ali ficar? – *R.* Não, mas isso não é a boa vontade que me falta.

P. Por que não o podeis? – *R.* Porque seu Espírito está sempre preso ao seu corpo. Ah! se eu

pudesse romper esse laço, *pregar-lhe-ia uma peça.*

P. Que fez durante esse tempo o Espírito da senhora A...? - R. Estava lá, ao lado, me olhava e ria de ver-me nesse vestuário. ⁽¹⁴²⁾ (itálico do original)

Vejamos o seguinte trecho do comentário de Allan Kardec:

A possessão é aqui evidente e ressalta melhor dos detalhes, que seria muito longo reportar; **mas é uma possessão inocente e sem inconveniente. Não ocorre o mesmo quando ela é o fato de um Espírito mau e mal intencionado;** pode então ter consequências tanto mais graves quanto esses Espíritos sejam tenazes, e que se torna, frequentemente, muito difícil livrar deles o paciente do qual fazem sua vítima. [...]. ⁽¹⁴³⁾

Completa ainda Allan Kardec “[...] pudemos observar o fenômeno nos mais minuciosos detalhes, fenômeno no qual reconhecemos imediatamente uma analogia completa com os dos possessos de Morzine” ⁽¹⁴⁴⁾

Portanto, não há dúvida de que o caso dos possessos de Morzine foi reclassificado, passando a

ser considerado como possessão física e não mais como subjugação (145).

c) Em **A Gênese**, cap. no capítulo XIV – Os Fluidos, Allan Kardec já publica o novo entendimento:

47. Na obsessão, o espírito age externamente com a ajuda do perispírito, que ele identifica com o do encarnado, este, então, fica enlaçado, como em uma teia, e constrangido a se comportar de modo contrário à sua vontade.

Na possessão, ao invés de agir externamente, o espírito encarnado, elege o seu corpo para domicílio, sem que este, no entanto, seja abandonado pelo seu dono, uma vez que isso só pode acontecer com a morte. **Assim, a possessão é sempre temporária e intermitente**, porque um espírito desencarnado não pode tomar definitivamente o lugar e a condição de um encarnado, pelo fato de a união molecular do perispírito e do corpo só ocorrer unicamente no momento da concepção. (Cap. XI, nº 18.)

Momentânea apossado do corpo do encarnado, o espírito serve-se dele como se fosse o seu: fala pela sua boca, vê pelos seus olhos, age com os seus braços, como o faria se estivesse vivo. Não é como na mediunidade falante (psicofonia), em que o espírito encarnado fala transmitindo o pensamento de um desencarnado. **No caso da possessão é o**

obsessor mesmo que fala e atua; quem o tenha conhecido em vida, reconhece o seu jeito de falar, a sua voz, os seus gestos e até a expressão da sua fisionomia. (146)

Portanto, Allan Kardec deixou consignado em *A Gênese*, última obra que publicara, o seu último posicionamento sobre a possessão física. Fato que muitos espíritas desconhecem, firmando pé que não há posse física.

Temos aí as três mudanças significativas de conceitos, mas talvez desconhecidas da maioria dos espíritas.

A primeira, relacionada ao momento da ligação do Espírito ao corpo, não sabemos o porquê e nem encontramos alguma justificativa. Mas o fato é, que os Espíritos envolvidos na elaboração da Codificação Espírita mudaram o que haviam dito e que foi dado como certo por Allan Kardec.

A segunda, sobre o Espírito humano veio, por evolução, do reino animal, podemos seguramente afirmar que a ciência proporcionou ou deu abertura para a mudança, quando, em 1859, Charles Darwin (1809-1882) apresentou ao mundo a obra *“A origem*

das Espécies”.

Pensamos que diante desse fato, Allan Kardec voltou ao tema, que foi reformulado pelos Espíritos que lhe assistiam.

A última, a nosso ver foram os fatos que deram origem à mudança de conceito, quando o Codificador se viu às voltas com os possessos de Morzine e da Srta. Julie.

Temos aí, portanto, aos desavisados que insistem em fechar a Doutrina Espírita, não permitindo que nada nela seja mudado e, pior ainda, acrescentar-lhe algo de novo.

Bibliografia

- ANDRADE, H. G. *Você e a Reencarnação*. Bauru (SP) CEAC, 2002.
- AZAMBUJA, R. C. *Animais e Espiritismo*. Capivari (SP): EME, 2014.
- BENEDETI, M. *Todos os Animais São Nossos Irmãos*. São Paulo: Mundo Maior, 2012.
- BENEDETI, M. *Qual a Sua Dúvida Para o Tema: A Espiritualidade dos Animais*. São Paulo: Mundo Maior Editora, 2012.
- BORGIA, A. *A Vida nos Mundos Invisíveis*. São Paulo: Pensamento, 1991.
- BOZZANO, E. *Animismo e Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- BOZZANO, E. *Os Animais têm Alma?* Niterói (RJ): Lachâtre, 2004.
- CAVALCANTI, A. E. *O Céu dos Bichos*, in. *Espiritismo & Ciência*, nº 4, São Paulo: Mythos Editora, s/d, p. 18-21.
- DAMAS, J. D. *Um Amor, Muitas Vidas: As revelações de Chico Xavier e César Burnier sobre reencarnações na Revolução Francesa*. Rio de Janeiro: Novo Ser Editora, 2010.
- DELANNE, G. *A Alma é Imortal*. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- DELANNE, G. *A reencarnação*. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- FIGUEIREDO, P. H. *Autonomia: a História Jamais Contada do Espiritismo*. São Paulo: FEAL, 2019.

- FLAMMARION, C. *O Desconhecido e os Problemas Psíquicos*. vo. I. Rio de Janeiro: FEB, 2001.
- GELEY, G. *O Ser Subconsciente: Ensaio de Síntese Explicativa dos Fenômenos Obscuros da Psicologia Normal e Anormal*. Rio de Janeiro: FEB, 1998.
- GOLDSTEIN, K. W. *A Transcomunicação Através dos Tempos*. São Paulo: Ed. Jornalística Fé, 1997.
- GRAMA, S. N. *Animais, Plano Espiritual e Erraticidade*. in. *Espiritismo o Grande Consolador*, nº 5, p. 6-10.
- KARDEC, A. *A Gênese*. Rio de Janeiro: CELD, 2010.
- KARDEC, A. *Obras Póstumas*. Rio de Janeiro: FEB, 2006.
- KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos – Primeira Edição de 1857*. São Paulo: IPECE, 2004.
- KARDEC, A. *O Livro dos Médiuns*. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. *O Livro dos Médiuns*. São Paulo: LAKE, 2006.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1859*. Sobradinho (DF): EDICEL, 2010.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1860*. Sobradinho (DF): Edicel, 2011.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1861*. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1862*, Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1863*, Araras (SP): IDE, 2000.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1864*, Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1865*. Araras (SP): IDE, 2000.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1866*, Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. *Revista Espírita 1868*. Araras (SP): IDE, 1993.

- KARDEC, A. *Revista Espírita 1869*. Araras (SP): IDE, 2001.
- KARDEC, A. *Revue Spirite 1865*. (PDF) Paris (Fr): Union Spirite Française et Francophone, 1865.
- KERNER, J. *A Vidente de Prevorst*. Matão (SP): O Clarim, 1979.
- KÜHL, E. *Animais, Nossos Irmãos*. São Paulo: Petit Editora, 2004.
- LOUREIRO, C. B. *Fenômenos Espiritas no Mundo Animal*. São Paulo: Editora Mnêmio Túlio, 1997.
- MARTINS, C. *A Alma dos Animais*. São Paulo: DPL, 2001.
- MARTINS, J. D. *Um Amor, Muitas Vidas: as revelações de Chico Xavier e César Burnier sobre reencarnações na Revolução Francesa*. Rio de Janeiro: Novo Ser Editora, 2010.
- MIRANDA, H. C. *O Que é o Fenômeno Anímico?* São Bernardo do Campo (SP): Correio Fraterno, 2011.
- NOVAES, A. *Psicologia e Mediunidade*. (PDF). Salvador: Fundação Lar Harmonia, 2002.
- OWEN, G. V. *A Vida Além do Véu*. Rio de Janeiro: FEB, 1983.
- OWEN, R. D. *Região em Litígio Entre Este Mundo e o Outro*. Rio de Janeiro: FEB, 1982.
- PEREIRA, Y. A. *Memórias de Um Suicida*. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- PIRES, J. H. *Mediunidade (Vida e Comunicação)*. São Paulo: EDICEL, 1987.
- PRADA, I. L. S. *A Questão Espiritual dos Animais*. São Paulo: FE Editora Jornalística, 2019.
- PRIEUR, J. *A Alma dos Animais*. Bragança Paulista (SP):

Lachâtre, 2014.

RICHET, C. *A Grande Esperança*. São Paulo: Lake, 1999.

ROHDEN, H. *Lampejos evangélicos*. São Paulo: Martin Claret, 1995

SCHUBERT, S. C. *Testemunhos de Chico Xavier*. Rio de Janeiro: FEB, 1998.

SCHUTEL, C. *Gênese da Alma*. Matão (SP): O Clarim, 1982.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Alma dos animais: Estágio Anterior da Alma Humana?* Divinópolis (MG) Ethos Editora, 2019.

XAVIER, F. C. *Cartas de Uma Morta*. São Paulo: LAKE, 1981.

XAVIER, F. C. *Evolução em Dois Mundos*. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

Periódicos:

Espiritismo & Ciência, nº 04, São Paulo: Mythos Editora, s/d.

Espiritismo O Grande Consolador, nº 5. São Paulo: Mythos Editora, s/d.

Internet:

Imagem “A criança e o cãozinho”:

https://imagens.mensagemespírita.com.br/images/uploads/posts_file_foto/ar-784x400-animais1.jpg. Acesso em: 28 nov. 2019.

ESPIRITISMO SOB A CODIFICAÇÃO DE KARDEC, *Os animais no mundo espiritual*, postado em 11.04.2021, <https://www.facebook.com/groups/671149517061166/>. Acesso em 14.04.2021.

FEP – Federação Espírita do Paraná, *Gustave Geley*, disponível em: <http://www.feparana.com.br/topico/?topico=517>. Acesso em: 05 fev. 2021.

Metapsíquica:

<http://www.guia.heu.nom.br/metapsiquica.htm>. Acesso em: 29 nov. 2019.

SILVA NETO SOBRINHO, P. N. *O Espiritismo ainda não tem ponto final*, disponível em: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/3-artigos-e-estudos/834-o-espiritismo-ainda-nao-tem-ponto-final>. Acesso em: 05 fev. 2021.

UEM – *Ernesto Bozzano*, disponível em:

<https://www.uemmg.org.br/biografias/ernesto-bozzano>. Acesso em: 04 fev. 2021.

WIKIPÉDIA, Yvonne do Amaral Pereira, disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Yvonne_do_Amaral_Pereira. Acesso em: 24 fev. 2021.

Transimagens: Fotos cedidas por Sonia Rinaldi.

- 1 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, questão 601, p. 274.
- 2 XAVIER, *Evolução em Dois Mundos*, p. 212.
- 3 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, questões 593 e 595, p. 272-273.
- 4 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, cap. XXII, item 236, p. 256.
- 5 Pode ser adquirido na Ethos Editora, de Divinópolis (MG), pelo link: <https://www.ethoseditora.com.br/produto/alma-dos-animais-estagio-anterior-da-alma-humana/> (e-mail: captacao@geec.org.br, tel.: (37) 3222-3163)
- 6 ROHDEN, *Lampejos Evangélicos*, p. 189.
- 7 SILVA NETO SOBRINHO, O Espiritismo ainda não tem ponto final, disponível em: <http://www.paulosnetos.net/artigos/summary/3-artigos-e-estudos/834-o-espiritismo-ainda-nao-tem-ponto-final>
- 8 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 223.
- 9 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 122.
- 10 DENIS, *Depois da Morte*, p. 171.
- 11 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 127-128.
- 12 MIRANDA, *O que é fenômeno anímico?*, p. 149.
- 13 Ver *O Livro dos Espíritos*, Livro Segundo, Capítulo XI – Os três reinos, tópico “Os animais e o homem”.
- 14 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, questões 599, p. 274.
- 15 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, questão 600, p. 274.
- 16 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, questão 600, p. 274.
- 17 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 216.
- 18 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 276.
- 19 Aos que, porventura, não aceitam a existência de colônias no mundo espiritual, recomendamos o nosso livro “**As Colônias Espirituais e a Codificação**”, publicado pela Ethos Editora, de Divinópolis (MG): captacao@geec.org.br, tel.: (37) 3222-3163.
- 20 BENEDETI, *Qual a sua Dúvida para o Tema: A Espiritualidade dos Animais*, p. 308.
- 21 PRADA, *A Questão Espiritual dos Animais*, p. 225-227.
- 22 BENEDETI, *Todos os Animais São Nossos Irmãos*, p. 184-187.
- 23 Metapsíquica – (do gr. *meta* – além + *psikê* – alma + suf.). Ciência estabelecida e estruturada por Charles Richet, destinada a estudar os fenômenos que transcendiam à Psicologia e que fugiam ao

- domínio físico da ciência dita materialista. [...].
(<http://www.guia.heu.nom.br/metapsiquica.htm>)
- 24 RICHET, A *Grande Esperança*, p. 163.
 - 25 ESPIRITISMO SOB A CODIFICAÇÃO DE KARDEC, *Os animais no mundo espiritual*,
<https://www.facebook.com/groups/671149517061166/>
 - 26 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 220.
 - 27 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 218-219.
 - 28 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 251-252.
 - 29 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 253-255.
 - 30 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 256-257.
 - 31 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 196-198.
 - 32 Provavelmente trata-se da “cesta de bico”, descrita em *O Livro dos Médiuns*, cap. 2ª parte, item 154, p. 166.
 - 33 Números 22,20-41.
 - 34 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 249.
 - 35 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 246-247.
 - 36 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 255.
 - 37 NOVAES, *Psicologia e Mediunidade*, p. 159-160.
 - 38 Kardec informa que se trata de “Extrato da obra alemã: *Os Fenômenos místicos da vida humana*, por Maximilien Perty, professor na universidade de Berna. – Leipzig e Heidelberg, 1861.”
 - 39 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 23-24.
 - 40 Na versão francesa: “[...] à moins d'admettre que la matière brute: **le bois**, la pierre, etc., puisse avoir de l'imagination. (KARDEC, *Revue Spirite*, p. 271). A tradução correta de “le bois” é “a madeira” e não “o boi” como consta na edição do IDE, traduzida por Salvador Gentile (1927-2018).
 - 41 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 270-276.
 - 42 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 276.
 - 43 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 319-320.
 - 44 N.T.: *Edinburgh Medical and Surgical Journal*, vol. LXIV, págs. 1867.
 - 45 OWEN, R. *Região em Litígio Entre Este Mundo e o Outro*, p. 247-249.
 - 46 Galgo: raça de cão.

- 47 N.T.: "Incursões nas fronteiras de outro mundo", pág. 326.
- 48 Mastim: raça de cão.
- 49 N.T.: "Os milagres e o moderno espiritualismo", pág. 112.
- 50 DELANNE, *A Alma é Imortal*, p. 121-124.
- 51 SCHUTEL, *Gênese da Alma*, p. 84-85.
- 52 KERNER, *A Vidente de Prevorst*, p. 201-202.
- 53 BOZZANO, *Os Animais Têm Alma?*, p. 25-26.
- 54 DELANNE, *A Reencarnação*, p. 113.
- 55 PRIEUR, *A Alma dos Animais*, p. 119.
- 56 PRIEUR, *A Alma dos Animais*, p. 119-120.
- 57 LOUREIRO, *Fenômenos Espiritas no Mundo Animal*, p. 67-68.
- 58 N.T.: Segundo entendimentos com o plano espiritual, agendou-se data (04/05/91) em que o Espírito Álvaro, líder de uma grande equipe de Espíritos zoófilos, respondeu pessoalmente a 64 questões sobre os animais, previamente organizadas e formuladas por integrantes do Grupo da Fraternidade Espírita Irmão Américo, do Jardim Amanda, em Hortolândia, SP. A convite do grupo, participei e agradeço.
- 59 PRADA, *A Questão Espiritual dos Animais*, p. 222.
- 60 BOZZANO, *Os Animais Têm Alma?*, p. 13-15.
- 61 BOZZANO, *Os Animais Têm Alma?*, p. 18-19.
- 62 DELANNE, *A Reencarnação*, p. 92-93.
- 63 MARTINS, C. *A Alma dos Animais*, p. 68-69.
- 64 N.T.: Fouts R. Mills ST. *O parente mais próximo*. Rio de Janeiro: Objetiva; 1998.
- 65 N.T.: Fouts R. Mills ST. *O parente mais próximo*. Rio de Janeiro: Objetiva; 1998.
- 66 N.T.: Bozzano E. *Les manifestations métapsychiques des animaux. 130 cas prouvant la médiumnité animale*. Paris: JMG Editions; 2001.
- 67 PRADA, *A Questão Espiritual dos Animais*, p. 248-249.
- 68 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, LAKE, p. 114.
- 69 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 214-216.
- 70 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, LAKE, p. 112.
- 71 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, LAKE, p. 116.

- 72 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, LAKE, p. 117.
- 73 KARDEC, *A Gênese*, p. 306.
- 74 KARDEC, *Revista Espírita* 1858, p. 169-170.
- 75 KARDEC, *Revista Espírita* 1869, p. 78.
- 76 DELANNE, *A Reencarnação*, p. 106.
- 77 KARDEC, *Revista Espírita* 1864, p. 344-345.
- 78 KARDEC, *Revista Espírita* 1866, p. 245.
- 79 BOZZANO, *Os Animais Têm Alma?*, p. 10.
- 80 BOZZANO, *Os Animais Têm Alma?*, p. 10.
- 81 BOZZANO, *Os Animais Têm Alma?*, p. 121-122.
- 82 AZAMBUJA, *Animais e Espiritismo*, p. 95-96.
- 83 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 114.
- 84 KARDEC, *Revista Espírita* 1865, p. 127-132.
- 85 KARDEC, *Revista Espírita* 1865, p. 132-133.
- 86 KARDEC, *Revista Espírita* 1865, p. 133-134.
- 87 SCHUTEL, *Gênese da Alma*, p. 102-103.
- 88 PRIEUR, *A Alma dos Animais*, p. 121-122.
- 89 FIGUEIREDO, *Autonomia: a História Jamais Contada do Espiritismo*, p. 57.
- 90 KARDEC, *Revista Espírita* 1865, p. 44.
- 91 FEP – Federação Espírita do Paraná, Gustave Geley, disponível em: <http://www.feparana.com.br/topico/?topico=517>
- 92 GELEY, *O Ser Subconsciente: Ensaio de Síntese Explicativa dos Fenômenos Obscuros da Psicologia Normal e Anormal*, p. 23-24.
- 93 RICHET, *A Grande Esperança*, p. 174-175.
- 94 KARDEC, *Revista Espírita* 1865, p. 323.
- 95 Caso XI publicado por Bozzano em *Os Animais Têm Alma?*, p. 29-30.
- 96 N.T.: Deixo de mencionar quatro outros casos: **Procoedings of the S.P.R.**, v. X, pág. 127; **Phantasm of the Living**, v. II, pág. 446; **Journal of the S. P. R.**, v. VI, pág. 375; **Journal of the S. P. R.**, v. XII, pág. 21. (grifo do original)
- 97 N.T.: *Revue Scientifique et Morale du Spiritisme*, setembro, 1907, pág 190.

- 98 N.T.: *Revue Scientifique et Morale du Spiritisme*, maio, 1914.
- 99 Quatro casos de Gustave Geley são citados por Bozzano entre os dez não numerados, em *Os Animais Têm Alma?*, p. 118-121.
- 100 N.T.: *Rev. Mét.*, julho 1901, jan. 1923, nov. 1923: materialização de forma animais com o médium Guzik.
- 101 DELANNE, *A Reencarnação*, p. 105-116.
- 102 UEM – *Ernesto Bozzano*, disponível em:
<https://www.uemmg.org.br/biografias/ernesto-bozzano>
- 103 PRADA, *A Questão Espiritual dos Animais*, p. 224-225.
- 104 BOZZANO, *Os Animais Têm Alma?*, p. 104-106.
- 105 BOZZANO, *Os Animais Têm Alma?*, p. 133-134.
- 106 BOZZANO, *Os Animais Têm Alma?*, p. 117-118.
- 107 BOZZANO, *Os Animais Têm Alma?*, p. 115.
- 108 BOZZANO, *Os Animais Têm Alma?*, p. 147.
- 109 BOZZANO, *Os Animais Têm Alma?*, p. 148-149.
- 110 PIRES, *Mediunidade (Vida e Comunicação)*, p. 97-98.
- 111 MONTANDON, H. C. R. *De la Bête à l'Homme* (Montandon, 1943).
- 112 GOLDSTEIN, *A Transcomunicação Através dos Tempos*, p. 42-43.
- 113 ANDRADE, *Você e a Reencarnação*, p. 69-77.
- 114 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 276.
- 115 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 212.
- 116 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, q. 600, p. 274.
- 117 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, item 283, q. 36, p. 313.
- 118 OWEN, G. *A Vida Além do Véu*, p. 139.
- 119 BORGIA, *A Vida nos Mundos Invisíveis*, p. 89.
- 120 XAVIER, *Cartas de Uma Morta*, p. 67.
- 121 PEREIRA, *Memórias de Um Suicida*, p. 29.
- 122 PEREIRA, *Memórias de Um Suicida*, p. 59.
- 123 PEREIRA, *Memórias de Um Suicida*, p. 416.
- 124 WIKIPÉDIA, *Yvonne do Amaral Pereira*, disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Yvonne_do_Amaral_Pereira
- 125 SCHUBERT, *Testemunhos de Chico Xavier*, 283-284.

- 126 MARTINS, *Um Amor, Muitas Vidas: as revelações de Chico Xavier e César Burnier sobre reencarnações na Revolução Francesa*, p. 19.
- 127 PRADA, *A Questão Espiritual dos Animais*, p. 37-38.
- 128 CAVALCANTI, *O Céu dos Bichos*, in: *Espiritismo & Ciência*, nº 04, p. 21.
- 129 GRAMA, *Animais, Plano Espiritual e Erraticidade*, in: *Espiritismo O Grande Consolador*, nº 5, p. 6.
- 130 FLAMMARION, *O Desconhecido e os Problemas Psíquicos*, p. 21.
- 131 BOZZANO, *Animismo e Espiritismo*, p. 14.
- 132 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 304-305.
- 133 KARDEC, *O Livro dos Espíritos – Primeira Edição de 18 de abril de 1857*, questão 86, p. 55.
- 134 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 188.
- 135 KARDEC, *O Livro dos Espíritos – Primeira Edição de 1857*, p. 65.
- 136 KARDEC, *O Livro dos Espíritos – Primeira Edição de 1857*, p. 65.
- 137 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 276-278.
- 138 Em nosso livro *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?*, nós desenvolvemos com maior amplitude este tema, razão pela qual o recomendamos aos interessados.
- 139 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 233.
- 140 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 261-262.
- 141 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 321.
- 142 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 373-374.
- 143 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 373-374.
- 144 N.T.: Ver a *Instrução sobre os possessos de Morzine*, *Revista Espírita* de dezembro de 1862, janeiro, fevereiro, abril e maio de 1863.
- 145 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 357 e 362; *Revista Espírita 1863*, p. 34, 35, 36, 38 e 55.
- 146 KARDEC, *A Gênese*, p. 328.



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhões, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Escreveu vários artigos que foram publicados em seu site www.paulosnetos.net e alguns outros sites Espíritas na Web.

Livros publicados:

a) impressos: 1) *A Bíblia à Moda da Casa*; 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?*; 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas*; 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica*; 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação*; e 6) *Kardec & Chico: dois missionários*;

b) E-books: 1) *Espiritismo e Aborto*; 2) *Kardec & Chico: 2 missionários. Volume II*, 3) *Kardec & Chico: 2 missionários. Volume III*; 4) *Racismo em Kardec?*; 5) *Espírito de Verdade, quem seria ele?*; 6) *A Reencarnação tá na Bíblia*; 7) *Manifestações de Espírito de pessoa viva (em que condições elas acontecem)*; 8) *Homossexualidade, Kardec já falava sobre isso*; 9) *Chico Xavier, verdadeiramente uma alma feminina*; 10) *Os nomes dos títulos dos Evangelhos designam seus autores?*; 11) *Apocalipse: autoria, advento e a identificação da besta*; 12) *Francisco de Assis e Chico Xavier seriam o mesmo Espírito?*; 13) *A mulher na Bíblia*; 14) *Todos nós somos médiuns?*; 15) *Os seres do invisível e as provas ainda recusadas pelos cientistas*; 16) *O Perispírito e as polêmicas a seu respeito*; 17) *Allan Kardec e a lógica da reencarnação*; 18) *O fim dos tempos está próximo?*; 19) *Obsessão, processo de cura de casos graves*; e 20) *Umbral, há base doutrinária para sustentá-lo?*

Belo Horizonte, MG.

e-mail: paulosnetos@gmail.com